

CÉLIA M. MAGALHÃES
(organizadora)

FOCALIZAÇÃO NA TRADUÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS



FALE
FACULDADE
DE LETRAS

UF *m* **G**

TRIBO
ILHA
EDITORA

CÉLIA M. MAGALHÃES
(organizadora)

FOCALIZAÇÃO NA TRADUÇÃO DE TEXTOS LITERÁRIOS

FALE

FACULDADE
DE LETRAS

U F *m* G


 **TRIBO DA
ILHA**
EDITORA

Florianópolis, 2021

Focalização na tradução de textos literários
1ª Edição

© Copyright by Célia M. Magalhães

COMISSÃO EDITORIAL

Prof. Dr. Ariel Novodvorski – UFU
Profa. Dra. Carolina Pereira Barcellos – UnB
Profa. Dra. Denise Regina de Sales – UFRGS
Prof. Dr. José Luiz Vila Real Gonçalves – UFOP
Prof. Dr. Leonardo Pereira Nunes – UFMG
Prof. Dr. Pedro Henrique Lima Praxedes Filho – UECE
Prof. Dr. Roberto Carlos Assis – UFPB

Projeto gráfico e Diagramação

Ryan Dias e Rita Motta- Ed. Tribo da Ilha

Ilustração de capa

Ana Luiza Lacerda

Revisão textual

Michela Silva Moreira

F652 Focalização na tradução de textos literários [recurso eletrônico] / Célia M. Magalhães (organizadora). – 1. ed. – Florianópolis (SC): Tribo da Ilha, 2021.

Formato: PDF

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: http://www.letas.ufmg.br/site/index.php/pt-BR/elivros_

ISBN: 978-65-86602-34-0 (e-book)

Inclui referências, apêndice e anexo.

1. Tradução e interpretação. 2. Narratologia. 3. Valoração. 4. Análise do discurso. 5. Tradução literária. 6. Variações semânticas. I. Magalhães, Célia Maria. II. Título.

CDU: 801=03

Catálogo na publicação por: Onélia Silva Guimarães CRB-14/071

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. É proibida a reprodução parcial ou integral desta obra, por quaisquer meios de difusão, inclusive pela *internet*, sem prévia autorização do autor.



EDITORA TRIBO DA ILHA

Rod. Virgílio Várzea, 1991 – S. Grande – Florianópolis-SC – CEP 88032-001

Fone: (48) 9-9122-3860

editoratribodailha@gmail.com

www.editoratribo.blogspot.com

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo financiamento das pesquisas que tenho realizado desde 2005 e do Projeto de pesquisa atual, PQ 302123/2017-2. Agradeço, também, ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras (FALE), pelo incentivo à interface entre pesquisa e ensino. Meus agradecimentos são ainda extensivos à Câmara de Pesquisa da FALE, pela autorização para a publicação do livro com o selo da FALE.

Agradeço aos colegas do Laboratório Experimental de Tradução da FALE, pelo trabalho conjunto por tantos anos, em especial, à colega Adriana Pagano. Embora não tenha podido participar da publicação do presente livro, Adriana compartilhou a carga horária do curso comigo, o que resultou em um ambiente propício para as reflexões sobre os temas abordados. Meus agradecimentos especiais, também, aos mestres e doutorandos que aceitaram o desafio desta publicação conjunta.

Finalmente, deixo meus mais sinceros agradecimentos à colega, parceira de inúmeros trabalhos de pesquisa e orientação, e amiga do coração, Maria Lúcia Barbosa de Vasconcellos. Maria Lúcia aceitou prontamente meu convite para escrever o prefácio deste livro. Para tanto, leu as páginas que se seguem com a dedicação e o rigor que lhe é peculiar.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
PREFÁCIO	7
<i>Maria Lúcia Vasconcellos</i>	
PARTE I – FOCALIZAÇÃO E ATITUDE: Interfaces	
1. FOCALIZAÇÃO	13
<i>Célia Maria Magalhães</i>	
2. ATITUDE: VALORES E SENTIMENTOS	51
<i>Célia Maria Magalhães</i>	
PARTE II – TRABALHOS EMPÍRICOS	
3. BRIONY E A SRA. TALLIS EM <i>ATONEMENTE REPARAÇÃO</i> : QUEM FOCALIZA E QUEM AVALIA?.....	78
<i>Taís Paulilo Blauth e Cristina Lazzerini</i>	
4. “VOCÊ CORTOU O CORDÃO E EU FIQUEI LIVRE”: VALORAÇÃO E FOCALIZAÇÃO EM <i>ROOM</i> (2010)/ <i>QUARTO</i> (2011)	116
<i>Cliver Gonçalves Dias e Natália Carvalho Cristófar</i>	
REFERÊNCIAS	140
APÊNDICE	145
ANEXO	147

APRESENTAÇÃO

O livro *Focalização na tradução de textos literários*, ora apresentado à comunidade acadêmica, é resultado das discussões efetuadas com pós-graduandos em uma disciplina do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, ministrada em 2017. A motivação para a oferta da referida disciplina surgiu de uma longa experiência com pesquisa e ensino de tradução de textos literários. Seja em sala de aula, seja no trabalho de orientação ou realização de pesquisa, o tema da focalização, da narratologia, suscitava questionamentos. Havia sempre indagações relativas ao efeito, em traduções de textos ficcionais, de reformulações estruturais de orações em que a percepção de eventos por narradores, externos ou não, e personagens, é um traço relevante para a construção do significado global do texto.

Buscando resposta para estes questionamentos, chegamos à teoria linguística sistêmico-funcional, mais especificamente, ao arcabouço teórico da valoração, sistema semântico-discursivo da função interpessoal da linguagem, conforme postulado pela teoria. Trata-se de recursos para expressar valores e sentimentos individuais e institucionalizados nos textos. Esses recursos eram referidos na literatura da narratologia de uma forma mais abstrata ou genérica, como atitude, explícita ou implícita, na focalização; um tipo de posicionamento na

focalização refletido em “expressões modais” ou verbos que expressem pensamento ou, ainda, recursos que “colorem” a linguagem. Nos estudos da tradução, uma variedade de trabalhos empíricos de comparação entre textos-fonte e textos traduzidos fizeram o levantamento, por meio da metodologia de corpus, de recursos variados que poderiam construir efeitos distintos na linguagem da tradução relativos à focalização. Um dos trabalhos usou, entre seus referenciais teóricos, o arcabouço teórico da valoração, o qual permitiu encontrar traços de intensificação de recursos avaliativos nas traduções, os quais sinalizavam para a questão da focalização.

Os estudos da tradução, como campo interdisciplinar, permitem-nos fazer, então, uma interface entre a narratologia e a teoria linguística sistêmico-funcional para tentar responder aos questionamentos relativos às reformulações estruturais nas traduções de textos literários e seus efeitos na focalização. Nessa interface, os recursos de expressão de valores e sentimentos, ou recursos da valoração, foram examinados em diferentes pares de textos-fonte e traduções para encontrar variações semânticas, as quais podem ser relacionadas à focalização, entre os pares de textos e discutir os prováveis efeitos para a construção de significados globais do texto. O livro está estruturado em duas partes. A primeira tem dois capítulos, o primeiro de revisão dos referenciais teóricos da narratologia com enfoque na focalização e o segundo de revisão do arcabouço teórico da valoração, da linguística sistêmico-funcional. A segunda parte compreende dois capítulos com trabalhos empírico-descritivos, de aplicação dos conceitos teóricos dos dois primeiros capítulos, na análise de dois textos literários distintos.

Esperamos que esta obra contribua com os campos disciplinares dos estudos da tradução, da narratologia e da linguística sistêmico-funcional. Esperamos, ainda, que ela contribua com o trabalho dos professores em sua prática na sala de aula, bem como com pesquisadores que se interessam pelos temas nela abordados.

PREFÁCIO

O convite para prefaciar *Focalização na tradução de textos literários* me fez resgatar uma profícua trajetória conjunta de pesquisa realizada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), concretizada entre o Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin) e o Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET)¹. Nesse contexto, as interfaces entre os estudos da tradução, os estudos de corpus e a linguística sistêmico-funcional foram exploradas, resultando em vasta produção conjunta de conhecimento. Em uma publicação de 2009², em um rasgo de otimismo justificado, cheguei a considerar a junção de perspectivas como uma nova vertente de abordagens textuais dos estudos da tradução, denominando-a “estudos da tradução sistêmico-funcionais”.

Agora, em 2021, *Focalização na tradução textos literários*, que traz, em si, a marca da vasta experiência de sua organizadora com pesquisa e ensino de tradução de textos literários, revitaliza e consolida essa

¹ As interações de pesquisa possibilitadas por essa trajetória conjunta foram realizadas no âmbito do Programa de Cooperação Acadêmica (PROCAD), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Systemic functional translation studies (SFTS): The theory travelling in Brazilian environments (D.E.L.T.A., 25: ESPECIAL, 2009 (585-607).

tradição, oferecendo, ao leitor interessado em abordagens textuais aos estudos da tradução, novas perspectivas e métodos para a análise de textos literários em relações tradutórias.

Numa combinação rigorosa de aspectos teóricos e empíricos, o livro é construído em espaços de interface entre os estudos da tradução, o arcabouço teórico da semântica do discurso, a narratologia e a teoria linguística sistêmico-funcional (aqui incluídos aspectos de focalização e recursos de valoração), para, conforme anunciado em sua Introdução, “[...] tentar responder aos questionamentos relativos a reformulações estruturais nas traduções e seus efeitos na focalização”.

Em termos teóricos, a *Parte I – Focalização e atitude*, apresenta o arcabouço teórico e metodológico, oferecendo uma descrição rigorosa das ferramentas conceituais a ser utilizadas por pesquisadores interessados em análises textuais de traduções. A Parte I inclui capítulos sobre o conceito de focalização no âmbito da narratologia, explorando a focalização e sua relação com textos traduzidos, a semântica do discurso e o sistema de VALORAÇÃO, também explorados em sua relação com os estudos da tradução.

Em termos empíricos, a *Parte II – Trabalhos empíricos*, apresenta explorações dos conceitos descritos em estudos de excertos de textos literários em tradução. Um dos capítulos da Parte II concentra-se na análise do papel dos recursos semântico-discursivos do sistema da VALORAÇÃO, em particular o sistema da ATITUDE, na construção da focalização em excertos extraídos do romance *Atonement* originalmente escrito em inglês (TF) e nos excertos equivalentes extraídos do romance traduzido para o português brasileiro *Reparação* (TT). O segundo capítulo da Parte II explora questões similares em um excerto extraído do romance *Room* (TF), também originalmente escrito em inglês, bem como sua tradução para o português brasileiro, intitulada *Quarto* (TT). Saliento o rigor e a qualidade dos comentários sobre os textos em relação tradutória, sobretudo por conseguirem explicitar, com maestria,

as configurações avaliativas nos excertos analisados, o que confirma a força analítica do arcabouço teórico e metodológico apresentado.

Finalmente, como contribuição metodológica, saliento (i) a seção denominada **Dicas de análise**, em que dou realce à Planilha da valoração com as classificações identificadas para o excerto extraído do TF (Figura 1), bem como (ii) o APÊNDICE, que apresenta uma lista de termos bilíngue sobre o Sistema da VALORAÇÃO, de forma a garantir uma metalinguagem comum entre pesquisadores.

Focalização na tradução de textos literários apresenta-se à comunidade acadêmica como uma robusta contribuição às abordagens textuais dos estudos da tradução, consolidando uma tradução de pesquisa. Por tudo isso, recomendo sua leitura não apenas para professores de graduação e pós-graduação em sua prática na sala de aula de tradução literária, bem como para pesquisadoras e pesquisadores que aqui encontrarão os instrumentos adequados para a análise de textos literários em relações tradutórias.

Boas leituras!

Maria Lúcia Vasconcellos

PARTE I

**FOCALIZAÇÃO
E ATITUDE:
Interfaces**

Sobre os autores citados no Capítulo 1

MANFRED JAHN – É professor aposentado da *Universität zu Köln*, onde atuou como professor de literatura inglesa. Entre seus interesses de pesquisa, encontram-se a narratologia e a focalização. Sua publicação mais recente sobre a focalização é um capítulo no *The Cambridge Companion to Narrative*, de 2007, intitulado “Focalization”.

GÉRARD GENETTE – O autor francês foi um teórico da literatura, crítico literário e professor da *Sorbonne Université* e da *École Normale Supérieure*. Um dos principais nomes dentro dos estudos narratológicos, Genette publicou diversos trabalhos sobre os elementos e a estrutura das narrativas. Seus dois livros-referência sobre a narratologia, incluindo a focalização, são *Figures III*, de 1972, e *Nouveau discours du récit*, de 1983.

MIEKE BAL – Professora aposentada da *Universiteit van Amsterdam*, atualmente é teórica independente e criadora de vídeos artísticos. Com formação em francês e literatura comparada, a autora publicou diversos livros e artigos teóricos sobre variados temas na literatura e nas artes visuais. Entre os livros teóricos sobre a estrutura narrativa, sua principal publicação é *Narratology: introduction to the theory of narrative*, de 1985, que teve sua quarta edição publicada em 2017.

SHLOMITH RIMMON-KENAN – É professora emérita da *Hebrew University of Jerusalem*, onde ensinou inglês e literatura comparada. Enquanto teórica da literatura, também se dedicou aos estudos narratológicos, tendo publicado vários livros e artigos acerca da narratologia. Com tradução em oito línguas, seu trabalho-referência é *Narrative Fiction: contemporary poetics*, de 1983, com uma segunda edição em 2005.

MICHAEL TOOLAN – O autor é professor de língua inglesa na *University of Birmingham*. Seu trabalho de ensino e pesquisa está concentrado na estilística e na análise de narrativas. De suas diversas publicações sobre esses temas, pode-se citar o livro *Narrative: a critical linguistic introduction*, de 2001, no qual o autor faz uma releitura e crítica de trabalhos prévios sobre a focalização.

NORMAN FAIRCLOUGH – O linguista e analista crítico do discurso é professor emérito da *University of Lancaster*. Com interesse nas relações de poder no discurso midiático, o autor publicou livros como: *Critical discourse analysis* (1997), *Language and power* (2001) e *Analysing discourse* (2003). Explorando uma interface com os modos de apresentação do discurso, Fairclough publicou o artigo “Discourse representation in media discourse”, de 1988.

GEOFFREY LEECH – O linguista foi um dos fundadores do Departamento de Língua Inglesa da *University of Lancaster*. Entre seus interesses de pesquisa, encontram-se a estilística, a linguística de corpus e a pragmática. Seu livro-referência na estilística é *Style in Fiction*, de 1981, publicado em parceria com Michael Short, com segunda edição em 2007. É nesse livro que os autores descrevem os modos de apresentação da fala e do pensamento em textos literários.

MICHAEL SHORT – É professor de língua e literatura inglesa na *University of Lancaster*. Também concentrou seus interesses de pesquisa na estilística e na linguística de corpus. Conforme já mencionado, o autor trabalhou em parceria com Geoffrey Leech na publicação do livro *Style in Fiction*. Em parceria com Elena Semino, também publicou outro livro-referência para os estudos estilísticos: *Corpus Stylistics: Speech, Writing and Thought Presentation in a Corpus of English Writing* (2004).

FOCALIZAÇÃO

Célia Maria Magalhães¹

1 Introdução

Neste capítulo, falaremos sobre o conceito de focalização no âmbito da narrotologia. A narrotologia é um campo disciplinar cujo tema de estudo são as narrativas literárias e seus aspectos, conforme elencamos a seguir:

- 1) eventos;
- 2) personagens e sua caracterização;
- 3) tempo e espaço da estória contada;
- 4) níveis da narrativa e diferentes vozes que ela apresenta;
- 5) representação da fala dos personagens; e
- 6) focalização.

¹ Professora titular em Estudos Linguísticos: Estudos da Tradução da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: cmagalhaes@ufmg.br; celiomag@gmail.com.

A focalização é o aspecto que abordaremos neste primeiro capítulo do livro. Vamos abordar brevemente uma revisão sobre o conceito apresentado por Manfred Jahn em um capítulo do *Cambridge Companion to Narrative*. Vamos ver, ainda, com mais detalhes, três trabalhos posteriores ao de Gerard Genette, autor a quem é atribuído o conceito. Esses trabalhos versam sobre a focalização e foram escolhidos para as análises apresentadas nas duas partes do presente livro. Também apresentaremos uma síntese dos trabalhos realizados no campo dos Estudos da Tradução, os quais enfocaram questões relativas à focalização nos textos traduzidos e, portanto, basearam-se em autores da narratologia. Para este propósito, dividimos nosso texto em sete seções além desta introdução. A seção 2 será dedicada à revisão de Jahn (2007); a seção 3 a Bal (2009), a seção 4 a Rimmon-Kenan ([1983] 2002), a seção 5 a Toolan (2001) e a seção 6 a trabalhos dos Estudos da Tradução que abordam a focalização. Na última seção, dedicamo-nos à interface entre a focalização e a apresentação do discurso, tema da estilística literária.

2 Jahn (2007): Uma revisão da focalização

Manfred Jahn, que atuou como professor de literatura inglesa e narratologia na Universidade de Colônia, na Alemanha, formula em Jahn (2007) uma definição geral e contrastiva das noções de narração e focalização. Segundo sua definição, a narração é o contar de uma história de modo a atender às necessidades e a apelar para a cooperação do público a que se destina tal história, enquanto a focalização é a submissão de informação de potencial ilimitado, contida na narrativa, a filtros de perspectivas (JAHN, 2007). O autor acentua que a narratologia, com o desenvolvimento do romance no Século XVIII e o interesse da literatura ocidental, passa a entender que seus modelos teóricos,

antes aparentemente neutros, eram, na realidade, influenciados pelos diferentes momentos histórico-culturais em que eram propostos. Daí a noção mesma de focalização como filtro com base em perspectivas.

O autor prossegue com uma revisão do conceito de focalização conforme usado a partir do Modernismo. Segundo Jahn (2007), no Modernismo, os autores não tinham a preocupação em retratar o mundo de forma realista. Ao contrário, a experiência externa era apresentada da perspectiva dos personagens; por sua vez, sujeitos a crenças, estados de espírito e emoções. Durante o período do Modernismo, foi criado o conceito de “fluxo de consciência” pelo psicólogo William James. Em um romance de consciência, a estória era vista através da perspectiva de um personagem e contada por narrativa em terceira pessoa. A técnica narrativa tinha como traço chave a criação de personagens cuja reflexão do mundo da estória tinha o poder de revelação. Denominado de “estilo figural”, essa narrativa restringia-se ao registro do fluxo associativo de consciência do personagem, evitando expor informações básicas da estória. Atualmente, conclui o autor, essa técnica narrativa pode estar presente em vários gêneros literários como o romance, a fantasia, o suspense, a ficção científica, entre outros.

O Modernismo visava a atingir diretamente a consciência dos personagens e uma maneira de atingir essa meta era ou excluir a figura do narrador ou deixá-lo encoberto o mais possível. Jahn (2007) relembra que o narrador é uma função da narrativa, a qual verbaliza o que não é verbalizado na estória, edita a verbiagem, administrando o que expor e em que sequência; o narrador é o responsável pela comunicação com o leitor, destinatário do texto. Quando se dirige o foco para o personagem refletor da estória, a narrativa deixa os elementos da exposição para ser filtrada pela mente do refletor e o leitor deixa de ser destinatário para ser testemunha do que é visto pelo personagem. Com base nessa noção de texto figural, críticos tomavam posicionamentos equivocados sobre a técnica narrativa: ou concluíam que o

narrador havia desaparecido e que o personagem refletor havia absorvido a sua função, ou que este personagem havia se tornado narrador. Hoje a ideia é de que não há tal personagem refletor que possa contar as narrativas consumidas pelos leitores.

Um dos primeiros autores a teorizar sobre a focalização foi o crítico literário e teórico da literatura francês Gérard Genette (1980), citado em Jahn (2007). Genette critica a noção de “ponto de vista”, usada largamente na narratologia em lugar da noção de “focalização”, termo técnico criado pelo crítico literário. O autor argumenta que “ponto de vista” é um termo muito frequente no senso comum e que faz associação imediata com o sentido puramente visual. Para ele, para evitar confundir as duas funções, é importante distinguir entre o personagem cujo ponto de vista orienta a perspectiva da narrativa e o narrador. Em outras palavras, trata-se de distinguir “quem vê” de “quem conta”. Para Genette, quando somos capazes de reconhecer “quem conta”, podemos identificar o enunciador do discurso narrativo – o narrador –, enquanto que, ao reconhecermos “quem vê”, podemos identificar um refletor – um “personagem focal” –, nos termos de Genette.

Jahn (2007) explica que esta formulação de Genette relativa à distinção entre narrador como aquele que conta, e focalizador como aquele que vê, não deve ser interpretada literalmente. Segundo Jahn, ao revisar seu trabalho posteriormente, Genette substituiu a pergunta “quem vê” por outra, “quem percebe”, evitando, assim, a noção limitada da focalização, expressa na primeira pergunta pelo processo de percepção visual (ver) e simultaneamente ressaltando o processo de cognição (perceber). Para Genette (1980 *apud* JAHN, 2007, p. 97), o critério abrangente da focalização não é apenas “quem vê”, mas o fato de que aquele que vê pode ter um acesso maior ou menor à informação que ele vê e, assim, percebê-la em diferentes graus.

É com base em uma escala de graus de restrição que Genette distingue três categorias de focalização. A primeira, a *não focalização* ou *focalização-zero*, ocorre em eventos narrados de um ponto de vista irrestrito ou onisciente. A segunda, a *focalização interna*, ocorre quando os eventos da estória são focalizados através de um ou mais personagens refletores, internos à estória. Nesse caso, a informação narrativa fica restrita à percepção, à cognição e ao pensamento destes personagens. A terceira categoria, a *focalização externa*, está relacionada à redução máxima da informação narrativa porque se restringe a visões de fora e relata o que seria visível ou audível para uma câmera virtual (JAHN, 2007, p. 97-98). Apresentamos, a seguir, no Quadro 1, uma configuração visual das categorias de focalização propostas por Gérard Genette.

Quadro 1 – Tipo de focalização

Tipos de focalização	Descrição
Não focalização ou focalização-zero	Encontrada em eventos narrados de uma perspectiva irrestrita ou onisciente.
Focalização interna	Encontrada em eventos percebidos através de um ou mais personagens refletores, internos à estória.
Focalização externa	Encontrada em narrativas que se restringem ao que é visível ou audível para uma câmera virtual.

Fonte: Da autora (2021).

Vários trabalhos posteriores da narratologia usaram o conceito de Genette, adaptando-o de maneiras diferentes, conforme relata Jahn (2007).

3 Bal (1999)²: Níveis da focalização

Mieke Bal é teórica e crítica cultural baseada na Universidade de Amsterdã, onde criou a Escola de Estudos Culturais. Entre suas publicações, uma é dedicada à narratologia. Bal (2009, p. 19) considera a focalização como um aspecto da estória contada pelo narrador. A focalização é definida, no estudo de Bal, de modo vago, como a “cor” da representação na estória, atribuída a um agente específico, o qual percebe um ou mais elementos dessa fábula e tem um “ponto de vista” sobre eles. Bal (2009, p. 148) distingue dois tipos principais de focalização, a *focalização interna* e a *focalização externa*. A focalização interna é atribuída a um personagem que participa da fábula como ator e a focalização externa é atribuída a uma voz narrativa, de fora da estória. O primeiro tipo de focalização, em que o focalizador é um personagem, é abreviado como FP – focalização vinculada ao personagem (*CF – character-bound focalization*). O segundo tipo de focalização, não vinculada ao personagem, é abreviada como FE – focalização externa (*EF – external focalization*). Bal (2009) também considera importante a distinção entre o objeto focalizado perceptível, o qual é realmente visto por um personagem focalizador e pode ser visto por outros personagens, e o objeto focalizado não perceptível, que está nos sonhos, fantasias, pensamentos ou sentimentos de um personagem e que só pode ser visto por um focalizador personagem (que pode ser um narrador externo também). Os tipos de focalização propostos por Bal estão ilustrados no Quadro 2 a seguir:

² Esta obra foi publicada pela primeira vez em 1985 e teve sua terceira edição em 2009. Neste capítulo, usa-se a reedição como referência.

Quadro 2 – Tipos de focalização – Bal (2009)

Tipos de focalização	Descrição	Sigla
Focalização interna	Atribuída a um personagem que participa da fábula como ator.	FP – Focalizador personagem
Focalização externa	Atribuída a uma voz narrativa, de fora da estória.	FE – Focalizador externo
Focalizado	Objeto perceptível a um focalizador personagem e possivelmente a outros personagens.	FP – p
	Objeto não perceptível a outros personagens exceto o focalizador personagem.	FP – np

Fonte: Da autora (2021).

Para a autora, é importante observar, ao longo da narrativa, qual personagem focaliza qual objeto, pois a combinação de um focalizador e de um objeto focalizado pode ser muito constante, em alguns casos, ou variar muito, em outros. A imagem que, como leitores, recebemos do objeto é determinada pelo focalizador, de um lado; de outro lado, recebemos, também, através dessa imagem determinada pelo focalizador, informações sobre o próprio focalizador. Bal (2009, p. 149) estabelece três perguntas que considera relevantes, a serem indagadas quando analisamos a focalização:

- 1) O que o personagem focaliza, ou qual é o alvo da focalização?
- 2) Como ele focaliza ou com que atitude ele vê as coisas?
- 3) Quem focaliza?

Bal (2009, p. 149) ressalta que todos os elementos da estória (eventos, personagens, tempo e espaço, entre outros) são focalizados, seja pelo FE seja pelo FP. Por este motivo, nós, leitores, recebemos uma interpretação desses elementos, os quais são filtrados pela perspectiva do focalizador. Os graus de atitude recebidos por nós através destas

interpretações são variados, também é variado o grau em que tal atitude está explícita ou implícita. Bal enfatiza que o modo de apresentar os elementos da estória a nós, leitores, oferece informação tanto sobre o próprio objeto quanto sobre o focalizador.

Em capítulo do livro sobre o narrador, em que a autora explica a diferença entre narrador e focalizador, Bal (2009) postula que, nas duas formas de narração, usando os pronomes de primeira e terceira pessoa, respectivamente, há sempre um “eu” narrador em um nível acima, o do texto. Assim teríamos, em hierarquia descendente, o texto (narrativa) cujo sujeito é o eu narrador, a estória que é contada por um focalizador externo ou por um focalizador personagem, e a fábula. A fábula é constituída de eventos e atores em uma localização espacial e temporal; a estória são os eventos da fábula contados cronologicamente a partir de uma posição de focalização, e o texto (narrativa) as formas de relatar uma estória.

Bal (2009, p. 157-160) discute os vários níveis de focalização possíveis. Em um primeiro nível, o focalizador é externo. Este focalizador externo delega a focalização a um focalizador interno, em um segundo nível. Para exemplificar esses níveis diferentes, apresentamos a primeira oração do livro ilustrado traduzido *Tudo muda*, de Anthony Browne (2016), apresentada em 1):

- 1) Na manhã de quinta-feira, às dez e quinze, Gregório notou algo estranho na chaleira.

Segundo Bal (2009), teríamos aqui os seguintes níveis de focalização:

- a) Narrador: Eu narro que...
- b) Na manhã de quinta-feira [...] Gregório notou algo estranho na chaleira: Focalizador externo: Na manhã... chaleira.

As mudanças de níveis podem ser marcadas por *sinais atributivos*, por exemplo, os verbos de percepção (*notou*). Entretanto, os sinais podem também estar implícitos e será preciso que os deduzamos de outras informações, menos explícitas.

Por fim, outra possibilidade é a da focalização ambígua entre os dois níveis. Tal focalização ambígua pode se dar de duas formas: na primeira o focalizador externo observa junto com o personagem, sem deixar claramente a focalização para ele. Um exemplo apresentado pela autora é o de situações em que um objeto aparentemente perceptível por um personagem é focalizado, mas não há indicação clara de que tal objeto tenha sido, de fato, percebido. Este seria um procedimento muito próximo de um traço da narrativa, segundo a estilística, o “discurso indireto livre” – o narrador se apresenta o mais próximo possível das palavras do personagem sem deixar que o próprio personagem as enuncie. Na segunda forma de focalização ambígua, a focalização dupla, é difícil concluir em qual dos dois níveis se dá a focalização, se no nível externo ou interno.

No exemplo de focalização ambígua, em 2) temos uma instância de discurso indireto livre. Trata-se de um romance analisado em um dos capítulos práticos deste livro, *Atonement*, de Ian McEwan:

- 2) Abraçou a filha, colocou-a no colo – **ah, ela se lembrava daquele corpinho infantil, quente e macio, e que por ora não a havia deixado, não de todo ainda** –

Em 2) temos uma oração em que o focalizador externo relata parte da história que parece ser interrompida por um pensamento da focalizadora personagem, a Sra. Tallis (no exemplo em negrito). Os recursos linguísticos que apontam ser provável a focalização também da personagem são a interjeição *ah* e o uso da gradação em *corpinho*, que expressa o sentimento da mãe em relação à filha quando ainda criança. Tais recursos estão mais próximos do vocabulário da personagem, Mr. Tallis.

Uma consideração relevante de Bal (2009) sobre a focalização é que esta é importante na definição de uma estrutura de poder entre personagens e entre leitores e personagens. Por exemplo, um personagem para o qual certos elementos são perceptíveis terá mais poder que outro para o qual os mesmos elementos não são perceptíveis, especialmente em situações de conflito. O exemplo 3), do miniconto *The understudy*, de Sheree Pellemier, publicado na coletânea organizada por Steve Moss, *The world's shortest stories*, mostra que apenas o ator substituto e o narrador externo percebem a seringa, enquanto o ator principal não a pode perceber.

3) *"The show must go on," said the director when the star dropped dead moments before act one. The star, not the understudy, would play the corpse tonight.*

The understudy changed quickly. His performance was inspired. The star was flawless in his final role.

The understudy, fingering the syringe in his pocket, bowed to thunderous applause.

Da mesma forma, se a nós, leitores, são apresentados pelo focalizador externo elementos não perceptíveis aos personagens, a nós é conferido mais poder que aos personagens (BAL, 2009). Em 4) apresentamos um excerto do conto *Continuidade dos parques*, de Julio Cortázar (1971), traduzido por Remy Gorja Filho. Neste excerto, o focalizador externo nos mostra um personagem com um punhal atrás de uma poltrona prestes a assassinar outro personagem que está sentado nesta poltrona, de costas para ele.

4) Já sem olhar, ligados firmemente à tarefa que os aguardava, separaram-se na porta da cabana. Ela devia continuar pelo caminho que ia ao Norte. Do caminho oposto, ele se voltou um instante para vê-la correr com o cabelo solto. Correu por sua vez, esquivando-se de árvores e cercas, até distinguir na rósea bruma do crepúsculo a alameda que o levaria à casa. Os cachor-

ros não deviam latir e não latiram. O capataz não estaria àquela hora, e não estava. Pelo sangue galopando em seus ouvidos, chegavam-lhe as palavras da mulher: primeiro uma sala azul, depois uma varanda, uma escadaria atapetada. No alto, duas portas. Ninguém no primeiro quarto, ninguém no segundo. **A porta do salão, e então o punhal na mão, a luz dos janelões, o alto respaldo de uma poltrona de veludo verde, a cabeça do homem na poltrona lendo um romance.**

Os aspectos da atitude, mais ou menos implícita ou explícita, expressa através da focalização, e do poder do focalizador, discutidos em Bal (2009), abrem a possibilidade de interface com o sistema da VALORAÇÃO da função interpessoal da linguagem, como veremos na segunda parte deste livro.

4 Rimmon-Kenan ([1983] 2002)³: facetas da focalização

Shlomith Rimmon-Kenan, professora emérita de inglês e literatura comparada na Universidade Hebraica de Jerusalém, é reconhecida na área de narratologia internacionalmente. Rimmon-Kenan ([1983] 2002) também elege o termo “focalização” em seus estudos narratológicos. Para a autora, embora o termo também não esteja livre das conotações puramente visuais, ele, de fato, é mais técnico que o termo “ponto de vista”. A autora explica que distinguir as atividades “falar” e “ver”, narrar e focalizar, é uma necessidade teórica, uma vez que ambas as atividades podem ou não ser atribuídas a um mesmo agente da narrativa, o narrador ou o personagem (RIMMON-KENAN, [1983] 2002, p. 73-74).

³ Esta obra foi publicada pela primeira vez em 1983 e teve sua segunda edição em 2002. Neste capítulo, faz-se uso da segunda edição.

Rimmon-Kenan ([1983] 2002) destaca que a focalização tem um sujeito e um objeto. O sujeito é o “focalizador”, responsável por orientar a apresentação da informação através de sua percepção; o objeto é o “focalizado”, o que é percebido pelo focalizador. A autora usa dois critérios para classificar a focalização: o primeiro é o da posição desta em relação à estória; o segundo é o do grau de persistência da focalização. Com base na posição de focalização em relação à estória, Rimmon-Kenan classifica a focalização como externa e interna. A primeira, a focalização externa, é associada com o agente narrador, sendo o seu veículo o “narrador-focalizador”. A segunda tem seu lugar no âmbito dos eventos representados; é a focalização interna, que assume a forma de um “personagem-focalizador”. Rimmon-Kenan ([1983] 2002, p. 78) acrescenta que, da mesma forma que a focalização pode ser externa e interna, o objeto focalizado também pode ser visto de fora ou de dentro. As duas classificações, do focalizador e do focalizado, nem sempre, entretanto, coincidem; por isso, a autora se refere à primeira como “externa/interna” e à segunda como “de fora/de dentro”. Ilustramos os elementos da focalização, conforme de Rimmon-Kenan ([1983] 2002) no Quadro 3 a seguir:

Quadro 3 – Elementos da focalização – Rimmon-Kenan ([1983] 2002)

Conceitos	Tipos de classificação	Descrição
Focalizador	Externo: narrador	Sujeito responsável por orientar a apresentação de informação através de sua percepção.
	Interno: personagem	
Focalizado	De dentro	São apresentados sentimentos e pensamentos do objeto.
	De fora	São apresentadas apenas as manifestações externas do objeto.

Fonte: Da autora (2021).

Por exemplo, um focalizador externo pode perceber o focalizado de fora ou de dentro. No primeiro caso, o focalizador será capaz de descrever apenas as manifestações exteriores do objeto focalizado (pessoas ou coisas); no segundo, poderá perceber os sentimentos e pensamentos daquele que focaliza. Os exemplos 5) e 6) ilustram a focalização percebida de fora e de dentro pelo focalizador externo, respectivamente. O exemplo 5) é um excerto do conto “É difícil encontrar um homem bom”, da coletânea do mesmo nome, de Flannery O’Connor (2003), traduzida por José Roberto O’Shea.

5) Bailey não ergueu os olhos de sua leitura. Então ela deu a volta e se pôs na frente da mãe das crianças, uma mulher jovem, de calças compridas de aparência barata, e cujo rosto largo e inocente parecia um repolho amarrado por um lenço verde, com duas pontas que faziam lembrar as orelhas de um coelho. Estava sentada no sofá, dando ao bebê geléia de mocotó diretamente do vidro.

Neste excerto, o focalizador externo descreve as manifestações exteriores que percebe nas pessoas, Bailey, sua mãe e sua mulher. No exemplo 6) a seguir, um excerto do conto referido em 5), o focalizador externo é capaz de perceber os sentimentos e pensamentos do focalizado.

6) A avó não **queria** ir à Flórida. **Desejava** visitar uns parentes distantes no leste do Tennessee e aproveitava qualquer oportunidade para fazer Bailey mudar de idéia. Bailey era seu único filho, com quem morava.

Da mesma forma, um focalizador interno pode perceber um objeto de fora ou de dentro. A focalização de fora ocorre quando a percepção do focalizador interno está limitada ao exterior do objeto focalizado, enquanto a focalização de dentro ocorre, especialmente, quando o focalizador é simultaneamente o focalizado. Os dois tipos de focalização são ilustrados nos exemplos 7) e 8), respectivamente, a seguir.

O exemplo 7) ilustra a narração de um focalizador interno que focaliza sua mãe, no romance *Quarto*, de Emma Donoghue, traduzido por Vera Ribeiro:

7) A Mãe se inclinou pra fora da cama para acender o Abajur, que faz tudo clarear, zás.

Fechei os olhos bem na hora, aí abri uma frestinha de um, depois os dois.

Já o exemplo 8), retirado de *Enclausurado*, de Ian McEwan e traduzido por Jorio Dauster, mostra a narração de um focalizador interno cujo focalizado é ele próprio:

8) Então aqui estou, de cabeça para baixo, dentro de uma mulher. Braços cruzados pacientemente, esperando, esperando e me perguntando dentro de quem estou, o que me aguarda. Meus olhos se fecham com nostalgia quando lembro como vaguei antes em meu diáfano invólucro corporal, como flutuei sonhadamente na bolha de meus pensamentos num oceano particular, dando cambalhotas em câmera lenta, colidindo de leve contra os limites transparentes do meu local de confinamento, a membrana que vibrava, embora as abafasse, com as confidências dos conspiradores engajados numa empreitada maléfica.

Rimmon-Kenan ([1983] 2002), influenciada por Uspensky (1973), considera também o que denomina “facetas” da focalização e a relação de cada uma com o critério de externalidade e internalidade da focalização. Uspensky (1973) utiliza o termo “ponto de vista”, postulando que este tem quatro planos ou aspectos que devem ser considerados na análise das narrativas: o psicológico, o ideológico, espaço-temporal e o fraseológico. Os três primeiros correspondem ao que Rimmon-Kenan nomeia como facetas psicológica, ideológica e espaço-temporal da focalização.

A primeira faceta abordada pela autora é a da percepção, determinada por duas coordenadas: espaço e tempo. Com relação à coordenada do espaço, a posição externa ou interna do focalizador pode ser uma que lhe permite uma vista aérea ou limitada do objeto. A posição clássica do narrador-focalizador é a da vista aérea, às vezes, simultânea, de vários eventos acontecendo em lugares diferentes. Já quando se trata do personagem-focalizador ou uma posição não personificada de dentro da história, a vista aérea é impossível. Os exemplos 9) e 10) mostram as posições distintas, de vista aérea do narrador focalizador e de vista restrita do focalizador-personagem, respectivamente:

9) Poucas pessoas cruzavam a rua. O morador da última casa passou a caminho do lar. Ouviu seus passos ressoarem na pedra da calçada e depois esmagarem o cascalho diante das novas casas de tijolo vermelho. Antigamente, havia ali um terreno baldio onde, ao entardecer, costumava brincar com as crianças dos vizinhos.

10) Era o único dentre nós que ainda “corria o mar”. O pior que dele se poderia dizer era que não simbolizava sua classe. Era marinheiro e também um nômade, enquanto os marinheiros, em sua maioria, levam, se assim podemos dizer, vida sedentária. Têm mentalidade caseira e o lar -- o navio -- está sempre junto deles, assim como a pátria -- o mar.

No exemplo 9), um excerto de *Evelyne*, de James Joyce, traduzido por Hamilton Trevisan, o narrador-focalizador nos apresenta uma vista aérea da rua em que morava a personagem principal. No exemplo 10), excerto de *Coração da Treva*, de Joseph Conrad (1984), traduzido também por Hamilton Trevisan, o focalizador-personagem apresenta uma percepção de Marlow, o protagonista, e os demais marinheiros.

Com relação à coordenada do tempo, se o focalizador externo não for uma personagem, pode utilizar todas as dimensões da história (presente, passado, futuro). Se o focalizador interno for uma perso-

nagem, ele está limitado ao presente dos personagens. Ao focalizador externo, cabe a focalização pancrônica (diacrônica e sincrônica) e ao focalizador interno, focalizando seu passado, cabe a focalização retrospectiva ou a focalização sincrônica. O exemplo 11) é um excerto do conto *Uma rosa para Emily*⁴, de William Faulkner, tradução encontrada no blog Angie Challas (2013).

11) Quando Miss Emily Grierson morreu, toda a nossa cidade compareceu ao enterro: os homens em atenção a essa espécie de carinho respeitoso que se tem por um monumento tombado; as mulheres movidas pela curiosidade de ver o interior de sua casa, onde ninguém entrara nos últimos dez anos, exceto um velho negro, ao mesmo tempo cozinheiro e jardineiro.

Rimmon-Kenan ([1983] 2002, p. 80-81) explica que, neste texto, o narrador e o focalizador são uma única pessoa, um morador da cidade onde vivia Emily. Suas posições no tempo, entretanto, em relação aos acontecimentos narrados mostra os dois como agentes diferentes. O narrador está fora do tempo da estória e conhece o fim dela desde o início da narração. No entanto, o focalizador não é o cidadão como narrador, mas os moradores da cidade, incluindo ele próprio, e sua percepção é limitada aos eventos que vão sendo contados.

A segunda faceta, a psicológica, tem dois componentes, o cognitivo e o emotivo. O componente cognitivo está relacionado com o que o focalizador conhece/representa da realidade (cognição) e o componente emotivo refere-se ao que o focalizador sente na encenação das relações com outros participantes da estória (emoção). Com relação ao seu conhecimento ou representação da experiência, a diferença que se estabelece entre focalizador externo e interno está relacionada com conhecimento irrestrito e restrito, respectivamente. De modo geral, o

⁴ Conferir: <https://conselheiroacacio.wordpress.com/2013/02/19/rosa-para-mily-faulkner/>.

focalizador externo conhece tudo sobre o mundo representado. Já o focalizador interno tem seu conhecimento restrito, por fazer parte do mundo representado. Os exemplos 12) e 13) são da tradução brasileira de *O idiota*, de Fiódor Dostoiévski, realizada por Paulo Bezerra. Nesses exemplos, apresentados por Uspensky (1973 *apud* RIMMON-KENAN, [1983] 2002, p. 82), o mesmo evento é visto da perspectiva do príncipe Myshkin, alheio ao que se passa em 12) e em 13), logo a seguir, pelo focalizador externo, o qual percebe a “faca” em lugar da “coisa” indeterminada, conforme a percepção do príncipe.

12) Os olhos de Rogozhin brilharam e um riso furioso lhe deformou o rosto. Sua mão direita ergueu-se e alguma coisa brilhou dentro dela; o príncipe não pensou em detê-la.

13) Cabe supor que essa impressão de um pavor instantâneo, acompanhado de todas as demais impressões terríveis desse instante, de repente deixaram Rogozhin entorpecido no lugar e assim salvaram o príncipe de um inevitável golpe da faca que contra ele se erguera.

Com relação ao componente emotivo, Rimmon-Kenan ([1983] 2002) explica que a oposição que se estabelece entre “externo/interno” significa “objetivo”, no sentido de relatar o que sente outro participante sem alinhar-se com este sentimento, versus “subjetivo”, entendido como o relato em que o focalizador alinha-se com o sentimento que relata. Os exemplos 14) e 15) são traduções brasileiras de dois excertos de *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, em tradução de Fernanda Ferreira Graça, apresentados em tradução inglesa em Rimmon-Kenan ([1983] 2002, p. 82-83). Em 14) a percepção do jardim antes do desencantamento e desinteresse de Emma é apresentada de forma relativamente neutra e objetiva:

14) O jardim, mais comprido do que largo, entre dois muros de adobe cobertos por uma latada de damascos, estendia-se até

uma sebe de espinheiros que separava os campos. Ao centro havia um relógio de sol, feito de ardósia, sobre um pedestal de alvenaria; quatro canteiros enfeitados de roseiras bravas circundavam simetricamente o quadrado de terreno mais útil com as vegetações importantes. Ao fundo, debaixo de uns abetos, um sacerdote de gesso lia o seu breviário.

Em 15) a percepção de Emma do mesmo jardim é apresentada em sintonia com seu sentimento de desesperança e angústia:

15) Nos dias bonitos ela ia até ao quintal. O orvalho deixava sobre as couves finas rendas de prata com longos fios cristalinos que se estendiam de umas às outras. Não se ouviam pássaros, tudo parecia dormir, a latada coberta de palha e a vinha, como uma enorme serpente enferma, sob o espigão do muro, onde quem se aproximasse veria arrastarem-se bichinhos-de-conta com as suas inúmeras patas. Debaixo dos abetos, próximo da abertura na cerca, o sacerdote de tricórnio a ler o seu breviário perdera o pé direito, e o próprio gesso, fendendo-se com a geada, fizera-lhe aparecer feridas brancas na cara.

A faceta psicológica da focalização tem relevância apenas para o focalizador humano e para focalizados também humanos. Aqui também o focalizado pode ser visto de fora ou de dentro: a observação é restrita às manifestações exteriores e as emoções a serem delas inferidas no primeiro caso (recursos linguísticos típicos usados como indicadores deste tipo de focalização são os recursos do sistema da modalidade, segundo a autora); no segundo, a “vida interior” do focalizado é revelada, seja através dele mesmo como seu próprio focalizador, seja através de um narrador-focalizador (externo). Os indicadores deste tipo de focalização incluem verbos que realizam processos mentais. Os exemplos 16) e 17) de *Coração da Treva*, de Joseph Conrad (1984), traduzido por Hamilton Trevisan, são excertos em que o narrador-focalizador, Marlow, vê o focalizado, Fresleven, de dentro, e de fora as

pessoas da Companhia de barcos que subiam o Rio Tâmis (parecia que essas pessoas não se importaram com os restos do Capitão anterior do barco):

16) Fresleven -- esse era o nome do camarada, um dinamarquês -- **sentiu-se** de alguma forma lesado na troca e então desceu a terra e começou a espancar o chefe da aldeia com um bastão. Oh, não me surpreendeu nem um pouco ouvir isso e, ao mesmo tempo, ser informado de que Fresleven era a mais amável, a mais pacífica criatura que jamais caminhou sobre duas pernas.

17) Ninguém, **ao que parece**, importou-se com os restos de Fresleven, até que lá cheguei para substituí-lo. Não poderia deixar as coisas como estavam, mas, quando finalmente surgiu a oportunidade de encontrar-me com meu predecessor, o mato que nascia entre suas costelas era bastante alto para ocultar-lhe os ossos.

A terceira e última faceta, a ideológica, está relacionada com uma visão conceitual de mundo que avalia os eventos e personagens da história. Os exemplos mais simples são os da focalização autoritária do narrador-focalizador. Em outros exemplos, os personagens podem ser focalizadores, e suas focalizações, em suas facetas ideológicas, estão subordinadas à focalização do narrador. Outros casos, mais complexos, apresentam um focalizador externo autoritário que pode ceder a uma pluralidade de posições dos personagens, as quais podem concorrer parcial ou integralmente, ou opor-se umas às outras. Tanto o personagem-focalizador quanto o narrador-focalizador podem apresentar uma posição ideológica de modo explícito ou implícito.

O tema é concluído em Rimmon-Kenan ([1983] 2002) com considerações sobre como determinadas escolhas de recursos da linguagem na focalização sinalizam tanto a presença de um focalizador distinto do narrador quanto a mudança de um focalizador para outro. A seguir,

no Quadro 4, apresentamos um resumo das facetas da focalização de acordo com Rimmon-Kenan ([1983] 2002):

Quadro 4 – Facetas da Focalização

Faceta	Coordenada/Componente	Tipos	
Percepção	Coordenada: Espaço	Posição externa de focalização: vista aérea	
		Posição interna de focalização: visão limitada	
	Coordenada: Tempo	Focalização externa: pancrônica	
		Focalização interna: diacrônica ou sincrônica	
Psicológica	Componente cognitivo	Focalização externa: conhecimento irrestrito da realidade	
		Focalização interna: conhecimento restrito da realidade	
	Componente emotivo	Focalização objetiva: não se alinha aos sentimentos relatados	
		Focalização subjetiva: alinha-se com o sentimento relatado	
		Focalização “de fora”: restrita a emoções exteriorizadas pelo focalizado	
		Focalização “de dentro”: tem acesso a emoções internas do focalizado	
	Ideológica		Focalização autoritária: de acordo com a visão de mundo do narrador
			Focalização de personagens: de acordo com suas visões de mundo, sujeitas a focalização do narrador
Focalização de personagens: pluralidade de visões, não sujeita à visão do narrador			

Fonte: Da autora (2021).

Vale ressaltar que há várias áreas de possível interface da focalização com o sistema da VALORAÇÃO: no escopo da TSF, os recursos da faceta psicológica, discutido no capítulo 2, como “expressões modais”, são recursos dos significados interpessoais do sistema de comprometimento; outros recursos apresentados, como os verbos “pensar” e “sentir”, são recursos do sistema da ATITUDE, também um dos sistemas da

VALORAÇÃO. Além disso, outro aspecto da faceta ideológica assinalado por Rimmon-Kenan ([1983] 2002) é que as posições tomadas pelos dois tipos de focalizador podem ser identificadas em itens linguísticos valorativos usados de forma explícita ou implícita no texto. Os recursos do sistema de ATITUDE, como veremos, podem ser ativados de forma inscrita, ou explícita, e de forma evocada, ou implícita. Com isso, queremos dizer que os sistemas da VALORAÇÃO são *produtivos como suporte para análises narratológicas da focalização*.

5 Toolan (2001)⁵: Focalização como orientação

O terceiro e último trabalho que apresentamos aqui é Toolan (2001). Neste trabalho, também é adotada a distinção feita em Genette entre narração e focalização. Da mesma forma, toma-se a focalização como o ângulo do qual são vistos os elementos da estória, em um sentido mais amplo que a simples visão. Toolan faz referência à questão dos termos “ponto de vista” e “focalização” discutida pelos teóricos já referidos neste texto, observando que os dois termos propiciam o entendimento mais imediato de uma posição de visão. Toolan (2001) não se propõe a criar mais um termo para competir com os demais, mas pontua que “orientação” talvez fosse o termo ideal para compreender outros aspectos, além do espaço e do tempo, que elicitam a visão, por exemplo: o cognitivo, o emotivo e o ideológico.

Toolan também ressalta que a estória tem dois planos: há alguém que a conta e alguém que vê, em um sentido amplo, os elementos da estória que elencamos no início deste capítulo. Portanto, para que exista o focalizador, é preciso haver o objeto do processo de fo-

⁵ Esta obra foi publicada pela primeira vez em 1988 e teve sua segunda edição em 2001. Neste capítulo, faz-se uso da segunda edição.

calização, o que é focalizado. Ademais, o autor tipifica a focalização, estabelecendo o contraste básico entre focalização externa (a orientação vem de fora da estória e não pode ser associada com a orientação de qualquer personagem dentro dela) e interna (ocorre no interior dos eventos e frequentemente envolve um focalizador-personagem, embora seja possível uma perspectiva não personificada) (TOOLAN, 2001, p. 60-61). O exemplo apresentado em Toolan (2001) é do conto “Barn Burning”, de William Faulkner, reproduzido em 18) (as três orações do parágrafo foram numeradas para facilitar a exemplificação das diferentes focalizações).

18) 1 – *The store in which the Justice of the Peace’s court was sitting smelled of cheese.*

2 – *The boy, crouched on his nail keg at the back of the crowded room, knew he smelled cheese, and more: from where he sat he could see the ranked shelves close-packed with the solid, squat, dynamic shapes of tin cans whose labels his stomach read, not from the lettering which meant nothing to his mind but from the scarlet devils and the silver curve of fish--this, the cheese which he knew he smelled and the hermetic meat which his intestines believed he smelled coming in intermittent gusts momentary and brief between the other constant one, the smell and sense just a little of fear because mostly of despair and grief, the old fierce pull of blood.*

3 – *He could not see the table where the Justice sat and before which his father and his father’s enemy [...] stood, but he could hear them [...].*

Na primeira oração, observa Toolan (2001), a focalização é a do personagem e de qualquer pessoa que estivesse no armazém ou qualquer outra a que a primeira tivesse contado o que percebera no local (“The store smelled of cheese”). Já na segunda, a focalização é exclusivamente do menino (“The boy knew he smelled cheese”) e, finalmente, a terceira oração, apresenta a focalização do menino (“he could hear”)

junto com informações sobre seu pai, o Juiz de Paz e a mesa que não foram vistas por ele (“He could not see the table”).

Da mesma forma que distingue dois tipos de focalizador, o autor distingue dois tipos de objeto focalizado, dependendo da visão que deste objeto se tem, de fora ou de dentro. Segundo o autor, são relatados no primeiro tipo apenas os fenômenos do exterior que podem ser de fato vistos e, no segundo, tudo que está relacionado com sentimentos, pensamentos e reações de personagens. Neste último, ocorre, pois, segundo Toolan, uma representação “intrusiva”.

Quadro 5 – Focalização como orientação

Conceitos	Tipos de classificação	Descrição
Focalização	Externa	A orientação vem de fora da estória e pode ser associada com a orientação de qualquer personagem dentro dela.
	Interna	Ocorre no interior dos eventos e frequentemente envolve um focalizador-personagem, embora seja possível uma perspectiva não personificada.
Focalizado	De fora	São relatados apenas os fenômenos do exterior que podem ser de fato vistos.
	De dentro	É relatado tudo que está relacionado com sentimentos, pensamentos e reações de personagens.

Fonte: Da autora (2021).

Outros aspectos da focalização também enfatizados pelo autor são: 1) a sua “bidirecionalidade”: a focalização revela sobre o objeto focalizado, mas também revela (ou tenta não revelar) sobre a atitude e a ideologia do focalizador, o que também já foi apontado em Bal e Rimmon-Kenan e 2) a natureza distinta de objetos focalizados que aceitamos como reais e outros que tomamos como sonhos, fantasias ou outras invenções da imaginação do personagem focalizador.

Toolan adverte que a distinção que faz entre focalizados reais e imaginados não é a distinção que faz Bal (2009) entre focalizados perceptíveis e não perceptíveis e diz respeito a nossa incerteza sobre o que é experiência real e o que é resultado de psicose, o que é explorado em alguns romances, por exemplo, *The turn of the screw*, de Henry James (TOOLAN, 2001).

É importante ressaltar, ainda, do estudo de Toolan (2001), seu questionamento com relação à necessidade de postular uma posição de focalizador diferente daquela do narrador em todos os textos. O autor discute se, de fato, deve-se trabalhar com a noção de que podemos identificar orientações espaço-temporais, psicológicas ou ideológicas do focalizador diferentes daquelas do narrador. Toolan (2001) enfatiza que, na focalização, o importante é definir quem “vê”. Para tanto, são apresentadas perguntas como guias para determinar os diferentes tipos de focalização:

- 1) Em relação à focalização espaço-temporal, devemos perguntar-nos quem vê o quê sem mediação e quem mede o tempo a partir de um “ponto-zero”, para atribuir as orientações dadas a respeito do espaço e do tempo da estória.
- 2) Em relação às focalizações psicológica e ideológica, sejam implícitas sejam explícitas, devemos buscar a quem atribuir vestígios ou revelações das orientações psicológica e ideológica. Dito de outra forma, devemos perguntar-nos quem é a fonte imediata dessas orientações.

6 Focalização e textos traduzidos

A focalização é enfoque também nos Estudos da Tradução. Seleccionamos três dos trabalhos que abordam a focalização dos Estudos da Tradução orientados para o produto e de abordagem linguística.

O primeiro deles é Bosseaux (2004), cuja abordagem é a da Linguística de *Corpus*. A autora examina traduções francesas de obras de Virginia Woolf, trabalhando com a noção de ponto de vista. Seus resultados mostram diferenças pontuais na tradução, especialmente, de modais e de dêiticos. Bosseaux ressalta a importância do uso de ferramentas de corpus em sua análise, mas observa que é necessária a análise detalhada de exemplos individuais, em especial, exemplos em que a forma de apresentação da fala ou do pensamento é o Discurso Indireto Livre. No exemplo 19), a seguir, apresentamos um exemplo de ocorrência de Discurso Indireto em “Interpreter of maladies”, conto de Jumpha Lahiri, que foi traduzido por Paulo Henriques Britto usando Discurso Indireto Livre:

19) *Miranda wondered where he was from*
Miranda ficou curiosa: de onde seria ele?

Munday (2008) também aborda a noção de ponto de vista narrativo em sua pesquisa, elaborando um modelo que combina a análise de registro de Halliday (1994) com a análise dos planos do ponto de vista, conforme proposta por Uspensky (1973), já referido na seção sobre focalização na narratologia.

No início do livro *Style and ideology in translation: Latin American writing in English*, Munday (2008) levanta a hipótese de que as mudanças de ponto de vista se localizam em traços dos diferentes planos do ponto de vista. Os exemplos de mudança apontados em sua análise concentram-se na estrutura da transitividade e no sistema de coesão, em relação ao plano psicológico; em estruturas modalizadoras, em relação ao plano ideológico, e nos dêiticos, em relação ao plano espaço-temporal.

Blauth (2015) examina o estilo de duas traduções de *Heart of darkness*, de Joseph Conrad, para o português brasileiro. A pesquisa-

dora toma como modelo para análise do ponto de vista Munday (2008) e utiliza, como Munday, a metodologia de *corpus*. Seus resultados mostram mudanças nos quatro planos do ponto de vista, confirmando os resultados e a hipótese apresentados em Munday (2008).

As mudanças encontradas por Blauth (2015), mais relevantes para o nosso tema, a focalização, são aquelas relacionadas com os planos psicológico e ideológico. No plano psicológico, Blauth (2015) aponta especialmente mudanças nas configurações da estrutura da transitividade e no uso de recursos coesivos; no plano ideológico, encontra mudanças no uso da gradação de recursos valorativos, não levadas em conta em Munday (2008).

Para ilustrar mudanças da gradação de recursos valorativos, reproduzimos exemplos de Blauth (2015, p. 63).

20) *She stood looking at us without **a stir**, and like the wilderness itself, with an air of brooding over an inscrutable purpose.*

Ficou olhando para nós sem **um só movimento** e, da mesma forma que a floresta, sobrepairando um inescrutável propósito.

21) *The rapids were near, and an uninterrupted, uniform, headlong, rushing noise filled the mournful stillness of the grove, where not **a breath** stirred, not a leaf moved, with a mysterious sound – as though the tearing pace of the launched earth had suddenly become audible.*

As corredeiras estavam próximas e um rumorejar ininterrupto, monocórdio, impetuoso, reverberava em surdina na desolada quietude daquele bosque, onde **não se ouvia um único sopro**, onde nem uma folha se movia, como se o movimento da Terra rasgando o espaço tivesse se tornado audível.

Nos exemplos 20) e 21), há uma gradação para mais das avaliações atitudinais de afeto do focalizador-narrador, as quais são expressas pelo acréscimo de itens intensificadores (“só”, “único”) na tradução. Uma leitura provável é a de um focalizador-narrador que se

alinha com os valores atitudinais expressos no texto, construindo um posicionamento em relação a estes valores para seus leitores prospectivos. No exemplo 20), “a stir” é traduzido por “um só movimento”, com gradação de força para mais no intensificador (“só”). No exemplo 21) além de “único” ser instanciado na tradução de “a breath”, com a função de gradação, também se instancia “não se ouvia”, o que explicita que a orientação da percepção é indeterminada e poderia ser do narrador ou de qualquer outra personagem presente ao evento relatado. Aqui remetemos o leitor ao capítulo sobre a valoração, para entender como o uso do processo mental pode indicar avaliação interna ou externa. Também aqui remetemos o leitor ao capítulo sobre a valoração para um entendimento do grau de comprometimento do narrador-focalizador com a avaliação feita por um personagem.

Como podemos ver, dos três trabalhos empíricos de pesquisa em estudos da tradução que enfocaram seja “ponto de vista”, seja “focalização” aqui revisados, Munday (2008) e Blauth (2015) recorrem explicitamente aos sistemas léxico-gramaticais. Blauth recorre, ainda, ao sistema semântico-discursivo da VALORAÇÃO. Munday (2008) usa um modelo complexo de interface entre a TSF e a narratologia, além de outras teorias. Blauth (2015) testa o modelo de Munday (2008), incluindo em sua análise um dos sistemas semântico-discursivos da VALORAÇÃO, a GRADAÇÃO (MARTIN; WHITE, 2005).

7 Focalização e apresentação do discurso

Os vários estudiosos da narratologia e dos estudos da tradução fazem referência a efeitos do discurso indireto livre na focalização. Por este motivo, julgamos que uma breve revisão do tema é necessária para que se entenda como interagem os recursos usados para reportar o discurso de personagens com os tipos de focalização abordados aqui.

O discurso indireto livre é tema de interesse dos estudos do estilo ou estilística. No entanto, ele é abordado em outras áreas, como a narratologia e a análise crítica do discurso, as quais têm interface com os estudos de estilo. Estilo, segundo Malmkjær (2010), é a ocorrência consistente de certos (tipos de) itens e estruturas, escolhidos por quem escreve entre todos os itens e estruturas que a língua oferece como um todo. A estilística é, segundo Nørgaard, Montoro e Busse (2010), o estudo das maneiras pelas quais o significado é construído por meio da linguagem nos textos, literários e outros. Para este estudo, os estudiosos do estilo recorrem a modelos linguísticos. Seu objetivo é explicar por que a linguagem de um determinado texto é usada de certa maneira, às vezes transgressiva e não familiar, e como os leitores fazem o trajeto entre as palavras do texto e o seu significado (NØRGAARD; MONTORO; BUSSE, 2010; HERMAN, 2007).

Um dos temas do estudo do estilo dos textos literários é a apresentação do discurso de personagens. Trata-se de uma área de investigação voltada para os modos de apresentar a fala e o pensamento de personagens. Para este tema, vamos recorrer ao trabalho de Geoffrey Leech e Michael Short, dois estilísticos que, entre tantos outros, estudaram extensivamente a apresentação do discurso em textos literários. Recorreremos também ao trabalho de Norman Fairclough, da análise crítica do discurso, pesquisador interessado com como as falas de pessoas são representadas em reportagens jornalísticas. Discorreremos sobre os dois modos de apresentação do discurso em subseções distintas.

7.1 A APRESENTAÇÃO DA FALA

Leech e Short (2007)⁶ explicam que a fala direta (FD) é utilizada para relatar o que alguém diz, com a reprodução exata (entre aspas) das palavras ditas por essa pessoa. Já a fala indireta (FI) é utilizada para re-

⁶ Esta obra foi publicada pela primeira vez em 1985 e teve uma edição revisada em 2007. Neste capítulo, faz-se referência à edição de 2007.

latar o que alguém diz, com as palavras de quem relata. As aspas são retiradas e, em português, utiliza-se uma oração dependente com “que”, os pronomes de primeira e segunda pessoas mudam para pronome de terceira pessoa, os tempos verbais são retroagidos para o passado e dêiticos como “hoje” e “aqui” são substituídos por “amanhã” e “lá”. As mudanças da fala direta para a fala indireta, segundo os autores, não são decorrentes apenas de traços linguísticos, mas também de questões relacionadas ao contexto extralinguístico da situação de fala.

Os autores apontam como efeito das mudanças ocorridas entre uma apresentação de fala direta e outro de fala indireta a remoção de todos os traços relacionados diretamente à situação de fala e a subordinação da fala relatada à fala de quem relata. Também é observado que o efeito da apresentação da fala indireta é ter a pessoa que relata, ou o narrador, como intérprete entre o leitor e as palavras do personagem cuja fala é relatada, uma vez que esta fala é totalmente incorporada à narrativa. Ao reportar usando a fala direta, a pessoa que relata compromete-se com o que foi falado e com as palavras exatas daquele que falou. Ao reportar usando a fala indireta, entretanto, o relator compromete-se apenas com o que foi falado.

Além do modo direto e indireto, Leech e Short (2007) explicam que há três outros modos de apresentação da fala, dois dos quais são de nosso interesse nesse capítulo. Trata-se da fala direta livre (FDL), em que as falas são apresentadas sem aspas e sem a oração de relato, criando-se ambiguidade a respeito de quais personagens falam e simulando uma interação mais dinâmica. Trata-se, ainda, da fala indireta livre (FIL), em que a oração de relato também é omitida e a oração relatada é incorporada na oração principal, mantendo, no entanto, traços da fala direta. Neste modo de apresentação da fala, não há comprometimento com a reprodução do que foi falado. Trata-se, simultaneamente, de mais que um simples relato indireto do que foi falado. Pode-se dizer que é aparentemente uma forma livre da fala com pretensões de

ser uma fala indireta; uma forma com indícios da intervenção de um narrador, mas com sabor de uma fala original. O Quadro 6 apresenta exemplos dos modos de apresentação da fala definidos acima.

Quadro 6 – Exemplos de apresentação da fala

Modo de AF	Exemplo	Fonte
FDL	- Não é o mesmo nariz - Bem, no momento você tem nariz de criança	Quarto, de Emma Donoghue
FD	Tomou um táxi e disse: - Ipanema, por obséquio.	A procura de uma dignidade, em <i>Onde estivestes de noite?</i> de Clarice Lispector
FI	<i>Ela quis explicar que sai vida era assim mesmo</i> , mas nem sequer sabia o que queria dizer com “assim mesmo” nem com “sua vida”, nada respondeu.	A procura de uma dignidade, em <i>Onde estivestes de noite?</i> de Clarice Lispector
FIL	O homem insistiu na pergunta, entre desconfiado e cauteloso: <i>que é que ele estava fazendo ali?</i>	A procura de uma dignidade, em <i>Onde estivestes de noite?</i> de Clarice Lispector

Fonte: Da autora (2021).

Entre a apresentação da fala indireta livre e a apresentação da fala direta livre, segundo Leech e Short (2007), há um contínuo, de modo que a fala direta e a fala indireta livre, em um dos extremos do contínuo, criam a ilusão de que as personagens falam por si só, sem o controle do narrador. No extremo oposto, a fala indireta e a fala indireta livre mostram a intervenção paulatina do narrador. Para Leech e Short (2007), a norma para apresentação da fala em uma narrativa é a fala direta, com a aparente intervenção mínima do narrador; a fala indireta livre ocorreria aparentemente sem a intervenção do narrador, enquanto a fala indireta e a fala indireta livre ocorreriam com a interferência aparentemente total do narrador.

A Figura 1 apresenta uma configuração visual do contínuo da interferência do narrador na apresentação da fala:

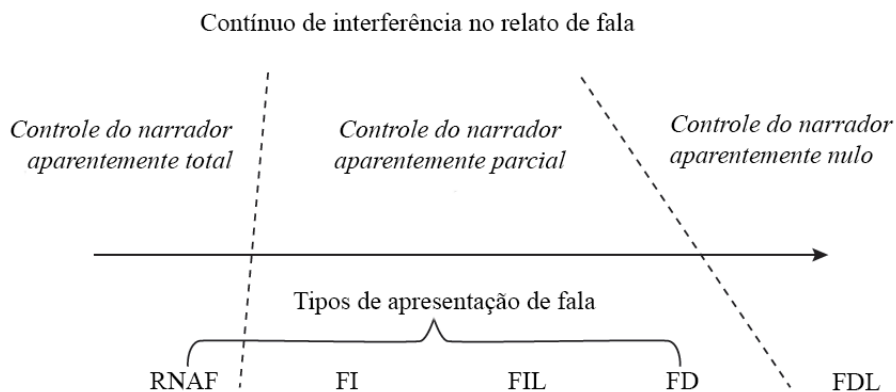


Figura 1 – Interferência do narrador na apresentação da fala⁷

Fonte: Traduzida de Leech e Short (2007, p. 260).

A fala indireta livre, segundo os autores, pode ser usada como veículo para a ironia, pois, uma vez que tem traços da fala direta e da indireta, permite a introdução de dois pontos de vista. Os autores ressaltam que o ponto de vista, no caso do uso da fala indireta livre, pode ser atribuído tanto ao narrador quanto ao personagem cuja fala parece emergir no relato indireto. Esse ponto que os autores ressaltam é de extrema importância para o nosso interesse em determinar a focalização, seja do narrador, externo ou interno, seja do personagem.

Um outro trabalho que merece ser mencionado aqui é o de Norman Fairclough, estudioso da análise crítica do discurso. Fairclough (1988) aborda o tema do discurso direto e indireto em estudo de reportagens jornalísticas. O autor prefere usar o termo “representação do discurso” para o que é comumente chamado de “relato de fala” na literatura sobre o tema, tendo em vista que considera que não há um relato transparente do que é falado ou escrito e que sempre há uma decisão de quem relata de interpretar de um modo ou de outro o que

⁷ À extrema esquerda do contínuo está o relato narrativo de ato de fala (RNAF), o qual não abordamos aqui por não ser relevante para nosso tema.

foi falado. Tratando especificamente das formas indiretas de representação como formas em que as vozes não são claramente demarcadas, Fairclough (1988) afirma que essas formas são sempre ambivalentes em um grau menor ou maior.

Fairclough (1988) remete a trabalhos anteriores sobre o tema para denominar o discurso do repórter (para nós, do narrador) de discurso primário e o discurso que é representado pelo repórter (para nós, dos personagens) de discurso secundário. Um dos aspectos tratado pelo autor é a manutenção de fronteiras entre esses dois discursos. Se o discurso secundário é representado pelo discurso primário de forma indireta, por meio de mudanças no vocabulário ou gramática, o autor postula que há “incorporação”, ou seja, o discurso de outrem é incorporado ao discurso do narrador. Se o discurso secundário é representado pelo discurso primário de uma forma que o autor denomina de “não sinalizada” e se manifesta em traços vocabulares ou outros traços linguísticos, Fairclough (1988) postula que há “disseminação”; o discurso do outro parece assumir o controle do discurso do narrador na medida em que o primeiro afeta o discurso do segundo.

Os pontos levantados por Fairclough (1988) são relevantes para o nosso tema da focalização nos textos literários. Em primeiro lugar, é relevante estarmos cientes de que há sempre ambiguidade de vozes nos modos indiretos de apresentação da fala. Em segundo lugar, a forma em que há incorporação seria a FI e a forma em que há disseminação seria a FIL. Em exemplos em que a fala representada estiver disseminada a ambiguidade será maior, com consequências para se definir quem é o focalizador.

7.2 A APRESENTAÇÃO DO PENSAMENTO

Leech e Short (2007) explicam que o escritor nos convida para ver as coisas do ponto de vista de um personagem quando decide nos deixar

conhecer os pensamentos deste personagem, ainda que seja apenas por meio do relato de um ato seu de pensamento. Os autores ressaltam que, desde o Século XIX, uma das principais preocupações dos romancistas tem sido a apresentação vívida do fluxo de pensamento da mente, ou da fala interna, de um personagem. A apresentação do pensamento está ligada inextricavelmente com o que é comumente conhecido como “escrita do fluxo de consciência”.

Os modos de apresentação do pensamento têm características semelhantes àquelas dos modos de apresentação da fala; entretanto, alguns de seus efeitos são distintos. Em primeiro lugar, os autores ressaltam que a apresentação do pensamento, incluindo o seu modo mais indireto, é um artifício da narrativa literária. Não é possível ver o que se passa na mente das pessoas; no entanto, com o objetivo de deixar claro para os leitores as motivações dos personagens para agir e se posicionar de certa maneira, aos autores é concedida a licença para representar pensamentos daqueles personagens. Quando o escritor escolhe representar os pensamentos de um personagem, em forma direta ou indireta, somos convidados a ver as coisas do ponto de vista daquela personagem, que se torna a refletora da ficção.

A apresentação do pensamento indireto (PI) é diferente da apresentação do pensamento direto (PD) em virtude da mudança retroativa do tempo verbal e da conversão da primeira pessoa em terceira e, ainda, pela ausência de oração de relato e a retenção da forma interrogativa com a interrogação. Da mesma forma, a apresentação do pensamento direto livre (PDL) é diferente da apresentação do pensamento direto por não apresentar as aspas e a oração que relata o pensamento. Por sua vez, o pensamento indireto livre (PIL) é apresentado aparentemente em uma oração caracteristicamente de relato indireto; mas, carrega traços do pensamento típico do personagem. O Quadro 7 que carrega exemplos dos modos de apresentação do pensamento.

Quadro 7 – Exemplos de apresentação do pensamento

Modo de AP	Exemplo	Fonte
PDL	Pensei que talvez eu ia vomitar, como quando eu tinha três anos e também fiquei com diarreia. <i>E se eu vomitar no Tapete todo, como vou lavar sozinho?</i>	<i>Quarto</i> , de Emma Donoghue
PD	- <i>Gomes é rico, pensou Vasconcellos</i> ; o meio de escapar a maiores desgostos é este; Gomes casa-se com Adelaide, e como é meu amigo não me negará o que eu precisar.	Miss Dollar, em <i>Miss Dollar e outras histórias</i> , de Machado de Assis
PI	<i>Sabia que o homem a julgava louca</i> – e quem dissera que não? Pois não sentia aquela coisa que ela chamava de “aquilo” por vergonha?	A procura de uma dignidade, em <i>Onde estivestes de noite?</i> de Clarice Lispector
PIL	<i>Sabia que o homem a julgava louca</i> – e quem dissera que não? – pois não sentia aquela coisa que ela chamava de “aquilo” por vergonha?	A procura de uma dignidade, em <i>Onde estivestes de noite?</i> de Clarice Lispector

Fonte: Da autora (2021).

Devido ao fato de que qualquer retrato do pensamento de uma personagem envolve obrigatoriamente a presença de um narrador onisciente, as formas mais diretas de apresentação, como pensamento direto e pensamento direto livre, tomam um valor um tanto diferente daquele que tomam as formas mais diretas de apresentação da fala, a fala direta e a fala direta livre. O efeito das duas últimas é de que a personagem conversa na nossa presença, e de que a intervenção autorial é cada vez menor. Da mesma forma, no pensamento direto e no pensamento direto livre, a intervenção autorial é mínima; mas, como o resultado é um monólogo, com a personagem “conversando” consigo mesma, os pensamentos que ela produz adquirem uma qualidade consciente.

Em vez de indicar um movimento em direção ao narrador, em que se torna mais aparente o seu controle, as formas mais livres de

apresentação do pensamento significam um movimento em direção à representação exata do pensamento de um personagem quando ocorre. Assim, enquanto a fala indireta livre nos distancia de certa forma das personagens que produzem a fala, o pensamento indireto livre tem o efeito oposto, colocando-nos aparentemente diretamente dentro da mente da personagem. A razão para isso é que a norma para a apresentação do pensamento é o pensamento indireto, diferentemente do que ocorre com a apresentação da fala, em que a norma é a fala direta.

Vimos antes que a fala direta postula fornecer um relato “verbatim” do que foi dito, mas que a fala indireta, ao contrário, postula que o escritor apresenta a essência do que alguém disse sem compromisso com as palavras usadas por esse alguém. Assim, as normas para a apresentação da fala e do pensamento estão em pontos diferentes do contínuo, o que permite explicar os valores da fala indireta livre e do pensamento indireto livre. A fala indireta livre é um movimento para a esquerda da norma e, portanto, um movimento em direção à intervenção do autor, enquanto o pensamento indireto livre é visto como um movimento à direita e, portanto, distante do controle mais direto do autor e em direção ao interior da mente da personagem. Como a percepção direta do pensamento de alguém não é possível, o pensamento direto é percebido como uma forma mais artificial do que o pensamento indireto. Seu uso pelos escritores indica o que o personagem teria dito se tivesse explicitado seus pensamentos. Essa explicitude dá origem às qualidades conscientes do pensamento direto e do pensamento indireto livre, conforme observam Leech e Short (2007). A Figura 2 é uma configuração visual da posição da norma nos contínuos da AF e AP.

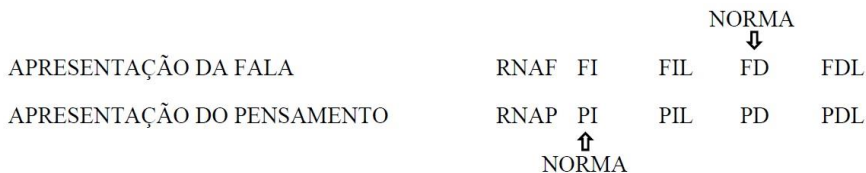


Figura 2 – A posição da norma nos contínuos de AF e AP

Fonte: Traduzida de Leech e Short (2007, p. 276).

Esse traço da apresentação da fala e do pensamento, qual seja, a dificuldade de se identificar qual dos modos está sendo usado, é algo que pode ser explorado na manipulação do ponto de vista, segundo os autores. Tal traço permite ao escritor “deslizar” de uma declaração narrativa para o retrato interior do personagem de modo imperceptível. Esse “lapso” (*slip*), termo usado nos estudos literários, pode ocorrer mais de uma vez em uma única oração. Quando o personagem e o narrador são mesclados desta maneira, a tendência é que o leitor tome também a perspectiva do personagem. É como se o ponto de vista do personagem do romance tenha sido absorvido na narrativa. Leech e Short (2007), finalmente, ressaltam que essas interações sutis entre os modos de apresentação da fala e do pensamento com o ponto de vista tornaram-se uma das áreas de interesse para a interpretação do romance, sendo, portanto, um aspecto relevante do estudo do estilo na ficção.

Esse ponto ressaltado pelos autores é de máxima relevância para o estudo da focalização, enfoque neste livro. Pode-se dizer que o deslize ou lapso da voz do narrador para a voz do personagem também se trata de uma disseminação, cujo efeito é a ambiguidade em relação à perspectiva apresentada. No entanto, as noções de focalização, aliadas a um entendimento do discurso indireto e seus efeitos para a identificação do focalizador e ao uso dos recursos linguísticos abordados no capítulo subsequente, podem ser usadas para informar a identificação do focalizador de modo mais seguro.

Sobre os autores citados no Capítulo 2

JIM MARTIN – O autor é linguista, de origem canadense, professor titular e pesquisador da Universidade de Sydney na Austrália. Ele apresenta o arcabouço teórico quase completo da Semântica do Discurso, pela primeira vez, em publicação intitulada *English text: System and Structure*, da editora John Benjamins em 1992. Mais tarde, em 2005, publica, em parceria com Peter White, o arcabouço da valoração no livro *The language of Evaluation: Appraisal in English*, pela Palgrave Macmillan. Tem vasta publicação de livros, capítulos de livros e artigos em periódicos indexados, incluindo aqueles em que apresenta, em parceria com David Rose, uma teoria de gênero baseada na sociosemiótica.

DAVID ROSE – O linguista australiano é associado da Universidade de Sydney e autor de capítulos de livros e artigos em parceria com Jim Martin. Juntos, publicam uma versão mais didática sobre a semântica do discurso no livro intitulado *Working with Discourse: Meaning beyond the clause*, publicado pela editora Continuum em 2003, com uma segunda edição pela mesma editora em 2007. Em 2008, também em parceria com Jim Martin, publica *Genre relations: Mapping culture*, pela Equinox.

PETER WHITE – É linguista e professor da *University of South Wales*, na Austrália. Em parceria com Jim Martin, desenvolveu o sistema da VALORAÇÃO, um dos sistemas da semântica do discurso. O resultado do estudo conjunto foi publicado em livro, *The language of Evaluation: Appraisal in English*, pela Palgrave Macmillan, em 2005. Peter White é autor de uma série de capítulos de livro e de artigos em periódicos indexados.

MARY MACKEN-HORARIK – É professora associada da *Australian Catholic University*, onde atua na área da educação, trabalhando em linhas de pesquisa, tais como: a linguística educa-

cional, a literacia e a semiótica social. Entre suas publicações, encontram-se dois trabalhos sobre a construção da valoração em textos literários: “Appraisal and the special intrusiveness of narrative”, de 2003, e “Appraising Appraisal”, publicado em 2014 em parceria com Anne Isaac.

ANNE ISAAC – A autora é analista do discurso e, atualmente, está vinculada à *Australian National University* como assistente de pesquisa. Conforme já ressaltado, é coautora do artigo “Appraising Appraisal” juntamente com Macken-Horarik. No referido artigo, as autoras discutem os desafios do trabalho com a VALORAÇÃO e apresentam sugestões para superá-los.

JOAN ROTHERY – É pesquisadora independente na área da educação infantil, com doutorado em linguística. Juntamente com Maree Stenglin, é autora dos artigos “Entertaining and instructing: exploring experience through story”, sobre a estrutura genérica das narrativas enquanto gênero discursivo da família das histórias, e “Interpreting literature: the role of APPRAISAL”, sobre a relação entre a construção da VALORAÇÃO e a interpretação de textos literários por estudantes.

MAREE STENGLIN – A educadora australiana atua como pesquisadora associada da University of Technology Sydney e como pesquisadora honorária da University of Sydney. Com interesse de pesquisa na semiótica social, uniu-se a Joan Rothery para publicar sobre o ensino de literatura para crianças e adolescentes com base nos fundamentos da teoria sistêmico-funcional.

ATITUDE: VALORES E SENTIMENTOS

Célia Maria Magalhães¹

1 Introdução

Neste capítulo, vamos focar a semântica do discurso, um arcabouço teórico localizado no âmbito da Teoria Sistêmico-Funcional (TSF) que considera o texto como unidade de análise. O capítulo versará sobre a semântica do discurso e, em seu escopo, a VALORAÇÃO, um sistema da metafunção da linguagem, segundo a TSF. Por meio da valoração e da semântica do discurso, vamos construir uma interface nos estudos da tradução entre a narratologia e a teoria linguística sistêmico-funcional para tentar elucidar os questionamentos sobre a focalização em traduções de textos literários. Este capítulo conta com mais quatro seções. A seção 2 versa sobre o arcabouço da TSF adotado pelos autores deste livro. A seção 3 faz considerações sobre a metodologia de análise pos-

¹ Professora titular em Estudos Linguísticos: Estudos da Tradução da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: cmagalhaes@ufmg.br; celiomag@gmail.com.

tulada por esses autores, com base na referida perspectiva. As seções 4 e 5 identificam espaços de interface entre o arcabouço teórico da semântica do discurso, a narratologia e os estudos da tradução, respectivamente.

2 A semântica do discurso

Martin (1992) apresenta um arcabouço teórico e metodológico para uma gramática do texto, em que a unidade de análise se estende para além da ordem da oração, buscando extrair a relação dos recursos semânticos usados de uma oração para outra em um texto. Essa perspectiva, como mencionamos acima, está no âmbito da TSF para a qual os significados sociais são construídos através dos textos e constituem a vida social. Martin e Rose ([2003] 2007, p. 2)² assim defendem sua gramática para o texto:

A cultura se desdobra através de uma série incontável de situações, à medida em que nossas vidas se desdobram através dessas situações como aprendizes, falantes e atores que produzem textos os quais se desdobram como sequência de significados.³ (MARTIN; ROSE, [2003] 2007, p. 2).

Assim, os linguistas da Universidade de Sidney, liderados por Jim Martin e envolvidos com a perspectiva de análise dos significados entre as orações nos textos e com a busca da relação entre os recursos semânticos usados nessas orações, consideram que o discurso social

² Esta obra teve sua primeira edição publicada em 2003 e a segunda em 2007. Neste capítulo, usamos a segunda edição como referência.

³ Minha tradução para: “Culture unfolds through uncountable series of situations, as our lives unfold through these situations as learners, speakers and actors, producing texts that unfold as sequence of meanings” (MARTIN; ROSE, [2003] 2007, p. 2).

está nos textos. Para além disso, consideram que a interação entre escritor e leitor pode indicar a expressão de uma cultura; por isso, os textos de uma dada língua ou conjunto de línguas podem funcionar como um recurso interessante para interpretarmos essa interação.

Esse arcabouço teórico foi adotado por pesquisadores da área da linguística educacional na década de 1980. Liderados pelo Prof. Jim Martin, tais pesquisadores envolveram-se em um projeto de literacia junto com o Programa para as Escolas Desfavorecidas *Write it Right* (*Disadvantaged School Program's Write it Right*) para investigar a escrita de uma parcela de alunos de determinadas escolas de Sydney. Nesse projeto, os pesquisadores investigavam as razões pelas quais essa parcela de alunos não era bem-sucedida na área da linguagem, seja na escrita, seja na interpretação de textos, conforme resultados das avaliações às quais se submetiam como parte do processo de avaliação geral do Ensino Médio (*High School*) local.

O arcabouço usado pelos referidos pesquisadores do projeto, a semântica do discurso, compreende uma abordagem da linguagem em contexto social, desenvolvida no âmbito da TSF. Tal arcabouço adota, portanto, duas das lentes complementares da TSF para interpretar a linguagem em uso. A primeira é a das **metafunções**, a segunda dos **estratos**.

A primeira e mais básica dessas lentes é a noção de tipos de significados – ideacional, interpessoal e textual – e a ideia da linguagem como recurso para representar os três significados em todo e qualquer ato de comunicação. Os pesquisadores do projeto educacional mencionado anteriormente se baseiam nas três metafunções: interpessoal (segundo a qual, a linguagem encena nossas relações), ideacional (segundo a qual, a linguagem constrói nossa experiência) e a textual (segundo a qual, a linguagem organiza nosso discurso como texto). Servindo a cada um desses três tipos de significados, está a noção de **sistema** que se refere aos conjuntos de significados que operam no escopo das metafunções. No

âmbito desse arcabouço, Martin (1992), Martin e Rose ([2003] 2007) e Martin e White (2005) propõem sistemas orientados para o texto, isto é, os sistemas da semântica do discurso.

A segunda lente está relacionada com o fato de que a TSF entende a linguagem como um sistema semiótico em estratos ou ciclos de codificação em níveis diferentes de abstração. O estrato menos abstrato para a língua falada é o da fonologia, que organiza os fonemas em sílabas e seu ulterior desdobramento em ritmo e entonação; para a língua escrita é o estrato da grafologia, o qual lida com a organização de letras em orações, junto com a pontuação, formatação e layout. A TSF tem como enfoque o estrato seguinte, a que se refere como léxico-gramática. Este é um estrato mais abstrato de organização da linguagem que os estratos da fonologia e grafologia, pois ele recodifica os padrões fonológicos e grafológicos dos primeiros como palavras e estruturas gramaticais.

O arcabouço teórico proposto por Martin (1992) e Martin e Rose ([2003] 2007) enfoca um estrato mais abstrato que o da léxico-gramática, referido como estrato semântico-discursivo; assim, o arcabouço dá ênfase à preocupação dos autores com a organização do discurso, isto é, com o significado para além da oração ou em textos. Acima do estrato semântico-discursivo, estão dois estratos do contexto socio-cultural. Para Martin (1992), esses estratos, o registro e o gênero são complementares. O registro é um conceito relacionado com três variáveis do contexto: campo, sintonia e modo. O campo refere-se à experiência de mundo retratada no texto; a sintonia relaciona-se com o estabelecimento e manutenção de relações sociais no texto e o modo com os recursos textuais usados para estruturar e organizar os demais significados do texto. Campo, sintonia e modo são realizados por recursos dos significados ideacional, interpessoal e textual do estrato da semântica do discurso, mais baixo em nível de abstração que o registro.

O estrato mais abstrato que o registro e complementar a este é o gênero, sobre o qual vamos deter-nos na próxima subseção.

2.1 GÊNERO

Na estratificação, o gênero é o estrato complementar ao estrato do registro, este último já descrito na introdução desta seção. Os gêneros são entendidos como diferentes tipos de textos que encenam vários tipos de situações em diversos contextos sociais. Esses tipos de textos têm configurações recorrentes de significados que nos ajudam a prever como cada situação vai se desdobrar; assim, podemos aprender a interagir com variados tipos de situações.

Martin e Rose ([2003] 2007) oferecem uma definição operacional para o conceito de gênero no âmbito da teoria. O gênero é abordado por eles como um processo social orientado para uma meta que se desenvolve em estágios. É social, porque participamos de gêneros com outras pessoas; é orientado para metas, porque usamos os gêneros para conseguir coisas e se desenvolve em estágios, porque precisamos seguir alguns passos para atingir nossa meta.

O gênero é, pois, constituído de estágios; estes, por sua vez, são constituídos de fases. Os estágios são componentes relativamente estáveis do gênero, são reconhecidos mais facilmente quando exemplos de um dado gênero são contrastados com exemplos de um outro gênero, utilizam-se de recursos da cultura para organizar o discurso no nível do texto e devem ser grafados com letra inicial maiúscula. Já as fases dos estágios são variáveis e únicas para cada texto; por isso, quando o propósito for estudar as fases de um estágio, estas devem receber rótulos nocionais, grafados entre aspas.

A teoria trabalha com famílias de gêneros. A família que nos interessa neste livro é a família das estórias; e o gênero, a narrativa. A narrativa distingue-se dos demais gêneros da família das estórias por

apresentar um problema que será resolvido por um protagonista ou por outro(s) personagem(ns). Os estágios principais da narrativa são a Orientação, a Complicação e a Resolução.

Macken-Horarik (2003) explica que as narrativas orientam o leitor para a situação vivida por um ou mais personagens, apresentam uma complicação, a qual terá de ser resolvida por um ou mais personagens e, finalmente, desenvolvem uma resolução qualquer, satisfatória ou não.

Rothery e Stenglin (1997) acrescentam que “orientar” tem um significado mais abstrato e complexo que apresentar personagens principais e descrever um cenário físico, embora estas também sejam ações que fazem parte do estágio da Orientação. A Orientação cria, portanto, um contexto para que possamos entender o que se segue nos estágios subsequentes da narrativa. As pesquisadoras explicam, ainda, que o estágio da Complicação trata da ruptura de uma sequência de atividades, enquanto o estágio da Resolução procura pela volta da estabilidade na narrativa.

Com relação ao conceito de fase, Macken-Horarik (2003) explica que a fase corresponde a uma unidade mais semântica que formal, por exemplo, o parágrafo. A fase possibilita que o pesquisador analista/linguista divida o texto em partes, segundo critérios que podem variar conforme o tipo de gênero. A pesquisadora, ao estudar interpretações de narrativas feitas por alunos de uma escola básica, usa “fase” para descrever o entorno de mudanças distintas de significado em trechos do texto. Ela explica que a mudança de fase ocorre sempre que o texto e, com ele, seu leitor, muda de um domínio da experiência para outro, de fora para dentro da consciência de uma personagem, de uma voz para outra e/ou de um padrão de escolhas avaliativas para outro.

Martin e Rose ([2003] 2007) mostram como opções dos vários sistemas da semântica do discurso podem funcionar como indicadores

de mudanças de fase. Martin e Rose (2008) analisam ainda cinco famílias ou classes de gêneros, entre elas as estórias, colocando em prática a análise do desdobramento dos textos em estágios e fases.

Na próxima subseção, vamos concentrar-nos no estrato e seus sistemas e nas metafunções. Enfocaremos a metafunção interpessoal e um dos sistemas propostos pelos autores para sua análise nos textos, o sistema da VALORAÇÃO⁴.

2.2 O SISTEMA DA VALORAÇÃO

Retomando o estrato semântico-discursivo, temos nele os conjuntos de recursos linguísticos que realizam as três metafunções: a interpessoal em relação à variável sintonia, a ideacional em relação à variável campo e a textual em relação à variável modo. Para cada metafunção, Martin (1992) e Martin e Rose ([2003] 2007) propuseram sistemas semântico-discursivos.

No âmbito da metafunção interpessoal, temos: o sistema da VALORAÇÃO que abrange os recursos linguísticos responsáveis por expressar atitudes e valores; o sistema do ENVOLVIMENTO que lida com os recursos linguísticos destinados à criação das relações de solidariedade e o sistema da NEGOCIAÇÃO que engloba os recursos linguísticos encarregados de definir os tipos de trocas e os papéis dos interlocutores nas interações. Para a metafunção ideacional, temos: o sistema da IDEACÃO que envolve os recursos linguísticos utilizados para construção da experiência e das atividades sociossemióticas e o sistema da CONJUNÇÃO que abarca os recursos linguísticos responsáveis por estabelecer as conexões entre eventos nos textos. Finalmente, para a metafunção textual, temos o sistema da IDENTIFICAÇÃO que contempla os recursos linguísticos utilizados para apresentar e rastrear os parti-

⁴ Seguindo a convenção da teoria sistêmico-funcional, a tipografia *VERSALETE* foi utilizada para destacar os nomes de sistemas.

cipantes e o sistema da PERIODIZAÇÃO que inclui os recursos linguísticos destinados à construção do ritmo do discurso, o qual se constitui de camadas que preveem e consolidam os significados acumulados ao longo do desdobramento do texto. Na Figura 1, a seguir, apresentamos o modelo de linguagem desenvolvido por Martin e White (2005). Utilizamos o **negrito** para destacar os nomes dos estratos:

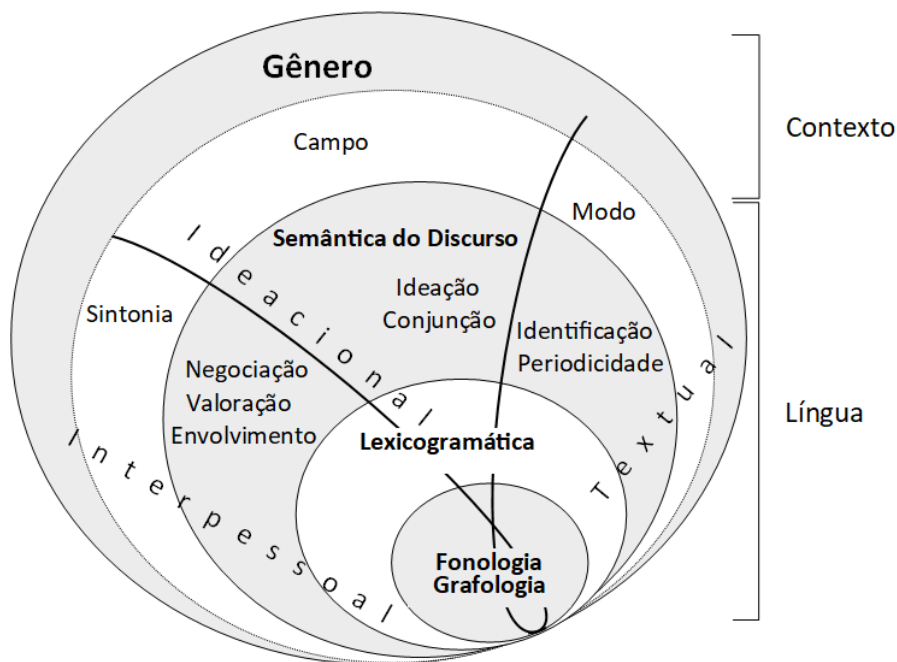


Figura 1 – Modelo de linguagem desenvolvido por Martin e White (2005)

Fonte: Adaptada de Martin e White (2005, p. 32).

Conforme já mencionamos, vamos expor apenas um dos sistemas semântico-discursivos propostos por Martin (1992), Martin e Rose ([2003] 2007) e Martin e White (2005), o sistema da VALORAÇÃO (SV), que congrega os recursos linguísticos utilizados para expressar a atitude nos textos. Por meio desses recursos, podemos analisar:

- a)** a presença subjetiva do(s) autor(es) no(s) seu(s) texto(s) e o modo como se posiciona(m) com relação aos valores que expressam na linguagem utilizada por ele(s);
- b)** o modo como o(s) autor(es) constroem suas avaliações nos seus textos e como posiciona(m) seus leitores para, por sua vez, construírem suas próprias avaliações;
- c)** a forma como se constroem comunidades que compartilham sentimentos e valores e os mecanismos utilizados para compartilhar avaliações;
- d)** o modo como se constroem identidades autorais;
- e)** a forma como o(s) autor(es) se alinham ou se afastam em relação a uma comunidade de leitores prospectivos, e
- f)** o modo como se constrói uma audiência prospectiva para os textos.

Através do SV, podemos elaborar uma nova perspectiva para a metafunção interpessoal, sobretudo no que diz respeito à interação, ao poder e à solidariedade, visto que, segundo Martin e White (2005, p. 1), o(s) posicionamento(s) intersubjetivo(s) do(s) autor(es) de um texto pode(m) variar para esses três eixos.

O SV lida com conjuntos de significados relacionados aos recursos valorativos da linguagem ou às realizações linguísticas das atitudes, dos julgamentos e/ou das emoções de indivíduos, bem como com o modo como essas avaliações são negociadas de maneira interpessoal. A valoração, portanto, pode ser de três domínios inter-relacionados que operam em cosseleção. Em outras palavras, a valoração congrega conjuntos de significados que podem ser selecionados ao mesmo tempo nos textos. Esses conjuntos de significados são detalhados a seguir:

- a)** a ATITUDE, área de significados responsável pela expressão linguística positiva ou negativa de emoções e sentimentos;

- b)** o COMPROMETIMENTO, área de significados responsável pelo modo como os valores são atribuídos a outras vozes do texto e/ou do discurso e pelo modo como os leitores são posicionados perante esses valores; e
- c)** a GRADAÇÃO, área de significados responsável por expressar a intensidade dos sentimentos envolvidos.

Apresentamos, no Quadro 1, uma visão geral do SV.

Quadro 1 – Sistema da VALORAÇÃO

Sistema	Subsistemas	Opções
VALORAÇÃO	ATITUDE	AFETO
		JULGAMENTO
		APRECIACÃO
	COMPROMETIMENTO	MONOGLOSSIA
		HETEROGLOSSIA
	GRADAÇÃO	SUBIR (na escala)
		DESCER (na escala)

Fonte: Da autora (2021).

A seguir, cada sistema e cada opção, os quais estão destacados no Quadro 1, serão abordados de maneira detalhada⁵.

A ATITUDE é um dos sistemas da VALORAÇÃO. Tal sistema apresenta três opções de avaliação, a saber:

⁵ Uma lista dos termos relativos ao sistema da VALORAÇÃO pode ser consultada em Vian Jr. *et al.* (2010). Outros termos utilizados neste trabalho foram retirados de Souza (2011). Outros ainda foram acrescentados para a pesquisa aqui relatada, estes são apresentados no Apêndice deste livro.

- a)** AFETO: engloba a avaliação de emoções individuais positivas ou negativas;
- b)** JULGAMENTO: direcionado para a avaliação do comportamento e do caráter das pessoas;
- c)** APRECIÇÃO: envolve a avaliação relacionada às formas estéticas, seja para objetos, coisas e/ou fenômenos em geral.

Cada uma dessas opções apresenta outros níveis de delicadeza, por exemplo, o sistema do AFETO constituído pelas opções: de (IN)FELICIDADE, que diz respeito aos sentimentos de tristeza ou de alegria; de (IN)SEGURANÇA, que envolve os sentimentos de paz e/ou de ansiedade em relação ao ambiente e/ou às pessoas; de (IN)SATISFAÇÃO, que engloba os sentimentos de realização quando uma atividade é cumprida ou de frustração quando uma atividade não é cumprida, e de (DES) INCLINAÇÃO, que está relacionada ao grau de inclinação expresso por alguém no que tange a seus desejos ou medos. Todas essas opções podem ser utilizadas para expressar significados de AFETO.

Martin e White (2005) apresentam seis variáveis relacionadas ao afeto que podem ajudar-nos a interpretar os recursos valorativos que o expressam⁶. São elas:

- 1) A carga positiva ou negativa dos sentimentos. Para descobrir o tipo da carga, podemos fazer a seguinte pergunta: Os sentimentos são vistos como positivos ou como negativos? Como expressão de afeto positivo, temos o exemplo: “O capitão estava alegre”. Como de afeto negativo, temos: “O capitão estava triste”.
- 2) O AFETO pode manifestar-se através de uma “onda de emoção”, quando experimentado como um estado emotivo (mental), por exemplo, “Ao capitão desagrada partir”; ou como

⁶ Todos os exemplos são traduzidos de Martin e White (2005).

uma manifestação extralinguística (comportamental), tal como, “O capitão chorou”.

- 3) O AFETO pode ser direcionado ou não direcionado. Se for direcionado, os sentimentos avaliados serão motivados por um gatilho, por exemplo, “Ao capitão desagrada partir”/“A partida desagrada o capitão”. Se for não direcionado, não haverá um gatilho que motive os sentimentos avaliados, por exemplo, “O capitão estava triste”. Para essa variável do AFETO, os autores desenvolveram termos para identificar aquele que experimenta os sentimentos, ou seja, aquele que avalia – o emotivo (*emoter*) – e para identificar o que motiva o afeto – o gatilho (*trigger*).
- 4) O AFETO pode ser mediado por graus – baixo, médio ou alto –. Os seguintes exemplos ilustram diferentes graus de AFETO: “Ao capitão desagrada partir”, “O capitão odeia partir” e “O capitão detesta partir”. A partir desses exemplos, uma escala formada por “desagrada-odeia-detesta” poderia indicar diferentes graus de afeto.
- 5) O AFETO pode envolver uma intenção. Essa intenção pode ter relação com um estímulo de desejo ou medo, do tipo *irrealis*, por exemplo, “O capitão teme partir”, ou pode ter relação com um estímulo do tipo *realis*, como em “Ao capitão desagrada partir”.
- 6) O AFETO pode ser do tipo (IN)FELICIDADE: “O capitão estava triste/alegre”; do tipo (IN)SEGURANÇA: “O capitão estava ansioso/confiante”; ou do tipo (IN)SATISFAÇÃO: “O capitão estava aborrecido/absorvido”.

Como mencionamos anteriormente, o JULGAMENTO é uma das opções para o sistema da ATITUDE. O JULGAMENTO pode ser de dois tipos:

- a)** Estima Social: envolve admiração ou crítica sem implicações legais;
- b)** Sanção Social: envolve avaliações éticas com consequências legais.

Assim como para o sistema do AFETO, Martin e White (2005) desenvolveram perguntas-testes e exemplos para o JULGAMENTO que podem ajudar-nos a definir as avaliações de ESTIMA SOCIAL:

- a)** Normalidade: quão especial alguém é? Por exemplo: sortudo/azarado (*lucky/unlucky*);
- b)** Capacidade: quão capaz alguém é? Por exemplo: sólido/instável (*sound/unsound*);
- c)** Tenacidade: quão confiável alguém é? Por exemplo: corajoso/covarde (*brave/coward*).

Para as avaliações de SANÇÃO SOCIAL, temos os seguintes tipos e exemplos:

- d)** Veracidade: quão honesto alguém é? Por exemplo: honesto/desonesto (*honest/dishonest*);
- e)** propriedade – quão ético alguém é? Por exemplo: justo/injusto (*fair/unfair*).

Junto com o AFETO e o JULGAMENTO no sistema da ATITUDE, há a APRECIÇÃO, que pode ser dos tipos – REAÇÃO, COMPOSIÇÃO ou VALORIZAÇÃO. Adiante, detalhamos cada um desses tipos de APRECIÇÃO segundo a categorização estabelecida por Martin e White (2005):

1) A REAÇÃO pode ser de:

- a)** impacto: quanto de atenção atrai o item avaliado. Por exemplo: cativante/chato (*captivating/boring*);

- b)** qualidade: de que maneira o item avaliado nos impacta.
Por exemplo: atraente/repulsivo (*appealing/repulsive*).

2) A COMPOSIÇÃO pode ser de:

- a)** proporção: relacionada à percepção do avaliador acerca do equilíbrio do item avaliado. Por exemplo: equilibrado/desequilibrado (*balanced/unbalanced*);
- b)** complexidade: relacionada à percepção do avaliador acerca dos detalhes do item avaliado. Por exemplo: intrincado/simples (*intricate/plain*).

3) VALORIZAÇÃO: expressa a importância social atribuída pelo avaliador ao item avaliado. Por exemplo: original/convencional (*original/conventional*).

A seguir, sintetizamos, no Quadro 2, o sistema da ATITUDE:

Quadro 2 – O sistema de ATITUDE

1º nível de delicadeza	2º nível de delicadeza	3º nível de delicadeza	4º nível de delicadeza	
ATITUDE	AFETO	(IN)FELICIDADE		
		(IN)SATISFAÇÃO		
		(IN)SEGURANÇA		
		(DES)INCLINAÇÃO		
	JULGAMENTO	ESTIMA SOCIAL		NORMALIDADE
				TENACIDADE
				CAPACIDADE
		SANÇÃO SOCIAL		VERACIDADE
				PROPRIEDADE
	APRECIÇÃO	REAÇÃO		IMPACTO
				QUALIDADE
		COMPOSIÇÃO		PROPORÇÃO
			COMPLEXIDADE	
	VALORIZAÇÃO			

Fonte: Da autora (2021).

Como modo de ativação da valoração atitudinal, além de avaliações atitudinais INSCRITAS, aquelas que são explicitamente realizadas via léxico avaliativo (ATITUDE INSCRITA – Por exemplo: nosso **preconceito**), há também avaliações atitudinais implícitas, aquelas que são EVOCADAS via metáforas lexicais, ou via gradação de significados não atitudinais ou, ainda, via significados ideacionais com implicações culturais específicas (ATITUDE EVOCADA – os exemplos precisam ser contextualizados, o que será feito nos capítulos de análise deste livro). As avaliações atitudinais EVOCADAS são também denominadas “tokens atitudinais”. Com relação à carga semântica, a valoração pode ser positiva ou negativa, o que é definido por seu significado conotativo ou pela prosódia atitudinal no cotexto⁷ de sua ocorrência.

Ainda no que diz respeito ao sistema da VALORAÇÃO, há o sistema do COMPROMETIMENTO. De acordo com Martin e White (2005), nesse sistema estão organizados os recursos que os escritores utilizam para assumir um posicionamento em relação às avaliações que estão sendo construídas no texto, bem como em relação àqueles aos quais o texto se direciona. Para esse sistema, o SV promove uma interface com a abordagem bakhtiniana do dialogismo e da heteroglossia, segundo a qual se reconhece que toda comunicação verbal (tanto falada como escrita) é dialógica no sentido que “[...] revela a influência, refere ou retoma de algum modo aquilo que foi dito ou escrito anteriormente, ao mesmo tempo que antecipa as respostas de leitores/ouvintes, sejam eles potenciais, imaginados ou leitores/ouvintes de fato” (MARTIN; WHITE, 2005, p. 92).

Os recursos linguísticos que expressam os significados agrupados no sistema do COMPROMETIMENTO compreendem: – recursos do sistema de modalidade; recursos evidenciais (*evidentials*); alguns advérbios, conjunções concessivas, elementos continuativos e um

⁷ O cotexto são as palavras no entorno do item lexical em questão que contribuem para determinar seu sentido.

número de expressões como “é certo”, “é óbvio”, entre outras. A utilização desses recursos linguísticos caracteriza o estilo interpessoal e as estratégias dos escritores para gerar um panorama heteroglóstico de outras vozes e de pontos de vista alternativos.

No escopo do sistema do COMPROMETIMENTO, existem duas opções no segundo nível de delicadeza:

- 1) A heteroglossia: os recursos linguísticos usados no texto expressam a presença de vozes alternativas; e
- 2) A monoglossia: os recursos linguísticos usados não permitem o aparecimento de vozes alternativas; afirmativas categóricas simples e o imperativo afirmativo são explorados com frequência.

No terceiro nível de delicadeza, há as opções para os tipos de HETEROGLOSSIA que são:

- 1) contrair. Por exemplo: Alguns cachorros são grandes. Outros são vermelhos. Mas o meu cachorro é o maior e o mais vermelho de todos ou
- 2) expandir. Por exemplo: Eles pareciam rezar.

Os recursos de expansão da heteroglossia são relevantes para a identificação das vozes que o autor considera em seu texto. Trata-se, segundo Martin e White (2005), de fraseados usados pelo autor de um texto para indicar que a sua posição é apenas uma em meio a uma série de outras possíveis, o que abre espaço no seu texto para um dialogismo de maior ou menor grau com essas outras vozes. No domínio semântico da expansão, estão recursos que indicam que o autor considera a posição de outras vozes no texto. Eles abrangem significados que são realizados pelos auxiliares modais (*pode, poderia, deve, etc.*), pelos adjuntos modais (*talvez, provavelmente, definitivamente,*

etc.), pelos atributos modais (*é possível que...*, *é provável que...*, *etc.*), por circunstâncias (*na minha opinião*) e por certas projeções com verbos mentais ou de atribuição (*eu suspeito que...*, *eu acho*, *eu acredito*, *estou convencido de que*, *eu duvido*, *etc.*). O domínio semântico da expansão também abrange o que é postulado com base em evidência ou aparência (*parece que*, *aparentemente*, *etc.*) e determinados tipos de perguntas retóricas ou sugestivas de respostas. São perguntas que não preveem respostas específicas; ao contrário, elas são feitas para levantar as possibilidades de uma proposição. Referências são feitas, como vimos no capítulo sobre a focalização, aos recursos de expansão ilustrados aqui como indicadores do tipo de focalização.

No Quadro 3, sintetizamos o sistema do COMPROMETIMENTO:

Quadro 3 – O sistema do COMPROMETIMENTO

1º nível de delicadeza	2º nível de delicadeza	3º nível de delicadeza
COMPROMETIMENTO	MONOGLOSSIA	
	HETEROGLOSSIA	CONTRAIR
		EXPANDIR

Fonte: Da autora (2021).

O último sistema do SV é o de GRADAÇÃO que disponibiliza recursos para o falante/escritor SUBA (UPSCALE) ou DESÇA (DOWNSCALE) na escala de intensidade das avaliações de ATITUDE e/ou de COMPROMETIMENTO em seus textos, sejam eles escritos ou falados.

Segundo Martin e White (2005), a GRADAÇÃO, como sistema da VALORAÇÃO, apresenta duas opções de escolha:

- 1) A FORÇA: agrega as avaliações que variam em grau. A FORÇA pode aumentar, por exemplo, “mais corrupção”, “um proble-

ma grande”; ou pode DIMINUIR, por exemplo, “**menos** corrupção”, “um problema **pequeno**”.

- 2) O FOCO: reúne recursos que vistos de uma perspectiva experiencial não poderiam ser graduáveis, mas as línguas criam recursos que propiciam esse objetivo. As opções do FOCO são FOCAR, como por exemplo, “O vestido é de seda **pura**” ou DESFOCAR, por exemplo, “Cheguei **em torno de** 10 horas da noite”.

Apresentamos, no Quadro 4, o sistema da GRADAÇÃO:

Quadro 4 – O sistema da GRADAÇÃO

1º nível de delicadeza	2º nível de delicadeza	3º nível de delicadeza
GRADAÇÃO	FORÇA	AUMENTAR
		DIMINUIR
	FOCO	FOCAR
		DESFOCAR

Fonte: Da autora (2021).

A GRADAÇÃO pode ser FUSIONADA quando o recurso para aumentar ou diminuir o grau da intensidade da valoração estiver lexicalizado. É o caso de “um jogador competente”, “um jogador bom” e “um jogador brilhante”. Se compararmos esses três grupos nominais, veremos que os três adjetivos – competente, bom e brilhante –, são itens que têm um grau baixo, um grau médio e um grau alto, respectivamente, fusionados no léxico. Outro exemplo são os advérbios “provavelmente”, “possivelmente” e “certamente”.

A GRADAÇÃO também pode ser ISOLADA quando o recurso para aumentar ou diminuir o grau de intensidade da valoração for realizado por itens gramaticais ou itens lexicais únicos. Por exemplo, “**muito** ganancioso” é um caso de GRADAÇÃO: ISOLADA realizada por um item

gramatical; e “moveu-se **vagarosamente**” é um caso de GRADAÇÃO: ISOLADA realizada por um item lexical.

Em suma, os recursos linguísticos valorativos são realizados por palavras da classe nominal, sobretudo, por adjetivos, que geralmente funcionam como epítetos no grupo nominal; e também por substantivos, que também estão no escopo de palavras da classe nominal. Além das palavras da classe nominal, os recursos linguísticos valorativos também podem ser realizados por palavras da classe verbal, principalmente, por verbos; bem como por palavras da classe adverbial, tanto os advérbios quanto as conjunções. Para a análise desses recursos linguísticos, apresentamos, na próxima seção, algumas recomendações importantes.

3 A análise da valoração

Da perspectiva da valoração, os interesses das análises compreendem a gama de avaliações de que um gênero se vale para atingir seus propósitos e as formas como essas avaliações são representadas de um estágio a outro. Como a valoração é um sistema semântico-discursivo que lida com a subjetividade social do autor e do leitor, os textos devem ser analisados a partir dessa perspectiva intersubjetiva. Martin e White (2005) enfatizam que os leitores fazem parte de comunidades com posicionamentos específicos a respeito de configurações de gênero social, geração, classe, etnia e capacidades. Assim, recomendam que o analista, especialmente nos casos de valoração EVOCADA, deve, em primeiro lugar, especificar sua posição de leitor em relação às variáveis acima mencionadas, além de declarar se fará uma leitura complacente, tática ou resistente do texto:

Por leitura tática, referimo-nos a uma leitura tipicamente parcial e interessada, cujo objetivo é mostrar um texto com propósitos sociais diferentes daqueles para os quais foi naturalizado. As leituras resistentes opõem-se à posição de leitura naturalizada, em razão da cosseleção de significados de um texto, enquanto as leituras complacentes subscrevem-se à leitura naturalizada.⁸ (MARTIN; WHITE, 2005, p. 62).

Portanto, o sistema da VALORAÇÃO pode ser visto como uma “caixa de ferramentas” disponível para que o analista possa abordar os gêneros. Considerando essa perspectiva de análise, Macken-Horarik e Isaac (2014) sistematizam os procedimentos básicos que podem facilitar a análise da valoração preconizada por Martin e Rose ([2003] 2007) e Martin e White (2005). A seguir, reproduzimos as recomendações das autoras para o analista:

- a)** Inicialmente, identifique as avaliações explícitas, juntamente com a fonte e o alvo de cada uma dessas avaliações;
- b)** Em seguida, identifique as avaliações implícitas, em conjunto com a fonte e o alvo de cada uma dessas avaliações;
- c)** Nas avaliações identificadas anteriormente, verifique se há ocorrências dos recursos de GRADAÇÃO;
- d)** Descreva o efeito cumulativo das avaliações identificadas, tomando como base o impacto que causam em você, como leitor: verifique se há confirmação ou contraste nos elementos valorativos, qual é a carga avaliativa de cada um deles, quais são os níveis de FORÇA e os de contraste nos recursos de GRADAÇÃO;

⁸ Minha tradução para: “By a tactical reading we refer to a typically partial and interested reading, which aims to deploy a text for social purposes other than those it has naturalised; resistant readings oppose the reading position naturalised by the co-selection of meanings in a text, while compliant readings subscribe to it” (MARTIN; WHITE, 2005, p. 62).

- e)** Mapeie possíveis padrões valorativos em estágios ou em fases dos textos e faça uma análise contrastiva desses padrões conforme os estágios ou as fases em que estão localizados;
- f)** Codifique os itens valorativos identificados de acordo com as opções do sistema da VALORAÇÃO, observando as referências culturais que podem estar relacionadas ao item avaliativo e ao seu posicionamento em relação a elas;
- g)** Identifique os casos de itens valorativos que podem ter codificação dupla ou até tripla para os tipos de ATITUDE. Por exemplo, a ATITUDE pode expressar uma carga emocional e ética, e a APRECIÇÃO pode implicar uma VALORIZAÇÃO estética e ética;
- h)** Se estiver trabalhando com um texto em que há muitas vozes, por exemplo, a voz do narrador e de vários personagens, decida como será a análise das escolhas valorativas feitas por cada uma dessas vozes;
- i)** Organize todas as avaliações identificadas em cada estágio do texto em um arquivo do tipo editor de texto e as alinhe de acordo com os personagens ou os pontos de vista existentes;
- j)** Se estiver analisando mais de um texto do mesmo gênero ou registro, compare os itens valorativos identificados em cada texto, as opções do sistema da VALORAÇÃO que foram selecionadas com maior frequência, verifique em que estágios esses itens valorativos ocorrem e coocorrem, quais não ocorrem, se há padrões que são específicos de um determinado gênero e qual é a função desses padrões.

Na quarta seção deste capítulo, abordamos a interface entre a semântica do discurso e os estudos sobre focalização.

4 A valoração e a focalização

Nos trabalhos que usam a perspectiva da semântica do discurso da TSE, encontramos poucas referências à questão da focalização. No entanto, ao tratar do sistema da ATITUDE e, mais especificamente, do sistema do AFETO, por exemplo, a responsabilidade autoral e os distintos níveis de valoração nos textos, podemos correlacioná-los com os aspectos discutidos sobre a focalização no âmbito dos estudos literários.

White (2001) classifica a responsabilidade pela valoração nos textos em duas categorias distintas: a responsabilidade autoral e a responsabilidade não autoral. Nesse sentido, White (2001) distingue para o sistema do AFETO dois tipos de expressão. O primeiro é o afeto de responsabilidade autoral em que o autor do texto indica como reagiu emocionalmente às pessoas, às coisas, aos eventos e/ou às situações que são avaliadas, assumindo a responsabilidade pelo valor atitudinal expresso. Através desse afeto autoral, o autor destaca sua presença subjetiva no processo de comunicação. O segundo é o afeto de responsabilidade não autoral em que as emoções de outros indivíduos ou grupos de indivíduos, diferentes do autor do texto, são descritas. Nesse caso, o autor se apresenta como o relator das reações emocionais de alguém; a valoração e a responsabilidade sobre essas reações emocionais são atribuídas a outra fonte. Segundo White (2001), dependendo do grau de confiança da fonte, cujo valor de afeto o autor reporta, e do grau com que a reação emocional atribuída à fonte pode ser interpretada como coerente com a posição avaliativa geral do texto, o autor pode alinhar-se com a fonte em sua valoração. White (2001) ressalta que dessa forma o autor acaba avaliando positiva ou negativamente quando reporta a valoração positiva ou negativa respectiva de afeto realizada por uma fonte externa a ele.

Martin e White (2005) também apresentam brevemente algumas considerações sobre a fonte da valoração ou da responsabilidade sobre ela. Os autores ressaltam que o usual é que interpretemos o autor do texto como a fonte das avaliações, a menos que a valoração seja projetada como fala ou pensamento de outro avaliador. Martin e White (2005) reconhecem, ainda, que a voz do narrador pode se alinhar com um ou outro personagem da estória e que a fonte da valoração pode ter que ser ajustada para dar conta desse alinhamento.

Esses autores não se aprofundam no conceito do “ponto de vista” (MARTIN; WHITE, 2005), mas ressaltam que a valoração é um dos recursos utilizados na narrativa para indicar a partir de que voz o narrador está narrando. Em uma das análises de narrativa que Martin e White fazem para a publicação de 2005, eles apontam uma distinção entre um autor que projeta uma emoção de afeto em algum participante do evento descrito, o que chamam de afeto não mediado, e identificam passagens de narrativas que mostram fontes externas que relatam suas próprias emoções, o que eles nomeiam de afeto mediado.

Macken-Horarik (2003) analisa uma narrativa psicológica escrita para o público infanto-juvenil e duas interpretações dessa narrativa feitas por alunos de uma escola de Sydney. Como base principal para a análise, a autora usa o sistema da ATITUDE, mas também recorre aos conceitos de focalização interna e de focalização externa de Genette (1980) para captar a natureza mediada da experiência narrativa. Macken-Horarik toma a focalização interna como aquela em que o narrador apresenta os eventos por meio da perspectiva do protagonista da estória, o qual funciona como um filtro. Quanto à focalização externa, Macken-Horarik a entende como aquela que pode ser verbalizada fora da consciência do protagonista, por outros personagens, mas sem considerar o narrador como focalizador externo. Os resultados do estudo desenvolvido por Macken-Horarik acerca da narrativa psicológica mostram que o narrador da estória não participa dos eventos, embo-

ra relate a maioria desses eventos através da consciência filtradora da protagonista. Ainda nessa pesquisa, quando a autora compara as escolhas avaliativas em relação aos momentos de focalização interna e de focalização externa na narrativa, ela identifica uma grande diferença nos padrões valorativos conforme o tipo de focalização empregado. Entretanto, Macken-Horarik ressalta que as fases de valoração interna (focalização interna) trabalham em conjunto com as escolhas da valoração externa (focalização externa) para criar significados positivos ou negativos, especialmente aqueles EVOCADOS.

As fundamentações teóricas sobre a semântica do discurso preconizada pela TSF nos trabalhos de Martin e Rose ([2003] 2007) e de Martin e White (2005), e sobre os aspectos da focalização do ponto de vista de Macken-Horarik (2003), White (2001) e Martin e White (2005), todos detalhados neste capítulo, mostram-se relevantes para evidenciar como o sistema da VALORAÇÃO pode ser aprofundado em estudos que abordam a focalização por um viés linguístico.

Na última seção deste capítulo, falamos de mais uma interface, a da semântica do discurso com os estudos da tradução.

5 A semântica do discurso e os estudos da tradução

Para comparar textos produzidos na mesma língua sobre um mesmo tema, a perspectiva da TSF desenvolvida pelos trabalhos de Martin (2006, 2010) oferece-nos um modelo para comparação de traduções intralinguais – entre textos de gêneros distintos sobre um mesmo tema na mesma língua. Esse modelo foi adaptado por Souza (2010) para a tradução interlinguística – entre textos do mesmo gênero em línguas diferentes. Esses modelos foram essenciais para as análises apresentadas neste livro, uma vez que as comparações foram feitas entre Textos-Fonte (TFs) e Textos Traduzidos (TTs). Assim sendo, nesta

última seção deste capítulo, vamos discorrer sobre a proposta de Martin (2006, 2010) para a tradução intralingual, bem como sobre a adaptação feita por Souza (2010) para a tradução interlinguística.

O primeiro conceito que precisa ser abordado corresponde à “instanciação”. Instanciação, no âmbito da TSE, refere-se à relação que se estabelece entre o sistema linguístico enquanto potencial global de significados e o texto como um exemplo concreto deste potencial. Martin (2006) vê a instanciação em uma escala de cinco níveis – sistema, gênero/registo, tipo de texto, texto e leitura. Seu modelo de instanciação inclui os conceitos “reinstanciação” (*re-instantiation*), “acoplamento” (*coupling*) e “calibragem” (*commitment*).

Reinstanciação, segundo Martin (2006, p. 286), é o processo pelo qual um texto reconstrói o potencial de significado de um dado texto-fonte. O processo implica um movimento de distanciação, isto é, um movimento que tende a subir na escala de instanciação em direção aos níveis em que os significados mais gerais ou menos específicos estão disponíveis, bem como um movimento descendente na escala, voltando aos níveis do texto e da leitura.

O termo acoplamento refere-se às padronizações similares que ocorrem em um texto, ou seja, as seleções frequentes de opções específicas de um ou mais sistemas linguísticos em um texto, resultando em padrões. O acoplamento pode acontecer no âmbito das três metafunções ou entre elas, na instanciação e/ou na reinstanciação dos textos, conforme explica-nos Martin (2010, p. 19).

O conceito de “calibragem” refere-se à quantidade de potencial de significado que é demandada de qualquer sistema no processo de instanciação (MARTIN, 2010, p. 20). Os significados não são apenas selecionados, mas acoplados (combinados) e calibrados (oferecidos em um determinado nível de especificidade ideacional ou interpessoal).

Martin (2010) define três tipos de reinstanciação, de acordo com os níveis de acoplamento e de calibragem presentes nos textos, a “ci-

tação” (*quotation*), a “paráfrase” (*paraphrase*) e o “reconto” (*retelling*). Enquanto na citação, os autores procuram fazer relações diretas entre uma instância e outra na hierarquia da instanciação, na paráfrase e no reconto, os autores movem-se para níveis mais altos na hierarquia da instanciação, aumentando o potencial de significados nesse movimento. Tal movimento permite também que os autores usem como ponto de vantagem o fato de que o significado se torna subespecificado, o que lhes permite “reinstanciar” uma estória, no caso das narrativas, como um texto novo. Os três tipos de reinstanciação possíveis para aqueles que rescrevem textos, traduzidos ou não, podem estar em paralelo com os três tipos de leitura possíveis para os leitores/intérpretes de textos – a leitura complacente, a leitura tática, e a leitura resistente.

A partir do modelo proposto por Martin (2006, 2010), a tradução interlinguística pode ser equiparada à tradução intralingual na medida em que as relações intertextuais entre textos do mesmo gênero e da mesma cultura são investigadas sob a perspectiva da hierarquia da instanciação. Souza (2010) propõe uma adaptação do modelo de Martin (2010) para a tradução, com uma amostragem de sua aplicação a textos jornalísticos traduzidos. Essa perspectiva de gênero e intertextualidade será retomada nos próximos capítulos; principalmente, no que concerne às narrativas literárias.

Nos capítulos seguintes, detalharemos trabalhos que buscaram alinhar a aplicabilidade do sistema da VALORAÇÃO com os conceitos de focalização e de narração provenientes da literatura. Nesses trabalhos, os autores selecionaram excertos de narrativas literárias originalmente escritas em inglês e traduzidas para o português brasileiro, enfocando as fases do estágio de Orientação de cada narrativa. O objetivo principal dos próximos capítulos é apresentar a gama de avaliações de que as narrativas se valem para atingir seus propósitos e como representam essas avaliações de um estágio a outro nos TFs e nos TTs, observando-se as variações semânticas, com base na calibragem e no acoplamento.

PARTE II

TRABALHOS EMPÍRICOS

BRIONY E A SRA. TALLIS EM *ATONEMENT* E *REPARAÇÃO*: QUEM FOCALIZA E QUEM AVALIA?

Taís Paulilo Blauth¹
Cristina Lazzerini²

1 Introdução

Seguindo os pressupostos teóricos apresentados em Bal (1990) e Rimmon-Kenan ([1983] 2002) acerca do conceito de focalização (veja o Capítulo 1 deste e-book), neste capítulo, examinaremos como se dá o processo de focalização em dois excertos de textos literários. Os excertos foram retirados do romance *Atonement* (2001), originalmente escrito

¹ Mestre em Linguística Aplicada/Estudos da Tradução pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: blauth.tais@gmail.com

² Doutoranda em Linguística Aplicada/Estudos da Tradução pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: crislazzerini@gmail.com

em inglês e da tradução para o português brasileiro intitulada *Reparação* (2002). Para a análise desse processo de focalização, utilizaremos o sistema semântico-discursivo da VALORAÇÃO (MARTIN, 1992; MARTIN; WHITE, 2005; MARTIN; ROSE, [2003] 2007), especificamente o sistema da ATITUDE (veja o segundo capítulo deste e-book).

Nesse sentido, as perguntas que norteiam nossa análise são: a) Em que medida o sistema da ATITUDE pode ser útil para mapear a construção da focalização, isto é, há opções desse sistema que são selecionadas conforme o tipo de focalização em questão? e b) Havendo um padrão de opções selecionadas para o sistema da ATITUDE segundo o tipo de focalização, esse padrão é o mesmo para o texto-fonte (TF) e o texto traduzido (TT)? Se não for, em que ponto são diferentes?

Organizamos este capítulo em quatro seções. Além desta Introdução, na seção 2, apresentaremos brevemente o romance. Na seção 3, faremos um panorama do sistema semântico-discursivo da VALORAÇÃO, utilizado na análise deste trabalho, e detalharemos a análise dos excertos extraídos do TF e do TT. Na seção 4, retomaremos esquematicamente as categorias de focalização utilizadas e, com base nos resultados obtidos a partir da análise valorativa, teceremos considerações sobre os tipos de focalização presentes nos excertos extraídos do TF e do TT. Nas Considerações Finais, sintetizaremos os dados encontrados nas análises empreendidas para este capítulo, bem como apresentaremos algumas Dicas de Análise e uma sugestão de leitura para os pesquisadores interessados no tipo de pesquisa abordado neste capítulo.

2 O romance *Atonement*

Esta seção apresenta um resumo do romance do qual foram extraídos os excertos analisados neste capítulo. Selecionamos como *corpus*³ de

³ *Corpus* é entendido neste trabalho como um conjunto de textos que foram analisados, no caso, o excerto da parte inicial do TF *Atonement* e o excerto equivalente do

análise as partes iniciais do estágio de Orientação⁴ do romance *Atonement*, escrito por Ian McEwan, edição de 2001, e de sua tradução para o português brasileiro, *Reparação*, realizada por Paulo Henriques Britto, edição de 2002.

O romance tem como personagem principal Briony Tallis e aborda o sentimento de culpa sofrido por essa personagem, bem como a tentativa de reparar as injustiças cometidas por ela. Aos treze anos, Briony está frustrada com os rumos que o ensaio de sua peça tomou e encontra-se incapaz de entender o que se passa entre sua irmã mais velha, Cecília, e Robbie, filho da faxineira e amigo de infância das irmãs. Briony, então, resolve que sua infância chegou ao fim e, por isso, deveria agir como uma adulta a partir daquele momento. Decidida a fazer o que julga ser certo, Briony acusa Robbie de um crime que ele não cometeu.

A estória é dividida em três partes: a pré-adolescência, a transição para a vida adulta e a velhice de Briony. A primeira parte narra um encontro da família na casa de campo dos Tallis em 1935. Juntam-se a Mrs. Tallis e Briony, Cecília e Robbie, que haviam terminado seus estudos em Cambridge; os gêmeos e Lola, primos de Briony, de quem ela estava distante desde o divórcio dos pais dos primos; Mr. Tallis, que trabalhava em Londres; e Leon, irmão de Briony, que trouxe consigo um amigo, Paul Marshall. Os eventos principais, nessa parte, são a desistência da peça, o envolvimento de Cecília e Robbie e a violência sexual sofrida por Lola.

TT *Reparação*. A Linguística de *Corpus*, subárea da Linguística, por sua vez, define *corpus* como uma coleção de textos encontrados em formato eletrônico, compilados com base em determinados critérios linguísticos e passíveis de ser analisados por programas de computador.

⁴ Segundo Rothery e Stenglin ([1997] 2000, p. 236), o estágio de Orientação, além de apresentar os personagens e o cenário, funciona para contextualizar o restante da história.

Briony havia escrito uma peça que pretendia encenar com os primos para celebrar a ocasião. A peça era *The Trials of Arabella*; contava a estória de uma princesa que acabou se casando com um médico pobre em recursos materiais, mas rico em valores morais. Antes desse casamento, a princesa teve um relacionamento malsucedido com um conde de quem contraíra cólera. Essa peça refletia a personalidade de Briony e seu desejo de habitar em um mundo onde predominasse a ordem moral e social. Quando Briony percebe que os ensaios da peça não estão conforme seus planos, ela desiste da apresentação e começa a perceber que forças externas estão ameaçando seu mundo perfeito.

Acontecimentos envolvendo Cecília e Robbie também confundem Briony. Cecília e Robbie se desentendem a respeito de um vaso de flores valioso que acaba caindo dentro de uma fonte e se quebrando. Ao notar que Robbie pretende pular na fonte para recuperar o vaso, Cecília se antecipa, se despe e mergulha na fonte. Briony assiste à cena de uma das janelas da casa e infere que existe algo entre Robbie e Cecília. Briony tinha chegado a imaginar que, como nos romances, o menino pobre finalmente tinha tido coragem para pedir a menina rica em casamento; porém, a cena que ela via não condizia com essa expectativa. Ela conclui, então, que Cecília havia tirado a roupa a mando de Robbie, mas isso não fazia sentido no mundo de Briony, onde tudo deveria estar em perfeita ordem. Mais tarde, Robbie tenta escrever à Cecília para explicar a atração que sentia por ela. Depois de vários rascunhos, através de Briony, ele, por engano, envia um texto mais íntimo e sensual à Cecília. Briony resolve ler a carta antes de entregá-la à irmã e acaba se convencendo de que Robbie é um perverso. Essa impressão acaba sendo confirmada quando Briony bisbilhota um encontro amoroso entre Robbie e Cecília na biblioteca.

Por fim, quando Briony sai à procura dos gêmeos, ela testemunha a violência sexual sofrida por Lola. Nesse momento, Briony tem certeza de que Robbie é o culpado, embora não tenha visto a pessoa

responsável pelo crime e Lola tenha afirmado não saber quem cometera tal violência. A polícia é chamada, e Briony, certa de que está finalmente agindo como uma adulta e reestabelecendo a ordem em meio ao caos, convence os adultos e os policiais de que Robbie é o culpado, ele é levado preso, considerado o verdadeiro culpado e somente é liberado da prisão para ir à guerra.

A segunda parte do romance narra, de forma bastante explícita, as experiências de Robbie quando há uma tentativa fracassada de retirar o exército britânico de Dunkirk, durante a II Guerra Mundial. Robbie é retratado como um herói trágico que é forçado ao exílio como forma de punição. Nesse sentido, a ausência compreende um outro tema desenvolvido ao longo do romance; trata-se de uma constante na vida de Robbie, visto que ele não conhece o pai e tem Cecília retirada da sua vida. Mas Robbie acredita ser um ser humano resiliente e livre para criar seu próprio destino. Independentemente de ter nascido pobre, ele se enxerga como um homem capaz de se tornar um médico de sucesso, de se casar com Cecília e de sobreviver à guerra, mesmo quando ferido por um estilhaço de bomba.

Cecília se distancia da família e se torna enfermeira do exército, o que reflete a confusão social da Grã-Bretanha na II Guerra Mundial. Durante esse período, ela e Robbie se correspondem na expectativa de que ele pudesse ser inocentado quando a guerra terminasse e, assim, eles finalmente ficassem juntos. Nas cartas trocadas pelo casal, o leitor consegue saber informações de como estão outros personagens do romance, por exemplo, Briony, que decidira não ir estudar em Cambridge, se tornara enfermeira como a irmã e continuara escrevendo, embora seu livro tivesse sido rejeitado. Nesse momento do romance, Briony é retratada como uma mulher mais madura, capaz de reconhecer seu erro, disposta a mudar seu testemunho e propensa a se reaproximar de Cecília e Robbie. O crime que Briony cometera, acusando Robbie de um ato de violência sexual, do qual ela não tinha certeza se ele era o

responsável, também aparece nessa parte do romance, mas de forma menos relevante em meio às atrocidades da guerra. Ao final dessa segunda parte, o leitor é persuadido a acreditar no fato de que Robbie, mesmo muito ferido, volta à casa dos Tallis.

A terceira parte do romance narra o processo de Briony para se tornar enfermeira. Em Londres, ao longo desse processo, ela acaba sendo subjugada pela Irmã Drummond, responsável por remover de Briony a identidade e toda a certeza que ela pensara ter adquirido enquanto adulta. Junto a isso, Briony tem que lidar com os horrores da guerra, os quais são apresentados vividamente em forma de ferimentos, mutilações e mortes. Isso parece configurar uma catarse para Briony. Ainda nessa terceira parte, ela recebe uma carta sobre a recusa do livro que escrevera. Ao ler a carta, ela descobre que o livro fora rejeitado pela ausência de algumas partes relevantes para a estória. Briony conclui que havia omitido, no livro, os fatos que ela evitava confrontar desde o dia do crime. Portanto, resolve procurar Cecília para tentar consertar a situação. Briony e Cecília se reencontram em uma acomodação inóspita onde Robbie também está presente. Embora a conversa deles não tenha sido muito amigável, Briony promete entrar em contato com os pais e procurar um advogado para refazer seu testemunho. Como tentativa de reverter a pena imputada a Robbie pelo crime, Robbie e Cecília ainda fazem uma série de exigências para que Briony possa cumprir. O casal não acredita que Briony cumprirá todas as exigências, mas imaginam que se elas não forem eficazes em termos legais, pelo menos, amenizariam a reputação de Robbie. Briony termina essa terceira parte saudosa da irmã e com a certeza de que nem a guerra nem a injustiça que cometera haviam sido capazes de destruir o amor de Cecília e Robbie.

Nas 18 páginas finais do livro, o fim da vida de Briony é retratado, quando ela descobre o início de sua demência. Cinquenta e nove anos depois, em um outro encontro familiar na casa de campo dos

Tallis, a peça *The Trials of Arabella* é finalmente encenada por crianças da terceira geração da família de Briony. É nesse momento que o leitor fica ciente de que Briony é uma escritora de sucesso e que toda a história narrada até então é o livro que Briony reescreveu depois de ter recebido a carta de rejeição da editora. Para além disso, o leitor também toma conhecimento de que não houve final feliz para Robbie e Cecília, ambos morreram na guerra e nunca ficaram juntos. A reescrita do livro por Briony não passou de uma tentativa de reparação própria, para que ela passasse por todo o sofrimento novamente, a fim de expurgar o sentimento de culpa que tinha; assim, ela se sentiria como um Deus por ter a capacidade de reviver tudo pela segunda vez.

Atonement é considerado um romance metatextual, uma vez que é por meio da escrita e da ressignificação dos acontecimentos que Briony tenta se redimir de seus erros. O caráter metatextual do romance é ressaltado pelo aparecimento de vários outros textos ao longo da obra, por exemplo, uma citação de Jane Austen, a carta de Robbie para Cecília, a peça *The Trials of Arabella*, as cartas de Cecília para Robbie durante a guerra e a carta do editor para Briony.

3 A valoração

Para analisar a valoração nos excertos selecionados, utilizamos uma planilha eletrônica⁵ cuja elaboração se deu com base no Quadro 1, a seguir. Esse quadro destaca as opções do sistema da ATITUDE, mencionado na seção introdutória deste capítulo e apresentado no segundo capítulo deste livro, sobre a semântica do discurso e a valoração. Para subsidiar nossa análise, acrescentamos um nível de delicadeza para o

⁵ Detalhada na seção Dicas de Análise.

AFETO, realis e irrealis⁶, devido à demanda que encontramos durante a análise por categorias mais específicas, e destacamos as categorias do sistema da ATITUDE que contribuíram de forma mais significativa para a análise dos tipos de focalizador.

Quadro 1 – Categorias utilizadas na análise dos itens valorativos

VALORAÇÃO	ATTITUDE	AFETO	REALIS	FELICIDADE
				INFELICIDADE
				SEGURANÇA
			INSEGURANÇA	
			SATISFAÇÃO	
			INSATISFAÇÃO	
		IRREALIS	INCLINAÇÃO	
			DESINCLINAÇÃO	
		JULGAMENTO	ESTIMA SOCIAL	CAPACIDADE
				TENACIDADE
				NORMALIDADE
			SANÇÃO SOCIAL	VERACIDADE
				PROPRIEDADE
APRECIAÇÃO	REAÇÃO	IMPACTO		
		QUALIDADE		
	COMPOSIÇÃO	EQUILÍBRIO		
		COMPLEXIDADE		
	VALORIZAÇÃO			

Fonte: Das autoras (2021).

Os passos adotados para a análise da valoração foram os seguintes:

- a) Inserção dos excertos selecionados a partir do TF e do TT na planilha eletrônica e segmentação desses excertos em sentenças, uma em cada linha.

⁶ Essas opções de AFETO foram apresentadas no Capítulo 2, embora não tenham sido contempladas no Quadro 2 daquele capítulo.

- b) Identificação da existência de itens valorativos atitudinais em cada sentença do excerto do TF e, havendo itens valorativos atitudinais na sentença, anotação de cada um deles em uma célula, juntamente com o Avaliador e o Avaliado.
- c) Classificação dos itens valorativos, extraídos no passo anterior, conforme as opções do sistema da ATITUDE (AFETO, APRECIÇÃO e JULGAMENTO), o modo de realização (inscrito ou evocado), a carga avaliativa da valoração (positiva, negativa ou ambígua) e a incidência de gradação.
- d) Realização dos passos 1, 2 e 3 com o excerto do TT, equivalente ao excerto do texto-fonte.
- e) Comparação das anotações linguísticas realizadas para cada sentença dos excertos por meio do cotejamento das seleções registradas nas planilhas eletrônicas.

3.1 ITENS VALORATIVOS EM ATONEMENT

A seguir, apresentamos o excerto do romance *Atonement* selecionado para ser usado na pesquisa retratada neste capítulo. Em negrito, estão os itens valorativos atitudinais. Entre parênteses, estão as fases do excerto (cf. seção 2 deste capítulo):

(1) *THE PLAY* -- for which Briony had designed the posters, programs and tickets, constructed the sales booth out of a folding screen tipped on its side, and lined the collection box in red crêpe paper – was written by her in a two-day **tempest of composition**, causing her **to miss a breakfast and a lunch**. (2) When the preparations were complete, she had nothing to do but contemplate her finished draft and wait for the appearance of her cousins from the distant north. There would be time for only one day of rehearsal before her brother arrived. (3) At some moments **chilling**, at others **desperately sad**, the play told a tale **of the heart** whose message, conveyed in a rhyming prologue, was that love which did not build a foundation on **good sense** was **doomed**. The **reckless passion**

of the heroine, Arabella, for a **wicked** foreign count is **punished** by **ill fortune** when she contracts cholera during an **impetuous dash** toward a seaside town with her intended. **Deserted** by him and nearly everybody else, **bed-bound** in a garret, she discovers in herself a **sense of humor**. **Fortune** presents her a second chance in the form of an impoverished doctor – in fact, a **prince** in disguise who has elected to work among the **needy**. Healed by him, Arabella chooses **judiciously** this time, and is **rewarded by reconciliation** with her family and a wedding with the medical **prince** on “a windy sunlit day in spring”.

(4) Mrs Tallis read the seven pages of **The Trials** of Arabella in her bedroom, at her dressing table, with **the author’s arm around her shoulder the whole while**. Briony studied her mother’s face for every trace of shifting emotion, and Emily Tallis **obliged** with looks of **alarm**, snickers of **glee** and, at the end, **grateful smiles** and **wise, affirming** nods. She **took her daughter in her arms**, onto her lap – ah, that **hot smooth little** body she remembered from its infancy, and still not gone from her, not quite yet – and said that the play was “**stupendous**”, and agreed instantly, **murmuring** into the **tight whorl** of the girl’s ear, that this word could be quoted on the poster which was to be on an easel in the entrance hall by the ticket booth.

Começaremos a análise pela fase 1 na qual há dois itens valorativos evocados, destacados em negrito:

(1) THE PLAY – for which Briony had designed the posters, programs and tickets, constructed the sales booth out of a folding screen tipped on its side, and lined the collection box in red crêpe paper – was written by her in a two-day **tempest of composition**, causing her **to miss a breakfast and a lunch**.

“Tempest of composition” pode ser classificada como uma valoração evocada de AFETO:SATISFAÇÃO, pois uma pessoa que está vi-

venciando uma “tempestade de composição”⁷ está absolutamente envolvida na atividade que se dispôs a fazer. Pode-se depreender também uma valoração evocada de JULGAMENTO: CAPACIDADE, já que sabemos, pelo senso comum, que é preciso uma certa habilidade para criar objetos, principalmente, se esse processo de criação se der de forma mais intensa. Em ambos os casos, a valoração apresenta uma carga positiva. “Tempest of composition” compreende, ainda, uma construção metafórica. Segundo Martin e White (2005, p. 67), as metáforas evocam “valorações” por meio da opção EVOCAR.

Na palavra “tempest”, há ainda uma gradação que escala o significado⁸. A GRADAÇÃO também pode ser utilizada para evocar “significados atitudinais” (MARTIN; WHITE, 2005, p. 67).

Em “causing her to miss a breakfast and a lunch”, o significado ideacional evoca uma valoração relacionada ao fato de Briony perder as refeições, “breakfast” e “lunch”, fugindo do senso comum, que costuma tratar como convenção a realização dessas refeições ao longo do dia. Essa perda das refeições pode ser caracterizada como um JULGAMENTO: SANÇÃO SOCIAL que incide sobre Briony, já que a família dela tem o costume de respeitar rigidamente as regras e condutas sociais.

A fase 2 do excerto extraído do TF não apresenta nenhum item valorativo; porém, a fase 3 desse mesmo excerto nos revela diversos itens valorativos, destacados em negrito no trecho a seguir:

(3) *At some moments **chilling**, at others **desperately sad**, the play told a tale **of the heart** whose message, conveyed in a rhyming prologue, was that **love** which did not build a foundation on **good sense** was **doomed**. The **reckless passion** of the heroine, Arabella, for a **wicked** foreign count is **punished** by **ill fortune** when she contracts cholera during an **impetuous dash** toward a seaside town*

⁷ Nossa tradução para “tempest of composition”.

⁸ Pensemos no contínuo: *flurry – wave – tempest*.

with her intended. **Deserted** by him and nearly everybody else, bed-bound in a garret, she discovers in herself a **sense of humor**. **Fortune** presents her a second chance in the form of an impoverished doctor – in fact, a **prince** in disguise who has elected to work among the **needy**. Healed by him, Arabella chooses **judiciously** this time, and is **rewarded** by reconciliation with her family and a wedding with the medical prince on “a windy sunlit day in spring.”

Nessa fase do romance, a trama da peça escrita por Briony é brevemente relatada. Esse momento da narrativa envolve valorações de três tipos: a) de AFETO, realizada pelo item “passion”; b) de APRECIÇÃO, realizada pelo item “chilling”; e c) de JULGAMENTO, realizada pelo item “wicked”. Da mesma forma que acontece na primeira fase do excerto, há itens valorativos de carga positiva e de carga negativa, predominando os negativos, como “chilling”, “sad”, “doomed”, etc.

A análise da quarta fase do excerto em questão foi feita de acordo com a segmentação do trecho em complexos oracionais. A seguir, em 4.1, identificamos no título da peça um item realizando valoração inscrita e outro realizando AFETO evocado por construção ideacional:

(4.1) *Mrs Tallis read the seven pages of **The Trials** of Arabella in her bedroom, at her dressing table, with the author’s **arm around her shoulder** the whole while.*

A forma como mãe e filha estão descritas em 4.1, o braço de uma em torno do ombro da outra, evoca uma valoração de AFETO: FELICIDADE.

Adiante, o segundo complexo oracional (4.2) traz os seguintes itens valorativos:

(4.2) *Briony studied her mother’s face for every trace of shifting emotion, and Emily Tallis **obliged** with looks of **alarm**, snickers of **glee** and, at the end, **grateful** smiles and **wise, affirming nods**.*

A primeira oração (“Briony studied her mother’s face for every trace of shifting emotion”) não apresenta valoração. Já a segunda oração (“and Emily Tallis obliged with looks of alarm, snickers of glee and, at the end, grateful smiles and wise, affirming nods”) conta com diversos itens valorativos. A começar por “obliged” que evoca AFETO:SEGURANÇA. Como os demais itens dessa segunda oração avaliam gestos humanos, “looks”, “snickers”, “smiles” e “nods”, este último capaz de indicar também AFETO: SEGURANÇA, as valorações relacionadas a esses itens são entendidas, neste trabalho, como de AFETO ou de JULGAMENTO, não como de APRECIÇÃO. Tais valorações são classificadas como:

- a) AFETO: INSEGURANÇA (“looks **of alarm**”).
- b) AFETO: FELICIDADE (“snickers **of glee**”).
- c) AFETO: SATISFAÇÃO (“**grateful** smiles”).
- d) JULGAMENTO: CAPACIDADE (“**wise** nods”).
- e) AFETO: SEGURANÇA (“**affirming** nods”).

E, finalmente, o último complexo oracional da fase 4, o 4.3:

(4.3) *She **took her daughter in her arms**, onto her lap – ah, that **hot smooth little** body she remembered from its infancy, and still not gone from her, not quite yet – and said that the play was “**stupidous**”, and agreed instantly, **murmuring** into the **tight whorl** of the girl’s ear, that this word could be quoted on the poster which was to be on an easel in the entrance hall by the ticket booth.*

O item valorativo “took her daughter in her arms” pode indicar uma valoração evocada de AFETO: FELICIDADE se estiver em oposição à construção experiencial “picked the girl up and sat her on her knees”, por exemplo.

Os epítetos “hot smooth little”, que pré-modificam “body”, carregam valoração explícita de APRECIÇÃO: REAÇÃO, principalmente “smooth”. Além disso, esses epítetos apresentam valoração evocada de AFETO: FELICIDADE positiva, principalmente pela GRADAÇÃO por

INTENSIFICAÇÃO: REPETIÇÃO, uma vez que os epítetos listados remetem às qualidades culturalmente desejáveis para um bebê, revelando claramente o posicionamento afetivo da mãe diante da memória de quando a filha era bebê.

Essa afetividade é reforçada pela prosódia de “stupendous”, “murmuring” e “tight whorl”. A primeira, “stupendous”, avalia positivamente a peça escrita por Briony, graduando para mais essa APRECIÇÃO⁹ e ilustrando o orgulho da mãe. Se considerarmos a unificação das prosódias de “murmuring” e de “tight whorl”, poderemos apontar uma valoração positiva evocada. Embora “tight” carregue uma valoração negativa de APRECIÇÃO:COMPOSIÇÃO, os leitores do romance podem entender esse item como uma metáfora, capaz de retratar as situações sociais em que as mães falam, com afeto, de traços físicos dos filhos.

3.2 ITENS VALORATIVOS EM REPARAÇÃO

A seguir, apresentamos o excerto extraído do romance traduzido *Reparação*, com os itens valorativos em negrito:

(1) A peça – para a qual Briony havia desenhado os cartazes, os programas e os ingressos, construído a bilheteria, a partir de um biombo dobrável deitado de lado, e forrado com papel crepom vermelho a caixa para guardar dinheiro – fora escrita por ela num **furor criativo** que durara dois dias e que a levava **a perder um café da manhã e um almoço**. (2) Terminados todos os preparativos, só lhe restava contemplar o texto pronto e aguardar a vinda dos primos do Norte longínquo. Só haveria tempo para um dia de ensaios antes de seu irmão chegar. (3) A peça, **emocionante** em alguns trechos, de uma **tristeza desesperada** em outros, era uma estória **do coração**, cuja mensa-

⁹ Consideremos o contínuo: bom – ótimo – estupendo.

gem, expressa num prólogo rimado, era a de que todo amor que não fosse fundado no **bom senso** estava **fadado ao fracasso**. A **paixão imprudente** da heroína, Arabella, por um **malvado** conde estrangeiro é **punida** pelo **infortúnio** quando ela contrai cólera numa viagem **impetuosa** com seu **amado** a uma cidade costeira. **Abandonada** por ele e por praticamente todo mundo, **acamada** numa água-furtada, Arabella descobre que tem **senso de humor**. A **fortuna** lhe apresenta uma segunda oportunidade na pessoa de um médico sem dinheiro – o qual, na verdade, é um **príncipe** disfarçado, que optou por trabalhar para os pobres. Curada por ele, Arabella dessa vez faz uma escolha **sen-sata** e é **recompensada pela reconciliação** com a família e pelo casamento com o **príncipe-médico** “num dia **primaveril** de vento e sol”.

(4) A Sra. Tallis leu as sete páginas de Arabella **em apuros** em seu quarto, sentada à penteadeira, **com o braço da autora em seu ombro o tempo todo**. Briony observava com atenção o rosto da mãe para detectar qualquer sinal de emoção, e Emily Tallis não a **decepcionou**, reagindo com expressões de **espanto**, **risos maliciosos** e, no final, sorrisos de **gratidão** e acenos de **sábria aprovação**. **Abraçou** a filha, colocou-a no colo – ah, ela se lembrava daquele **corpinho** infantil, **quente e macio**, e que por ora não a havia deixado, não de todo ainda –, disse que a peça era “**estupenda**” e permitiu imediatamente, cochichando no **pequeno remoinho** da orelha da menina, que seu comentário fosse citado no cartaz a ser posto sobre um cavalete no hall de entrada, junto à bilheteria.

Passemos à análise das variações valorativas por fases, assim como fizemos na análise do excerto extraído do TF. As variações entre os excertos do TF e do TT serão mostradas em quadros com o auxílio de cores, as quais foram usadas para correlacionar os itens avaliativos presentes no excerto do TF com os itens avaliativos presentes no excerto do TT. Começemos pelo Quadro 2 que contempla a fase 1.

Quadro 2 – Valoração na fase 1 dos excertos extraídos do TF e do TT

TF	The play [...] was written by her in a two-day tempest of composition , causing her to miss a breakfast and a launch .				
TT	A peça [...] fora escrita por ela num furor criativo que durara dois dias e que a levava a perder um café de manhã e um almoço .				
Nº	Item avaliativo	Avaliador	Atitude	Avaliado	Gradação
1	tempest of composition/ furor criativo	Narrador + Focalizador	AFETO: t (+) satis.	Briony	Força (+)
2	miss a breakfast and a lunch/ perder um café da manhã e um almoço	Narrador + Focalizador	JULGAMENTO: t (-)prop.	Briony	

Fonte: Das autoras (2021).

A tradução de “tempest of composition” para o romance em português é “furor criativo”. Avaliando os dois itens como um todo, entendemos que ambos têm carga positiva, mas podemos considerar que a carga do item “furor” varia de negativa a positiva, enquanto a carga de “tempest” tende a ser apenas negativa. Da mesma forma, “criativo” tem carga positiva, ao passo que “of composition” parece ser neutro. Assim, fica evidente que a carga da valoração é mais positiva no excerto do TT.

Além disso, a construção “furor criativo” não é metafórica; portanto, não tem o efeito de EVOCAR uma valoração. Pelo contrário, essa construção parece explicitar o significado da metáfora evocada no excerto do TF, inscrevendo a valoração de AFETO: SATISFAÇÃO. Ainda com relação à construção “furor criativo”, podemos apontar que a gradação presente em “tempest” também está em “furor”¹⁰, evocando a avaliação.

¹⁰ Imaginemos o contínuo: ânimo – excitação – furor.

Já a valoração evocada de JULGAMENTO: SANÇÃO SOCIAL presente em “miss a breakfast and a lunch” se mantém em “perder um café da manhã e um almoço” no excerto extraído do TT.

O Quadro 3 mostra as variações valorativas relacionadas à fase 3 dos excertos extraídos do TF e do TT. Novamente utilizamos o esquema de cores para correlacionar os itens avaliativos presentes no excerto do TF com os itens avaliativos presentes no excerto do TT.

Quadro 3 – Valoração na fase 3 dos excertos extraídos do TF e do TT

TF	At some moments chilling [...] the play				
TT	A peça, emocionante em alguns trechos				
Nº	Item avaliativo	Avaliador	Atitude	Avaliado	Gradação
3	chilling emocionante	Narrador + Focal.	APRECIAÇÃO: (-)reac. APRECIAÇÃO: (+)reac.	The play a peça	
TF	she contracts cholera during an impetuous dash with her intended				
TT	Contraí cólera numa viagem impetuosa com seu amado				
Nº	Item avaliativo	Avaliador	Atitude	Avaliado	Gradação
4	Impetuoso dash Viagem impetuosa	Narrador + Focal	JULGAMENTO: (-)tenac. JULGAMENTO: (-)tenac.	Arabella	Força (+) -
5	Intended amado	Narrador + Focal	AFETO: (+)inclin. AFETO: (+)felic.	The prince O príncipe	
TF	A prince in disguise who has elected to work among the needy				
TT	Um príncipe disfarçado, que optou por trabalhar para os pobres				
Texto	Item avaliativo	Avaliador	Atitude	Avaliado	Gradação
6	Needy pobres	Narrador + Focal.	AFETO: t (+)inclin -		
TF	On “a windy sunlit day in spring.”				
TT	“num dia primaveril de vento e sol”.				
Nº	Item avaliativo	Avaliador	Atitude	Avaliado	Gradação
7	- Primaveril	Briony	- APRECIAÇÃO: t (+)val. social	Dia	

Fonte: Das autoras (2021).

O item 3 do Quadro 3 mostra uma diferença de carga avaliativa entre os itens “chilling” e “emocionante”, os quais apreciam partes da peça escrita por Briony. O primeiro, “chilling”, tem carga negativa, pois esse item geralmente indica sensações de medo, arrepio ou frio na espinha. O segundo, “emocionante”, tem uma carga que tende a ser considerada positiva em português brasileiro, visto que esse item geralmente é utilizado para descrever situações que causam uma comoção agradável em quem as experiencia.

O item 4, localizado no Quadro 3, também apresenta diferença em relação à valoração entre os excertos extraídos do TF e do TT. Em “impetuous dash”, vemos que “impetuous” é claramente valorativo e possui carga negativa. Observemos que se trata de um dos casos em que uma APRECIACÃO remete em última análise a um JULGAMENTO, por compreender uma atitude humana (“dash”). Por esse motivo, classificamos essa valoração negativa como de JULGAMENTO:TENACIDADE. No excerto extraído do TT, a tradução que aparece para “impetuous dash” é “viagem impetuosa”, como destacamos no Quadro 3. As implicações valorativas detalhadas para “impetuous” também são válidas para “impetuosa”. Entretanto, “dash”, presente no excerto extraído do TF, engloba também um significado de “viagem rápida”, sendo rapidez uma qualidade que reforça o significado atitudinal do epíteto “impetuous” em “impetuous dash”. Diante dessa prosódia, podemos assumir que a ação da protagonista foi inapropriada (JULGAMENTO negativo evocado). A escolha pelo item “viagem” no excerto extraído do TT, por sua vez, não traz consigo essa qualidade de rapidez, não havendo, portanto, a saturação da prosódia com “impetuosa”. Isso resulta na construção de um JULGAMENTO menos proeminente no escopo da configuração valorativa nessa fase do TT.

Ainda no Quadro 3, no item 5, “intended” inscreve uma valoração de AFETO:INCLINAÇÃO em que o estímulo está mais relacionado a uma intenção (*irrealis*) do que a uma reação a algo concreto. Já seu

equivalente no TT, “amado”, inscreve uma valoração de AFETO:FELICIDADE como reação a um estímulo real (*realis*). Portanto, nesse excerto do TT, a relação afetiva parece estar construída como algo mais concreto do que no excerto equivalente do TF.

No item 6, também no Quadro 3, a escolha pelo item “needy”, presente no excerto extraído do TF, para caracterizar os pobres atendidos pelo príncipe de Arabella pode ser entendida como valorativa. Por ser uma forma derivada do PROCESSO “need”, que pode indicar AFETO do tipo *irrealis* e carrega consigo uma valoração de AFETO:INCLINAÇÃO. Em conjunto com os itens “prince” e “elected”, a figura dessa personagem é construída de maneira positiva como alguém que optou por trabalhar em prol das necessidades de quem mais precisa. No excerto extraído do TT, “príncipe” aparece como tradução de “prince”, “optou por” como tradução de “elected” e “pobres” como tradução de “needy”. Contudo entendemos que o uso do adjetivo “pobres” para caracterizar os pacientes atendidos é mais descritivo do que valorativo, não carregando a valoração de INCLINAÇÃO dado que “pobres” não é proveniente de um verbo cuja capacidade seja de construir afeto do tipo *irrealis*.

Por fim, o item 7, último item destacado no Quadro 3, mostra que o QUALIFICADOR “in spring”, que aparece no excerto extraído do TF, foi traduzido como “primaveril” no excerto extraído do TT. Podemos analisar “primaveril” como um item dotado de valoração uma vez que pode ser usado figurativamente para indicar uma lembrança relacionada à primavera e/ou às conotações positivas que a cercam, funcionando, portanto, como uma valoração de carga positiva.

Em suma, observamos que a configuração valorativa dessa fase do excerto extraído do TT é menos proeminente, visto que há dois itens não valorativos, que estão indicados por asterisco, contra um do excerto extraído do TF. Além disso, os itens valorativos que estão localizados nessa fase do excerto extraído do TT parecem indicar alterações na construção de alguns personagens e da peça como um todo.

A peça é descrita de forma mais positiva em razão do uso do item “emocionante”. A protagonista Arabella e os apuros pelos quais ela passa também tendem a uma representação mais positiva no excerto do TT por causa da utilização dos itens “amado” (que constrói o amor com mais concretude), “primaveril” e “viagem” (sem valoração) que fazem com que a carga negativa do JULGAMENTO de “impetuous dash” sobre Arabella seja diminuída. Por outro lado, a benevolência do príncipe é mais proeminente no excerto do TF, em função do uso de “needy”, por exemplo.

Entrando na fase 4, o Quadro 4 mostra uma variação valorativa na fase 4.1 dos excertos extraídos do TF e do TT. Novamente utilizamos o esquema de cores para correlacionar os itens avaliativos presentes no excerto do TF com os itens avaliativos presentes no excerto do TT.

Quadro 4 – Valoração na fase 4 (4.1) dos excertos extraídos do TF e do TT

TF	With the author’s arm around her shoulder the whole while.				
TT	Com o braço da autora em seu ombro o tempo todo.				
Nº	Item avaliativo	Avaliador	Atitude	Avaliado	Gradação
8	Around em	Narrador	AFETO: t(+)-felic. -	Briony -	

Fonte: Das autoras (2021).

A preposição “around”, que aparece no excerto extraído do TF, constrói uma representação ideacional que evoca claramente a proximidade e o afeto entre filha e mãe, enquanto a preposição “em”, que aparece no excerto extraído do TT, é mais neutra em comparação às seguintes alternativas: ‘em volta de’; ‘ao redor de’; ou mesmo, ‘em torno de’. Assim, o gesto da filha para com a mãe no excerto do TT não representa necessariamente uma manifestação afetiva. Isso faz com que o AFETO evocado seja menor ou tenha sua existência questionada nessa fase 4.1 do TT.

O Quadro 5 mostra uma variação valorativa na fase 4.2 dos excertos extraídos do TF e do TT. Seguimos utilizando o esquema de cores para correlacionar os itens valorativos presentes no excerto do TF com aqueles presentes no excerto do TT.

Quadro 5 – Valoração na fase 4 (4.2) dos excertos extraídos do TF e do TT

TF	And Emily Tallis obliged with looks of alarm, snickers of glee and, at the end, grateful smiles and wise, affirming nods.				
TT	E Emily Tallis não a decepcionou, reagindo com expressões de espanto, risos maliciosos e, no final, sorrisos de gratidão e acenos de sábia aprovação.				
Nº	Item avaliativo	Avaliador	Atitude	Avaliado	Gradação
9	obliged não a decepcionou	Narrador + Focal.	AFETO: (+)segur. AFETO: neg(+)satis.	Tallis Briony	
10	of glee maliciosos	Narrador + Focal.	APRECIÇÃO: (+)reac. JULGAMENTO: t (-) prop.	Tallis	

Fonte: Das autoras (2021).

O item 9, no Quadro 5, é responsável por indicar que o item avaliativo “obliged”, que aparece no excerto do TF, foi traduzido como “não a decepcionou”, como se vê no excerto do TT. “Obliged” é classificado como uma valoração de AFETO: SEGURANÇA evocada, enquanto “não a decepcionou” evoca valoração de AFETO: INSATISFAÇÃO.

Ainda no Quadro 5 temos o item 10, que nos mostra que “snickers of glee” no excerto extraído do TF teve como tradução “risos maliciosos”. Em relação à valoração, vemos que “snickers of glee” tem avaliação positiva. Em contrapartida, em português brasileiro, “maliciosos”, em “risos maliciosos”, tem uma carga mais variável do que “glee” em inglês, admitindo, portanto, conotações positivas e também negativas. Além disso, “malicioso” calibra alguns significados ideacionais que não estão presentes em “glee”, sendo tais significados voltados para o

campo do erotismo ou da sátira de cunho sexual.¹¹ Tendo em mente essas calibrações e conotações relacionadas ao item “malicioso”, presente no excerto extraído do TT, podemos dizer que a valoração desse item não se restringe à APRECIACÃO, mas apresenta também valoração evocada negativa de JULGAMENTO: SANÇÃO SOCIAL. Isso pode ser explicado pelo fato de a malícia, quando entendida como astúcia ou manipulação, ser uma atitude considerada culturalmente repreensível. Vale ressaltar que a motivação do tradutor para essa variação em relação à valoração pode ter sido resultado das ideias de desrespeito ou falta de decoro, ambas possíveis para “snickers”. Entretanto, entendemos que a colocação de “snickers” com “glee” depreende somente um sentido, o de risada parcialmente abafada, enquanto a colocação de “risos” com “maliciosos” não ameniza as possíveis conotações negativas de “maliciosos”. Por esse motivo, podemos afirmar que houve variação de valoração entre os textos no que tange ao item 10.

O JULGAMENTO do item “wise”, presente na fase 4.2 do excerto extraído do TT, está direcionado ao item “aprovação”, pois há paráfrase do grupo nominal “wise, affirming nods” (“acenos sábios, reconfortantes”) para “acenos de sábia aprovação”. Entretanto, entendemos que essas diferenças estão relacionadas à valoração de APRECIACÃO e, como optamos por classificar esse item na perspectiva do JULGAMENTO (centrado em “wise” e com Tallis como elemento Avaliado), essa diferença não é considerada significativa para a nossa pesquisa.

Assim, a carga valorativa do excerto extraído do TT, no que diz respeito à fase 4.2, é diferente da do excerto extraído do TF para essa mesma fase. Isso se dá por dois motivos: a) a inclusão da mudança de tipo de valoração evocada em “obliged” – “não a decepcionou”; e b) a possível interpretação negativa da atitude de Tallis ou a inclusão de

¹¹ “Malícia”, de acordo com a Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0 (2009), tem como uma de suas acepções: “zombaria fina e picante; intenção satírica”.

alguns comportamentos dela que não estão potencialmente previstos no excerto original, o que pode resultar em um desalinhamento do leitor do romance com essa personagem.

Finalmente, o Quadro 6 apresenta uma variação valorativa encontrada na fase 4.3 dos excertos extraídos do TF e do TT. Utilizamos o esquema de cores para correlacionar os itens avaliativos presentes no excerto do TF com os itens avaliativos presentes no excerto do TT.

Quadro 6 – Valoração na fase 4 (4.3) dos excertos extraídos do TF e do TT

TF	She took her daughter in her arms , onto her lap.				
TT	Abraçou a filha, colocou-a no colo.				
Nº	Item avaliativo	Avaliador	Atitude	Avaliado	Gradação
10	Took in her arms abraçou	Narrador + Focal.	AFETO: t(+)-felic. AFETO: t(+)-satis.	Tallis Tallis	Força (+) -

Fonte: Das autoras (2021).

O Quadro 6 nos mostra que a tradução de “took her daughter in her arms” para o texto em português é “abraçou”. No que concerne à valoração, a escolha por “abraçou” tem menor gradação quando comparada à opção tradutória mais literal, a saber, “tomou a filha nos braços”.

Os demais itens dessa fase não apresentam variações entre TT e TF. “Hot smooth little” funcionam como pré-modificadores de “body” no excerto extraído do TF e na tradução do romance para o português aparecem como “infantil, quente e macio”¹², funcionando como pós-modificadores de “corpinho”. Em ambos os casos, há GRADAÇÃO por INTENSIFICAÇÃO: REPETIÇÃO, APRECIACÃO explícita em relação às valorações positivas dirigidas à lembrança da filha e AFETO evocado, principalmente em “corpinho” e “macio”.

¹² Na tradução para o português, houve o acréscimo do item “infantil”.

Por fim, os AFETOS evocados pela metáfora em “tight whorl” e pela GRADAÇÃO de “stupendous” presentes no excerto extraído do TF também estão no TT em “pequeno remoinho” [sic] e “estupenda”, respectivamente, reproduzindo a prosódia construída por “estupenda”, “cochichando” e “pequeno remoinho”.

A seguir, analisaremos a focalização, partindo das observações tecidas até este momento sobre a valoração.

4 A Focalização

Conforme anunciamos na Introdução deste capítulo, para associar a análise do sistema da ATITUDE à análise da focalização, partimos do pressuposto de que o sistema da VALORAÇÃO seria essencial para a construção da focalização nos excertos original e traduzido analisados neste capítulo. Esse pressuposto é justificado pela definição de focalização-personagem de Rimmon-Kenan ([1983] 2002, p. 82) como uma perspectiva subjetiva, envolvida ou “colorida” e pela descrição de Martin e White (2005) sobre o sistema da VALORAÇÃO como conjunto de significados que constrói o posicionamento subjetivo de falantes/escritores, quando estes “[...] aprovam ou desaprovam, se entusiasmam com ou abominam, aplaudem ou criticam” (MARTIN; WHITE, 2005, p. 1)¹³. Nesse sentido, podemos associar o avaliador ao focalizador e o avaliado ao focalizado. Estabelecemos ainda outra associação entre a observação de Bal (1990) sobre a possibilidade de a atitude do focalizador ser mais explícita ou menos explícita nas realizações inscrita ou evocada previstas no sistema da ATITUDE, tal como detalhado em Martin (1992); Martin e White (2005) e Martin e Rose ([2003] 2007).

¹³ Nossa tradução para “approve and disapprove, enthuse and abhor, applaud and criticise”.

Para a análise da focalização, usamos as categorias presentes no Quadro 7, a seguir, as quais já foram abordadas no primeiro capítulo deste livro:

Quadro 7 – Categorias utilizadas para a análise da focalização

Focalização	Externa	Narrador-Focalizador	Percepção do focalizado	A partir de dentro	Facetas da focalização	Perceptiva (espaço-temporal)
	Interna	Focalizador-personagem				Psicológica
	Dupla	Personagem focalizado e focalizador simultaneamente		A partir de fora		Ideológica

Fonte: Das autoras (2021).

Usamos também uma planilha eletrônica desenvolvida para auxiliar a análise da focalização nos textos. Nela, segmentamos em orações os excertos extraídos do TF (*Atonement*) e do TT (*Reparação*) selecionados para serem utilizados neste capítulo. Em seguida, recorreremos à parte da planilha destinada à classificação do tipo de Narrador, de Focalizador e da Perspectiva (de dentro ou de fora). Seguimos, portanto, este conjunto de passos:

- a) Abordamos os textos “de cima para baixo”: a partir da leitura de cada um deles, do original e do traduzido, selecionamos os excertos e investigamos a focalização de cada um deles. Então, verificamos como os itens valorativos identificados ao longo dos excertos estavam para os tipos de focalização.
- b) Segmentamos em orações os dois excertos na planilha da narratologia, mencionada no início desta seção, e anotamos manualmente essas orações conforme as categorias utilizadas para a análise da focalização (cf. Quadro 7).

- c) Cotejamos as anotações feitas nas planilhas, uma para o excerto original e outra para o excerto traduzido, a fim de verificarmos como se dava a focalização em cada um dos excertos.

4.1 A FOCALIZAÇÃO EM *ATONEMENT*

Dividimos o excerto extraído de *Atonement* em trechos conforme o tipo de focalização observado. Essa divisão coincide com as fases apresentadas na análise da valoração. Adiante, mostramos a fase em questão seguida da respectiva análise da focalização.

As fases 1 e 2 do excerto extraído do TF estão a seguir:

*(1) THE PLAY – for which Briony had designed the posters, programs and tickets, constructed the sales booth out of a folding screen tipped on its side, and lined the collection box in red crêpe paper – was written by her in a two-day **tempest of composition**, causing her to **miss a breakfast and a lunch**. (2) When the preparations were complete, she had nothing to do but contemplate her finished draft and wait for the appearance of her cousins from the distant north. There would be time for only one day of rehearsal before her brother arrived.*

Em (1), a valoração de AFETO em “tempest of composition” revela que Briony está vivendo uma experiência interna, indicando focalização a partir de dentro da personagem. Em relação às metáforas, Bal (1990) afirma que elas podem representar a linguagem própria de um dado personagem da estória¹⁴ e, conseqüentemente, a intromissão desse personagem na narração. Pela perspectiva da valoração, essa implicação pode ser explicada pelo efeito de evocar uma avaliação, pressupondo um avaliador. Assim, as valorações evocadas em “tempest of composition”, bem como a de JULGAMENTO negativo em “to miss a

¹⁴ Bal (1990) aponta que, por meio da metáfora, o focalizador-personagem tenta encaixar o objeto focalizado no seu domínio de experiência.

breakfast and a lunch” sugerem que alguém está avaliando o ocorrido. Mas quem seria esse avaliador-focalizador: o narrador onisciente ou uma das personagens do romance?

A análise das valorações presentes nessa fase 1, bem como o fato de que, no nível informacional, tudo o que é revelado na narrativa é sabido por pelo menos um dos personagens presentes no(s) evento(s) relatado(s) na cena – cf. Rimmon-Kenan ([1983] 2002) sugerem uma focalização-personagem. Mas qual personagem seria? Seria a própria Briony? Por ora, deixaremos essa questão em aberto; ela será respondida mais à frente.

Adiante, tratamos da fase 3 do excerto extraído do TF:

(3) *At some moments **chilling**, at others **desperately sad**, the play told a tale **of the heart** whose message, conveyed in a rhyming prologue, was that **love** which did not build a foundation on **good sense** was **doomed**. The **reckless passion** of the heroine, Arabella, for a **wicked** foreign count is **punished** by **ill fortune** when she contracts cholera during an **impetuous dash** toward a seaside town with her intended. Deserted by him and nearly everybody else, bed-bound in a garret, she discovers in herself a **sense of humor**. **Fortune** presents her a second chance in the form of an impoverished doctor – in fact, a **prince** in disguise who has elected to work among the **needy**. Healed by him, Arabella chooses **judiciously** this time, and is rewarded by reconciliation with her family and a wedding with the medical prince on “a windy sunlit day in spring”.*

Essa fase retrata um segundo nível dentro da narrativa principal, isto é, uma narrativa dentro da narrativa, pois descreve os eventos da peça escrita por Briony. Essa descrição apresenta diversos itens avaliativos, os quais foram detalhados na seção sobre valoração deste capítulo. Esse segundo nível da narrativa indica uma narração em que o falante se posiciona. Tal posicionamento, em conjunto com o fato de essa fase 3 estar localizada no mesmo parágrafo das fases anteriores,

sugere que a peça pode estar sendo focalizada por um personagem da narrativa central.

A fase 4 do excerto extraído do TF traz, em 4.1, uma informação importante a respeito da focalização do primeiro parágrafo. Vejamos:

*(4.1) Mrs Tallis read the seven pages of The Trials of Arabella in her bedroom, at her dressing table, with the author's arm **around** her shoulder the whole while.*

Essa fase do excerto é responsável por descrever o momento em que a personagem Mrs. Tallis, mãe da Briony, lê a peça criada pela filha. Considerando-se esse fato, Mrs. Tallis pode ser vista como focalizadora no primeiro parágrafo, sendo esse parágrafo relatado pelo narrador a partir de sua própria perspectiva. Essa hipótese explica a valoração evocada pela observação, presente na fase 1 no excerto extraído do TF, de que Briony perdera duas refeições, um café da manhã e um almoço, preocupação típica de mãe e passível de caracterizar uma valoração de JULGAMENTO. Mas como explicar a focalização a partir de dentro da personagem Briony em “tempest of composition”? Mrs. Tallis, na condição de personagem do romance, não tem a capacidade de penetrar a consciência da filha; mas é capaz de interpretar as ações da menina, formulando suposições acerca do mundo interior de Briony. Nesse sentido, podemos considerar a focalização como sendo interna nesse trecho do excerto.

A ausência de valoração na fase 4.1 (exceto pela valoração evocada de “around”), bem como o processo material realizado por “read”, sugerem focalização externa e uma perspectiva de fora em que Mrs. Tallis pode ser entendida como o elemento focalizado. Neste momento temos, portanto, uma mudança de focalizador em relação às fases 1 e 2 do excerto extraído do TF: passa-se de focalização-personagem para focalização externa (narrador-focalizador) sobre Mrs. Tallis.

A seguir, apresentamos a fase 4.2 do excerto extraído do TF:

(4.2) *Briony studied her mother's face for every trace of shifting emotion, and Emily Tallis **obliged** with looks of **alarm**, snickers of **glee** and, at the end, **grateful** smiles and **wise, affirming nods**.*

A primeira oração que aparece em 4.2 não conta com valoração. Entretanto, vemos que neste momento a personagem focalizada é Briony, que é vista a partir de uma perspectiva de dentro, a qual pode ser confirmada pela realização do processo “studied”.

Partindo para a segunda oração, ainda na fase 4.2, vemos que Emily Tallis, também chamada no romance de Mrs. Tallis, passa a ser o elemento focalizado, visto que apresenta diversas valorações de AFETO reveladoras dos sentimentos e emoções dessa personagem. Assim, a partir desse momento, o narrador-focalizador parece penetrar as consciências das personagens, focalizando-as por meio de uma perspectiva de dentro.

A seguir, reproduzimos a fase 4.3 do excerto extraído do TF:

(4.3) *She **took her daughter in her arms**, onto her lap – ah, that **hot smooth little** body she remembered from its infancy, and still not gone from her, not quite yet – and said that the play was “**stupendous**”, and agreed instantly, murmuring into the **tight whorl** of the girl's ear, that this word could be quoted on the poster which was to be on an easel in the entrance hall by the ticket booth.*

Como mencionado na seção deste capítulo destinada à valoração, há uma configuração valorativa que está espalhada por meio da prosódia em todo o trecho da fase 4.3. Essa configuração compreende as APRECIACÕES “hot smooth little”, “stupendous” e “tight whorl” – que evocam AFETOS e têm Emily Tallis como fonte/avaliador – e atributos da filha Briony – “body” em “hot smooth little body”, “the play”

em “the play was stupendous” e “the girl’s ear” em “the tight whorl of girl’s ear” como alvo/avaliado.

Não podemos ignorar ainda o fato de que Emily Tallis e sua filha Briony também são os elementos focalizados nessa fase do excerto. Ambas funcionam como participantes tanto em orações materiais quanto em orações verbais, as quais podem indicar focalização externa e perspectiva de fora.

Por outro lado, quando Emily Tallis funciona como participante 1 (Experienciador) da oração mental “ah, that hot smooth little body, she remembered”, há focalização interna. Quando Tallis funciona como participante 1 (Dizente) nas orações – “[...] and said the play was stupendous [...] murmuring into the tight whorl of the girl’s ear”, ela assume a responsabilidade pelas valorações em “stupendous” e “tight whorl”. Por fim, as APRECIACÕES realizadas por algumas configurações específicas, como a metafóricidade em “tight whorl”, a GRADAÇÃO em “stupendous” e a GRADAÇÃO por intensificação em “hot smooth little”, apontam para uma intromissão de Emily Tallis na narração. Assim, entendemos que o trecho correspondente à fase 4.3 do excerto extraído do TF apresenta dupla focalização, pois Emily Tallis está simultaneamente na posição de focalizado e de focalizador.

4.2 A FOCALIZAÇÃO EM REPARAÇÃO

Para viabilizar as análises contrastivas entre o excerto extraído do TF e o excerto extraído do TT no que diz respeito ao tipo de focalização e às diferenças de valoração identificadas anteriormente neste capítulo, apresentamos em quadros cada fase dos excertos, sempre com o trecho do TF seguido do trecho equivalente do TT. Iniciamos pela fase 1, registrada no Quadro 8 a seguir.

Quadro 8 – Variações no tipo de focalização da fase 1 dos excertos extraídos do TF e do TT

Nº		Item avaliativo	Focalizador	Faceta da Focalização	Focalizado	Focaliz.no TT
1	TF TT	tempest of composition furor criativo	Focalizador personagem Tallis	Psicológica, a partir de dentro (inferida)	Briony	Menos clara, mais positiva

Fonte: Das autoras (2021).

Primeiramente, observamos que a construção “furor criativo” presente no excerto extraído do TT não é metafórica, ao passo que a expressão equivalente no excerto extraído do TF, “tempest of composition”, é metafórica. Isso pode significar a ausência de interferência idioletal de algum personagem do romance, além de não expressar valorização evocada. Percebemos, portanto, que a focalização-personagem é imprecisa nessa fase 1 do excerto extraído do TT.

Em segundo lugar, como já discutimos, “furor criativo” tem carga mais positiva em comparação a “tempest of composition”. Por esse motivo, o focalizador nessa fase 1 do excerto extraído do TT parece ter uma visão mais favorável ao processo de criação de Briony, como sintetiza o Quadro 8.

Em relação à fase 3 dos excertos extraídos do TF e do TT, o Quadro 9 traz as seguintes comparações:

Quadro 9 – Variações no tipo de focalização da fase 3 dos excertos extraídos do TF e do TT

Nº		Item avaliativo	Focalizador	Faceta da Focalização	Focalizado	Focaliz. no TT
1	TF TT	chilling emocionante	Focalizador personagem Tallis	Psicológica, a partir de dentro	A peça	Mais positiva
2	TF TT	intended amado	Focalizador personagem Tallis	Psicológica, a partir de dentro	A peça	Mais concreta
	TF TT	in spring primavera	Focalizador personagem Tallis	Psicológica, a partir de dentro	A peça	Mais positiva

Fonte: Das autoras (2021).

A análise das configurações valorativas da fase 3 dos excertos extraídos do TF e do TT apontou para uma carga, no geral, mais positiva para o TT, principalmente no que tange aos itens “emocionante”, “amado” e “primavera”. Isso pode indicar uma construção mais otimista acerca do enredo da peça, evidenciando um focalizador que se mostra favorável em relação a ela, o que também acontece na fase 1.

Vejamos a fase 4, primeiramente o complexo 4.1 detalhado no Quadro 10.

Quadro 10 – Variações no tipo de focalização da fase 4.1 dos excertos extraídos do TF e do TT

Nº		Item avaliativo	Focalizador	Faceta da Focalização	Focalizado	Focaliz. no TT
1	TF	around her shoulder	Focalizador narrador	Psicológica, a partir de fora	Briony	Evoca afeto menos claramente
	TT	em seu ombro				

Fonte: Das autoras (2021).

A comparação dos itens avaliativos “around her shoulder” e “em seu ombro”, ambos destacados na fase 4.1 dos excertos extraídos do TF e do TT, respectivamente, aponta que a diferença em termos valorativos se dá em uma realização de AFETO evocado no item avaliativo do TT, visto que “em seu ombro” é entendido como forma mais distante quando comparado a “around her shoulder”. Apesar dessa diferença, a focalização continua externa na fase 4.1 nos dois excertos.

Ainda na fase 4, temos o complexo 4.2 no Quadro 11 a seguir:

Quadro 11 – Variações no tipo de focalização da fase 4.2 dos excertos extraídos do TF e do TT

Nº		Item avaliativo	Focalizador	Faceta da Focalização	Focalizado	Focaliz. no TT
1	TF TT	obliged não a decepcionou	Focalizador narrador	Psicológica, a partir de dentro	Tallis Briony	Diferente focalizado
2	TF TT	glee maliciosos	Focalizador narrador	Psicológica, a partir de dentro	Tallis	Mais negativa

Fonte: Das autoras (2021).

Analisando os dados do Quadro 11, percebemos que tanto a focalização da fase 4.2 do excerto extraído do TF quanto do excerto extraído do TT se dá de maneira interna, penetrando a consciência das personagens. No entanto, no TT, a carga negativa de “maliciosos” pode construir uma disposição mais negativa desse focalizador sobre a personagem Tallis. Dependendo da construção dos personagens ao longo do romance traduzido, essa valoração pode interferir nos intercâmbios interpessoais entre os personagens ou entre o leitor e a personagem Tallis ou entre o leitor e a personagem focalizadora.

Por fim, temos o complexo 4.3 detalhado no Quadro 12 adiante:

Quadro 12 – Variações no tipo de focalização da fase 4.3 dos excertos extraídos do TF e do TT

Nº		Item avaliativo	Focalizador	Faceta da Focalização	Focalizado	Focaliz. no TT
1	TF	took her daughter in her arms	Focalizador narrador	Psicológica, a partir de fora	Tallis	Evoca afeto menos claramente
	TT	abraçou				

Fonte: Das autoras (2021).

Examinando as diferenças entre as classificações para a fase 4.3 nos dois excertos, original e traduzido, podemos afirmar que para essa fase há uma focalização externa e uma focalização-personagem. Mrs. Tallis, Emily Tallis, está na posição de focalizado e de focalizador, e as classificações valorativas não apresentam grandes variações entre o trecho do excerto do TF e o equivalente do TT, exceto por uma diminuição da GRADAÇÃO em “abraçou”, presente no TT.

Em suma, não identificamos variações entre os tipos de focalização ou focalizador no TT em relação ao TF nos excertos analisados. Quanto às variações valorativas, observamos alterações principalmente na carga de avaliações do TT quando comparamos as classificações de valoração identificadas para o excerto extraído do TT com aquelas constatadas para o excerto extraído do TF. Essas variações de carga se dão, em sua maioria, na direção de uma maior positividade, mas também há uma carga mais negativa em um dos complexos do TT. Além disso, essas diferenças de valoração indicam que o afeto é evocado com menos clareza no TT do que no TF, o que pode afetar potencialmente a construção de determinadas atitudes de alguns personagens da narrativa, afetando, sobretudo, a faceta psicológica da focalização.

5 Considerações finais

Neste capítulo, procuramos mostrar o papel dos recursos semântico-discursivos do sistema da VALORAÇÃO, em particular o sistema da ATITUDE, na construção da focalização em excertos extraídos do romance *Atonement* originalmente escrito em inglês (TF) e nos excertos equivalentes extraídos do romance traduzido para o português brasileiro *Reparação* (TT). Dessa maneira, pudemos traçar comparações entre esses excertos, investigando as diferenças valorativas entre eles.

Verificamos que o sistema da ATITUDE se mostrou relevante para a construção da focalização-personagem, e as opções de AFETO evocado também tiveram papel importante para a focalização.

Ao longo das análises, mostramos que pode haver simultaneamente focalização externa e focalização de personagem. Isso se dá quando um personagem é descrito externamente e suas avaliações também são relatadas em um mesmo trecho do excerto.

No cotejo das classificações detectadas para os excertos extraídos do TF e do TT, constatamos que as configurações valorativas do excerto do TT apresentaram variações de carga que afetaram a construção de atitudes dos personagens do romance traduzido. Essas variações podem afetar principalmente a faceta psicológica da focalização, construindo uma disposição mais favorável ou até desfavorável de um personagem em relação ao objeto focalizado. Também podem permitir maior alinhamento ou até desalinhamento do leitor com determinados personagens. Finalmente, podem influenciar a forma como as relações afetivas entre os personagens são construídas.

Gostaríamos de ressaltar ainda que, para além de uma simples definição minuciosa de quem está focalizando e qual é a extensão dessa focalização no texto, é essencial examinar a função dos itens valorativos na construção da focalização, bem como investigar a contribuição da

focalização para a construção dos personagens e dos conflitos em que eles se engajam no desenrolar dos eventos da narrativa.

Ao mostrarmos como as realizações das opções do sistema da VALORAÇÃO ajudam a identificar os tipos de focalização e suas variações entre os excertos original e traduzido do romance, esperamos ter contribuído para ressaltar a relevância do arcabouço teórico da valoração em análises de textos literários. Esperamos também ter despertado o interesse de estudantes e pesquisadores para esse tipo de pesquisa, que alinha conhecimentos linguísticos e literários em textos originais e traduzidos.

6 Dicas de análise

A planilha utilizada para as análises é apresentada a seguir:

Item avaliativo	avaliador	avaliado	atitude	gradação
tempest of composition	Mrs Tallis	the act of composing	atitude_afeto_realis_satisfação(+)	força_intensificação_fusionada_aumento
to miss a breakfast and a lunch	Mrs Tallis	the act of missing meals	juízo_estimasocial_capacidade(+)	
chilling	Mrs Tallis	the play	juízo_sansosocial_propriedade(-)	
desperately sad	Mrs Tallis	the play	atitude_afeto_realis_felicidade(-)	força_intensificação_isolada_aumento
of the heart	Mrs Tallis	a tale	atitude_afeto_realis_felicidade(+)	
love	Mrs Tallis	love	atitude_afeto_realis_felicidade(+)	força_intensificação_fusionada_aumento
good sense	Mrs Tallis	love	juízo_sansosocial_propriedade(+)	
doomed	Mrs Tallis	love	juízo_sansosocial_propriedade(-)	
reckless passion	Mrs Tallis	passion	juízo_estimasocial_tenacidade(-)	força_intensificação_fusionada_aumento
wicked	Mrs Tallis	count	juízo_sansosocial_propriedade(-)	
punished	Mrs Tallis	passion	juízo_sansosocial_propriedade(-)	
ill fortune	Mrs Tallis	fortune	atitude_afeto_realis_felicidade(-)	
impetuous dash	Mrs Tallis	dash	juízo_estimasocial_tenacidade(-)	
intended	Mrs Tallis	count	atitude_afeto_irrealis_inclinação(+)	
deserted	Mrs Tallis	Arabella	juízo_sansosocial_propriedade(-)	
sense of humour	Mrs Tallis	Arabella	juízo_estimasocial_capacidade(+)	
fortune	Mrs Tallis	fortune	juízo_estimasocial_normalidade(+)	
needy	Mrs Tallis	people	atitude_afeto_irrealis_inclinação(-)	
chooses judiciously	Mrs Tallis	choice	juízo_estimasocial_capacidade(+)	
rewarded	Mrs Tallis	Arabella	juízo_sansosocial_propriedade(+)	
arms around her shoulder	Briony	Briony and Tallis's relationship	atitude_afeto_realis_felicidade(+)	
obliged	Briony	Mrs Tallis	atitude_afeto_realis_segurança(+)	

Figura 1 – Planilha da Valoração com as classificações identificadas para o excerto extraído do TF

Fonte: Das autoras (2021).

- a)** Lembramos que a focalização pode ser analisada de cima para baixo (*from above*) ou de baixo para cima (*from below*). No primeiro caso, é feita a leitura do texto para uma identificação intuitiva dos tipos de focalização. Em seguida, os recursos textuais, por exemplo, os do sistema da VALORAÇÃO empregados neste capítulo, são identificados e classificados para depois verificar-se como esses recursos estão para o(s) tipo(s) de focalização presente(s) no(s) texto(s). No segundo caso, a classificação dos recursos textuais é feita primeiramente. Logo depois, pela observação de possíveis padrões linguísticos, o(s) tipo(s) de focalização é(são) definido(s). Sugerimos que as duas perspectivas sejam feitas a fim de gerar uma análise mais acurada.
- b)** Em se tratando de uma análise contrastiva entre um texto-fonte e um texto traduzido, as possibilidades de análise se desdobram. Por exemplo:
- i) analisar o TF de cima para baixo e o TT de baixo para cima, para verificar apenas as variações nos recursos textuais empregados no TT que foram considerados relevantes para a construção do tipo de focalização. Em seguida, recomendamos que se faça a análise do TT de cima para baixo também, para que as conclusões sobre a focalização do TT como um todo sejam obtidas;
 - ii) analisar o TF e o TT de baixo para cima, identificando as variações entre eles, antes de que qualquer conclusão sobre o tipo de focalização seja alcançada para ambos os textos.
 - iii) analisar o TF e o TT de cima para baixo para que a leitura do primeiro texto não influencie a do segundo. Nesse caso, o ideal seria contar com a leitura de dois analistas. Após a leitura isolada de cada um dos analistas, eles se reuniriam para trocar suas impressões sobre o(s) tipo(s)

de focalização identificada(s) ao longo dos textos. Com base nos pontos de convergência e divergência, seria possível localizar tanto os recursos textuais que geraram diferentes interpretações entre as duas leituras quanto os recursos textuais que apresentaram mudança entre o TF e o TT e resultaram em construções diferentes para os tipos de focalização nos dois textos. As classificações desses recursos textuais seriam feitas a partir das constatações dos dois analistas.

- c) Há bastante variação teórica entre os pesquisadores que abordam a focalização no campo da Narratologia. Por esse motivo, é preciso ter bem claro o referencial teórico que será adotado na pesquisa, pois a metodologia se pautará por tal referencial na definição de procedimentos e categorias de análise. Para um histórico crítico do conceito de focalização, recomendamos a leitura do capítulo *Focalization* de Burkhard Niederhoff em *The Living Handbook of Narratology* (NIEDERHOFF, 2013).

“VOCÊ CORTOU O CORDÃO E EU FIQUEI LIVRE”: VALORAÇÃO¹ E FOCALIZAÇÃO EM *ROOM* (2010)/*QUARTO* (2011)

Cliver Gonçalves Dias²
Natália Carvalho Cristófar³

1 Introdução

Nosso trabalho teve como *corpus*⁴ um excerto extraído do romance *Room* (2010), da escritora Emma Donoghue, bem como sua tradução

¹ De acordo com as convenções da teoria sistêmico-funcional, todos os nomes de sistemas devem estar grafados com a tipologia VERSALETE.

² Mestre em Estudos Linguísticos, na linha de pesquisa Estudos da Tradução, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); atualmente, cursa doutorado nessa mesma linha de pesquisa pela UFMG. E-mail: cli866428ver@ufmg.br.

³ Mestra em Estudos Linguísticos, na linha de pesquisa Estudos da Tradução, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: cristofaro.n@gmail.com.

⁴ Em nosso trabalho, não adotamos o conceito de *corpus* como abordado pela Linguística de *Corpus*. *Corpus* deve ser entendido aqui como um conjunto de textos utilizados como suporte para a análise.

para o português brasileiro, intitulada *Quarto* (2011), traduzido por Vera Ribeiro. Um dos critérios para selecionarmos esse romance foi sua configuração de narrador-personagem⁵. Trata-se de uma configuração produtiva para a análise da focalização, segundo Toolan (2001), uma vez que a perspectiva do personagem principal é apresentada em dois níveis narrativos e diferentes tipos de focalização podem estar presentes na estória. Usamos dois excertos para a análise, um extraído do texto-fonte em inglês e o outro extraído da parte equivalente do texto traduzido em português, ambos recortados do início do romance.

O romance é narrado por Jack, um menino de cinco anos de idade que é, ao mesmo tempo, um dos personagens da estória. Jack nasceu em um cativo e vive com sua mãe em um pequeno quarto, que é tudo que ele conhece. Sete anos antes dos acontecimentos narrados no início do livro, sua mãe foi raptada por um homem apresentado aos leitores como “Velho Nick”, ficando grávida do garoto dois anos depois. Sua mãe se esforça para fazer com que o pequeno quarto seja uma casa de verdade para Jack, mas o menino não tem conhecimento de que o mundo lá fora é real e acredita que tudo que vê nos livros e na televisão não existe de fato. Com o sucesso da mãe em seu plano para retirá-los do cativo, a narrativa passa a explorar as dificuldades que os dois, principalmente Jack, têm para lidar com o mundo real. O menino deseja desesperadamente voltar ao quarto, já que ele se sente sobrecarregado por tudo de novo com que passa a ter contato. Além disso, ele tem um forte laço emocional com o quarto, que chamava de casa. Apesar de viver com sua família em um ambiente acolhedor, as condições especiais do menino muitas vezes o isolam das outras pessoas. A narrativa acompanha o desenvolvimento de Jack e de sua mãe

⁵ As categorias narratológicas, tais como narrador-personagem e focalizador, são aplicadas neste trabalho com base nos conceitos apresentados no capítulo sobre a focalização neste livro.

até que o menino pede para voltar ao quarto. Ao chegar lá, ele percebe que não sente mais nenhum laço emocional com o lugar.

2 Categorias e recomendações para a análise

Nossa análise abrangeu todas as categorias da VALORAÇÃO (MARTIN; WHITE, 2005), que engloba os sistemas de ATITUDE, de COMPROMETIMENTO e de GRADAÇÃO. No que se refere à ATITUDE, a análise compreende a identificação do item avaliativo, da configuração da avaliação, do avaliador e do avaliado. A configuração da avaliação envolve o tipo específico de ATITUDE, a carga valorativa (positiva ou negativa) e o modo de ativação (indicado como *token* nos casos de avaliações implícitas e sem indicação adicional quando explícitas). Quanto ao COMPROMETIMENTO, de forma geral, as classificações envolveram as seguintes categorias: MONOGLOSSIA, HETEROGLOSSIA: EXPANDIR e HETEROGLOSSIA: CONTRAIR. No caso da GRADAÇÃO, identifica-se o tipo de amplificação ou de atenuação do grau da avaliação, que pode ser do tipo FORÇA ou do tipo FOCO.

Devido aos resultados de nossa análise, consideramos produtivo especificar o tipo de HETEROGLOSSIA. Nos excertos analisados, identificamos ocorrências de ATRIBUIR (projeção de fala e pensamento, por exemplo: “ele disse que...”, “ele pensou que...”), de CONSIDERAR (recursos que consideram outras possibilidades, por exemplo: “eu acho”, “parece que”, “talvez”, “pode ser que”) e de NEGAR (uso de negação nas orações: por exemplo, “eu **não** gosto disso”).

Para o tipo de análise empregado neste capítulo, indicamos o uso de planilhas eletrônicas. Sugerimos também que as análises do COMPROMETIMENTO + GRADAÇÃO e da ATITUDE + GRADAÇÃO sejam feitas em planilhas separadas e que cada texto (TF e TT) tenha sua própria

planilha. Ilustramos a configuração indicada para a análise do COMPROMETIMENTO com a Figura 1.

TEXTO			
Heteroglossia		Monoglossia	Gradação
Expandir	Contrair		
		Today I'm five.	▼
		I was four last night going to sleep in Wardrobe,	▼
	but when I wake up in Bed in the dark I'm changed to five, abracadabra.		▼
		Before that I was three, then two, then one, then zero.	▼

Figura 1 – Captura de tela da planilha eletrônica de anotação referente ao COMPROMETIMENTO

Fonte: Dos autores (2021).

A configuração ilustrada na Figura 1 permite que o texto seja distribuído de acordo com o tipo mais geral de COMPROMETIMENTO e que, posteriormente, seja analisado especificamente quanto ao tipo de EXPANDIR e de CONTRAIR, cuja classificação é indicada entre colchetes. Ainda sugerimos que cada coluna da planilha seja preenchida com uma cor diferente, para que as classificações sejam facilmente visualizadas.

No que se refere à anotação das categorias da ATITUDE e da GRADAÇÃO, sugerimos que, antes de inserir o texto nas linhas da planilha, ele seja segmentado em sentenças, usando para tanto o critério grafológico – da primeira palavra escrita com a letra inicial maiúscula até o aparecimento do próximo ponto final. A Figura 2 ilustra o modelo de planilha que utilizamos para a análise da ATITUDE + GRADAÇÃO. Cada coluna identifica uma categoria da configuração avaliativa.

Texto	Item valorativo	Avaliador	Afeto	Julgamento	Apreciação	Avaliado	Gradação
Today I'm five							
I was four last night going to sleep in Wardrobe,							
But when I Wake up in Bed in the dark I'm changed to five, abracadabra.							
Before that I was three, then two, then one, then zero.							
"Was I minus numbers?"							
"Humm?" Ma does a big stretch.							
"Up in Heaven. Was I minus one, minus two, minus three -?"							
"Nah, the numbers didn't start till you zoomed down."							
"Throug Skylight. You were all sad till happened in your tummy."	All sad	Eu-personagem	(-)felic			A mãe	Força(++)
	Till happened in your tummy	Eu-personagem	t(+) felic			A mãe	

Figura 2 – Captura de tela da planilha de anotação referente às avaliações da ATITUDE + GRADAÇÃO.

Fonte: Dos autores (2021).

Da mesma forma, sugerimos o preenchimento das células da planilha com uma cor específica para cada tipo de avaliação a fim de facilitar a visualização imediata das classificações. Sugerimos ainda a criação de menus de escolha para as colunas do AFETO, do JULGAMENTO, da APRECIÇÃO e da GRADAÇÃO com as categorias específicas de cada um. Essa ação gera uma economia de espaço na planilha, sobretudo se os códigos (formas abreviadas) forem utilizados nas categorias validadas. No Quadro 1, apresentamos as categorias e os códigos utilizados no presente trabalho.

Quadro 1 – Códigos de anotação dos tipos de AFETO, de JULGAMENTO, de APRECIÇÃO e de GRADAÇÃO

AFETO	JULGAMENTO	APRECIÇÃO	Carga e ativação	GRADAÇÃO
fel. = felicidade	norm. = normalidade	rea. = reação	(-) = negativa	força(+) = aumentando
sat. = satisfação	cap. = capacidade	comp. = composição	(+) = positiva	força(-) = diminuindo
seg. = segurança	ten. = tenacidade	val. = valorização	neg. = negação	foco(+) = focando
inc. = inclinação	prop. = propriedade	-	t = <i>token</i>	foco(-) = desfocando
-	ver. = veracidade	-	-	-

Fonte: Adaptado de Martin e White (2005, p. 71).

Nota: O itálico é usado para a palavra em língua estrangeira.

Ressaltamos que digitamos o “item avaliativo”, o “avaliador” e o “avaliado” de cada configuração, uma vez que essas categorias não são predefinidas. Em relação à identificação dos avaliadores, optamos por diferenciar na anotação o personagem Jack na interação dialogal com a mãe – identificado como “Jack (p)” – e Jack fora da interação com a mãe – “Jack (n)” – para verificar se há diferenças nas configurações avaliativas entre os dois níveis da narração.

3 A VALORAÇÃO e a focalização nos excertos analisados

Nesta seção, apresentamos todos os exemplos das avaliações identificadas no presente estudo. Primeiramente, apresentamos quadros com os exemplos dos tipos de ATITUDE e, na sequência, quadros com os exemplos dos tipos de COMPROMETIMENTO. Em cada exemplo, ressaltamos sua classificação em termos de focalização. Ao final da seção, também ressaltamos as configurações completas das avaliações e seus desdobramentos ao longo dos excertos analisados.

Os quadros com os exemplos dos tipos de ATITUDE apresentam os complexos oracionais nos quais os itens avaliativos ocorrem no excerto extraído do TF e no excerto equivalente extraído do TT, seguido pela identificação do item avaliativo, do avaliador, do tipo de ATITUDE, do avaliado e do tipo de GRADAÇÃO (quando ocorre). Para fins de identificação, ordenamos os exemplos numericamente e destacamos os recursos de GRADAÇÃO em letras maiúsculas. Os excertos completos estão apresentados no ANEXO. Nos casos em que houve mais de uma ocorrência de avaliação por complexo oracional, identificamos cada ocorrência por combinação de número e letra do alfabeto. A seguir, o Quadro 2 apresenta o primeiro exemplo.

Quadro 2 – Exemplo 1 de avaliação no TF e no TT

TF	"Through Skylight. You were all sad till I happened in your tummy. "				
TT	– Pela Claraboia. Você andava toda triste até eu acontecer na sua barriga.				
No.	Item avaliativo	Avaliador	ATITUDE	Avaliado	GRADAÇÃO
1a)	<i>ALL sad/</i> TODA triste	A mãe Jack (p)	AFETO: (-)fel.	Não existência de Jack	Força (+)
1b)	<i>till I happened in your tummy/</i> até eu acontecer na sua barriga	A mãe Jack (p)	AFETO: t (+)fel.	Existência de Jack	-

Fonte: Dos autores (2021).

Nota: Usa-se o negrito para os itens avaliativos e o maiúsculo para o recurso de GRADAÇÃO.

No Exemplo 1, identificamos avaliações de AFETO. Jack é quem relata o estado afetivo da mãe e não ela mesma, portanto são avaliações de AFETO mediado. Nelas, a mãe de Jack é o avaliador, visto que ela é a origem da emoção. Inserimos Jack (p) também como avaliador para enfatizar que é ele quem media o estado afetivo da mãe. As avaliações feitas aqui são do tipo felicidade, com diferente carga valorativa e distinto modo de ativação, a primeira é expressa de modo inscrito e a segunda, de modo evocado. Além disso, no item 1a) a avaliação está intensificada. No Exemplo 1, no qual esses dois itens avaliativos, 1a) e 1b), ocorrem, há uma relação de causalidade entre o nascimento de Jack e a mudança de estado emocional da mãe, passando de tristeza para felicidade. Nas duas avaliações, a focalização é interna.

Quadro 3 – Exemplo 2 de avaliação no TF e no TT

TF	<i>Ma leans out of Bed to switch on Lamp, he makes everything light up whoosh.</i>				
TT	A Mãe se inclinou pra fora da cama para acender o Abajur, que faz tudo clarear, zás.				
No.	Item avaliativo	Avaliador	ATITUDE	Avaliado	GRADAÇÃO
2)	<i>he makes EVERYTHING light up whoosh/ que faz TUDO clarear, zás</i>	Jack (n)	JULGAMENTO: t (+) cap.	Abajur	Força (+)

Fonte: Dos autores (2021).

Nota: Usa-se o negrito para os itens avaliativos e o maiúsculo para o recurso de GRADAÇÃO.

No Exemplo 2, destacado no Quadro 3, Jack (n) faz uma avaliação de JULGAMENTO. Essa é uma avaliação evocada de capacidade, com carga positiva e com elevado grau de intensificação. Nela, o abajur é avaliado por Jack, que está na função de narrador-personagem. A incidência do recurso de GRADAÇÃO – “everything”/“tudo” – torna a descrição da geração de iluminação pelo abajur um item avaliativo, nesse caso uma avaliação evocada. A percepção de Jack em relação ao abajur é de que o objeto é um ente poderoso. Nesse exemplo, a focalização é

interna, uma vez que se trata de uma visão filtrada pela perspectiva do narrador-personagem Jack.

Quadro 4 – Exemplo 3 de avaliação no TF e no TT

TF	<i>I shut my eyes just in time then open one a crack, then both.</i>				
TT	Fechei os olhos bem na hora , aí abri uma frestinha de um, depois os dois.				
No.	Item avaliativo	Avaliador	ATITUDE	Avaliado	GRADAÇÃO
3)	<i>shut [...]</i> <i>just in time/</i> fechei [...] bem na hora	Jack (n)	JULGAMENTO: t (+) cap.	Jack	-

Fonte: Dos autores (2021).

Nota: Usa-se o negrito para os itens avaliativos.

No Quadro 4, o Exemplo 3 nos apresenta Jack como narrador-personagem fazendo uma avaliação de si mesmo, de modo evocado. Essa avaliação é de JULGAMENTO do tipo capacidade, com carga valorativa positiva. Não há incidência de recursos de GRADAÇÃO. Com o uso de “just in time”/“bem na hora”, Jack ressalta sua competência, seu alto grau de treinamento para realizar determinada tarefa. A focalização também é interna nesse exemplo.

Quadro 5 – Exemplo 4 de avaliação no TF e no TT

TF	<i>“I cried till I didn’t have any tears left,” she tells me.</i>				
TT	– Eu chorava até não ter mais lágrimas – ela me contou.				
No.	Item avaliativo	Avaliador	ATITUDE	Avaliado	GRADAÇÃO
4)	<i>cried TILL I DIDN’T HAVE ANY TEARS LEFT/</i> chorava ATÉ NÃO TER MAIS LÁGRIMAS	A mãe de Jack	AFETO: (+)fel.	Nascimento de Jack	Força (+)

Fonte: Dos autores (2021).

Nota: Usa-se o negrito para os itens avaliativos e o maiúsculo para o recurso de GRADAÇÃO.

No Quadro 5, identificamos que a avaliação no Exemplo 4 é do tipo felicidade, com carga positiva e sobre a qual incide um elevado grau de intensificação, realizado por “till I didn’t have any tears left”/ “chorava até não ter mais lágrimas”. Nesse exemplo, a mãe é o avaliador e o avaliado é o nascimento de Jack. Embora o item avaliativo “cried”/“chorava” seja geralmente categorizado como negativo, analisando o cotexto em que esse item ocorre, podemos concluir que o choro da mãe é de felicidade pelo nascimento do filho. Nesse caso, a avaliação de AFETO é não mediada, ou seja, a própria personagem expressa sua reação afetiva. Consideramos a focalização também como interna, pois a perspectiva de chorar de felicidade é da própria mãe.

Quadro 6 – Exemplo 5 de avaliação no TF e no TT

TF	<i>“I just lay here counting the seconds.”</i>				
TT	– Só fazia ficar deitada aqui, contando os segundos.				
No.	Item avaliativo	Avaliador	ATITUDE	Avaliado	GRADAÇÃO
5)	<i>counting the seconds/</i> contando os segundos	A mãe de Jack	AFETO: t (+)fel.	Nascimento de Jack	-

Fonte: Dos autores (2021).

Nota: Usa-se o negrito para os itens avaliativos.

O AFETO no Exemplo 5, detalhado no Quadro 6, é também do tipo felicidade. A mãe de Jack faz uma avaliação de si mesma, de modo evocado, ao continuar a relatar seu estado emocional de felicidade à expectativa do filho. Trata-se de outro exemplo de AFETO não mediado e de outro caso de focalização interna.

Quadro 7 – Exemplo 6 de avaliação no TF e no TT

TF	“Then you wished and wished on your egg till you got fat.”				
TT	– Aí você torceu e fez um desejo pro seu ovo, até engordar.				
No.	Item avaliativo	Avaliador	ATITUDE	Avaliado	GRADAÇÃO
6)	<i>wished and WISHED/ torceu e FEZ UM DESEJO</i>	A mãe Jack (p)	AFETO: (+) fel.	Gravidez	Força (+)

Fonte: Dos autores (2021).

Nota: Usa-se o negrito para os itens avaliativos e o maiúsculo para o recurso de GRADAÇÃO.

Destacado no Quadro 7, temos o Exemplo 6, que apresenta uma avaliação de AFETO mediado – o estado afetivo da mãe é relatado pelo filho. Jack, na interação com a mãe, conversa com ela sobre o desejo dela de ficar grávida dele. A mãe, sendo a origem da emoção, é o avaliador da avaliação, que é do tipo inclinação, inscrita, positiva e intensificada. A intensificação no TF é realizada pela repetição de “wished”. Já no TT, a intensificação se realiza pelo uso de sinonímia, através da utilização de “torceu” e “fez um desejo”. Em termos de GRADAÇÃO, essa diferença na forma de realização não altera as classificações, sendo ambos os casos de intensificação da avaliação de AFETO. Esse é mais um exemplo de focalização interna.

Quadro 8 – Exemplo 7 de avaliação no TF e no TT

TF	<i>She grins.</i>				
TT	Ela sorriu.				
No.	Item avaliativo	Avaliador	ATITUDE	Avaliado	GRADAÇÃO
7)	<i>GRINS / sorriu</i>	A mãe Jack (n)	AFETO: (+)fel.	Jack	Força (+) (TF) Sem gradação (TT)

Fonte: Dos autores (2021).

Nota: Usa-se o negrito para os itens avaliativos e o maiúsculo para o recurso de GRADAÇÃO.

O Exemplo 7, que aparece no Quadro 8, também apresenta uma avaliação de AFETO mediado. Jack (n) relata a reação emocional de sua mãe, que é o avaliador por ser quem sente a emoção. Jack é o alvo de uma avaliação positiva, desta vez, do tipo felicidade. A avaliação é realizada no inglês por um processo comportamental – “grins” – o que Martin e White (2005) denominam de “onda de comportamento” (“*surge of behavior*”).

Em português, a avaliação é realizada por um processo material – “sorriu”. Aqui, identificamos uma variação valorativa no TT em relação ao TF, uma vez que “grins” apresenta algum grau de intensificação (por se tratar de um sorriso largo). Já no TT, não há qualquer intensificação. Ao relatar essa ação da mãe, Jack acentua o estado de felicidade que a mãe estava sentindo naquele momento da narrativa. Nesse exemplo, há uma dupla focalização: uma externa de Jack ao ver a mãe sorrindo e uma interna da própria mãe ao expressar seu AFETO.

Quadro 9 – Exemplo 8 de avaliação no TF e no TT

TF	<i>I always laugh at that bit.</i>				
TT	Sempre rio desse pedaço.				
No.	Item avaliativo	Avaliador	ATITUDE	Avaliado	GRADAÇÃO
8)	<i>ALWAYS laugh/</i> SEMPRE rio	Jack (n)	AFETO: (+) fel.	Parte da estória	Força (+)

Fonte: Dos autores (2021).

Nota: Usa-se o negrito para os itens avaliativos e o maiúsculo para o recurso de gradação.

O Quadro 9 traz o Exemplo 8, que apresenta uma avaliação feita por Jack (n) sobre seu próprio estado emocional. Trata-se de uma avaliação positiva de AFETO, do tipo felicidade e que está intensificada. Como no Exemplo 7, trata-se de uma avaliação que se manifesta no inglês por meio de um processo comportamental – “laugh” – e por meio de um processo material em português – “rio”. Uma vez que é o

próprio Jack que avalia sua reação afetiva, trata-se de uma avaliação de AFETO não mediado e a focalização é interna.

Quadro 10 – Exemplo 9 de avaliação no TF e no TT

TF	<i>"I thought, Jack's on his way. First thing in the morning, you slid out onto the rug with your eyes wide open."</i>				
No.	Item avaliativo	Avaliador	ATITUDE	Avaliado	GRADAÇÃO
9	<i>with your eyes WIDE OPEN</i>	A mãe de Jack	JULGAMENTO: t (+)cap. (TF)	Jack	Força (+)
TT	– Eu pensei: O Jack está chegando. Logo de manhã cedo, você saiu escorregando para o tapete, com os olhos arregalados.				
No.	Item avaliativo	Avaliador	ATITUDE	Avaliado	GRADAÇÃO
9	com os olhos ARREGALADOS	Jack A mãe de Jack	AFETO: t (-)seg. (TT)	Nascimento	Força (+)

Fonte: Dos autores (2021).

Nota: Usa-se o negrito para os itens avaliativos e o maiúsculo para o recurso de GRADAÇÃO.

O Exemplo 9, retratado no Quadro 10, apresenta uma ocorrência na qual houve variação entre o TF e o TT no tipo de ATITUDE. Enquanto no TF foi construído um valor atitudinal de JULGAMENTO positivo evocado, no TT, foi construído um valor de AFETO negativo evocado. O uso de “with your eyes wide open” no TF está associado, na língua inglesa, tanto ao JULGAMENTO de capacidade – esperteza – quanto ao AFETO, como medo, surpresa ou insatisfação. Tendo em vista o estado de felicidade da mãe (avaliador) com a chegada de Jack, interpretamos que a avaliação tem carga positiva, logo JULGAMENTO de capacidade. Em português, o uso de “olhos arregalados” parece estar associado somente ao AFETO e com prosódia mais negativa do que positiva. Nesse caso, seria um exemplo de AFETO de Jack mediado por sua mãe. Como em ambos os textos “wide open” e “arregalados” apresentam uma percepção restrita à mãe de Jack, consideramos que a focalização é interna nesse trecho.

Quadro 11 – Exemplo 10 de avaliação no TF e no TT

TF	<i>There's the stain I spilled by mistake getting born.</i>				
TT	Estava lá a mancha que eu tinha derramado por engano na hora de nascer.				
No.	Item avaliativo	Avaliador	ATITUDE	Avaliado	GRADAÇÃO
10)	<i>by mistake/ por engano</i>	Jack (n)	JULGAMENTO: (+)prop.	Jack	-

Fonte: Dos autores (2021).

Nota: Usa-se o negrito para os itens avaliativos.

O Exemplo 10, descrito no Quadro 11, mostra que Jack, na função de narrador-personagem, faz uma avaliação inscrita positiva do tipo propriedade sobre si mesmo e sem intensificação. Ao afirmar que sua ação foi involuntária – “by mistake”/“por engano” –, Jack se salvaguarda de um ato que ele pressupõe ser passível de punição. Nesse exemplo, a perspectiva de que a ação foi involuntária é do próprio Jack; portanto, trata-se de uma focalização interna.

Quadro 12 – Exemplo 11 de avaliação no TF e no TT

TF	<i>“You cutted the cord and I was free,” I tell Ma. “Then I turned into a boy.”</i>				
TT	– Você cortou o cordão e eu fiquei livre . Aí eu virei um menino.				
No.	Item avaliativo	Avaliador	ATITUDE	Avaliado	GRADAÇÃO
11a)	<i>You cutted the cord/ você cortou o cordão</i>	Jack (p)	JULGAMENTO: t (+) ten.	A mãe	-
11b)	<i>free/ livre</i>	Jack (p)	JULGAMENTO (+)prop.	Jack	-

Fonte: Dos autores (2021).

Nota: Usa-se o negrito para os itens avaliativos.

O Quadro 12 apresenta o Exemplo 11, que conta com duas avaliações. Na avaliação em 11a), a mãe de Jack é avaliada por JULGAMENTO

do tipo tenacidade, com carga positiva e de modo evocado. Em 11b), a avaliação de JULGAMENTO do tipo propriedade, positiva e inscrita incide sobre o próprio Jack. Trata-se de uma avaliação acerca da liberdade, de que o correto é garantir a liberdade das pessoas desde o nascimento. Ao fazer uma avaliação explícita de sua liberdade – “free”/“livre” – em uma relação de causalidade com a ação da mãe ao cortar o cordão umbilical, Jack constrói uma avaliação evocada acerca do comportamento da mãe, um ato heroico. Ponderamos que “free”/“livre” poderia ser interpretado como uma avaliação evocada positiva de felicidade; no entanto, ao analisarmos as configurações avaliativas dessa segunda parte do excerto, notamos a predominância de avaliações de JULGAMENTO. Nesse exemplo, a percepção é do próprio personagem Jack, ou seja, a focalização é interna.

Quadro 13 – Exemplo 12 de avaliação no TF e no TT

TF	<i>I don't think he came last night after nine, the air's always different if he came.</i>				
TT	Acho que ontem de noite ele não veio, depois das nove. O ar sempre fica diferente quando ele vem.				
No.	Item avaliativo	Avaliador	ATITUDE	Avaliado	GRADAÇÃO
12)	<i>the air's ALWAYS different if he came/</i> o ar SEMPRE fica diferente quando ele vem	Jack (n)	JULGAMENTO: t (-) prop.	ele	Força (+)

Fonte: Dos autores (2021).

Nota: Usa-se o negrito para os itens avaliativos e o maiúsculo para o recurso de GRADAÇÃO.

No Exemplo 12, descrito no Quadro 13, a avaliação negativa de JULGAMENTO do tipo propriedade é feita por Jack, na função de narrador-personagem, e incide sobre outro personagem do sexo masculino, não identificado até então na narrativa. De modo evocado, Jack percebe o comportamento desse homem como mau, impróprio. A perspec-

tiva negativa dessa avaliação é confirmada pela avaliação subsequente, apresentada no Exemplo 13 a seguir. Esse é mais um exemplo de focalização interna, uma vez que a perspectiva de que o ar fica diferente é uma percepção restrita ao personagem Jack.

Quadro 14 – Exemplo 13 de avaliação no TF e no TT

TF	<i>I don't ask because she doesn't like saying about him.</i>				
TT	Não perguntei, porque ela não gosta de falar dele.				
No.	Item avaliativo	Avaliador	ATITUDE	Avaliado	GRADAÇÃO
13)	<i>doesn't like/</i> não gosta	A mãe Jack (n)	AFETO: neg. (+) fel.	Presença de determinado homem	-

Fonte: Dos autores (2021).

Nota: Usa-se o negrito para os itens avaliativos.

No Exemplo 13, exposto no Quadro 14, temos a primeira ocorrência, até o ponto analisado, de um valor atitudinal que é negado. Trata-se de uma negação, feita por Jack, acerca da felicidade da mãe. Nessa última avaliação, identificamos mais um exemplo de AFETO mediado. Assim como nos demais exemplos desse tipo, incluímos Jack (n) junto ao avaliador. O avaliado nesse exemplo é a presença da figura masculina referida no Exemplo 12, que é o motivo da tristeza da mãe de Jack. Em termos de focalização, trata-se de uma focalização interna.

Finalizados os exemplos da análise para o sistema da ATITUDE, apresentamos as estratégias retóricas que esclarecem as escolhas desses valores. Lembremo-nos que um dos interesses recorrentes nas pesquisas acerca da VALORAÇÃO é investigar como os escritores se posicionam em relação aos valores de ATITUDE expressos nos textos. O Quadro 15 apresenta as categorizações para o sistema do COMPRO-

METIMENTO nas orações e/ou nos complexos oracionais nas/nos quais foram identificados os referidos valores atitudinais.

Quadro 15 – Categorização para o sistema de COMPROMETIMENTO nos valores atitudinais

Nº	COMPROMETIMENTO	Recurso	TF	TT
1)	EXPANDIR: ATRIBUIR	Aspas (TF) Travessão (TT)	<i>"Through Skylight. You were all sad till I happened in your tummy."</i>	– Pela Claraboia. Você andava toda triste até eu acontecer na sua barriga.
2)	MONOGLOSSIA	Complexo oracional sem recurso heteroglóssico	<i>Ma leans out of Bed to switch on Lamp, he makes everything light up whoosh.</i>	A Mãe se inclinou pra fora da cama para acender o Abajur, que faz tudo clarear, zás.
3)	MONOGLOSSIA	Complexo oracional sem recurso heteroglóssico	<i>I shut my eyes just in time, then open one a crack, then both.</i>	Fechei os olhos bem na hora, aí abri uma frestinha de um, depois os dois.
4)	EXPANDIR: ATRIBUIR	Tells/ Contou (projeção)	<i>"I cried till I didn't have any tears left," she tells me.</i>	– Eu chorava até não ter mais lágrimas – ela me contou .
5)	EXPANDIR: ATRIBUIR	Aspas (TF) Travessão (TT)	<i>"I just lay here counting the seconds."</i>	– Só fazia ficar deitada aqui, contando os segundos.
6)	EXPANDIR: ATRIBUIR	Aspas (TF) Travessão (TT)	<i>"Then you wished and wished on your egg till you got fat."</i>	– Aí você torceu e fez um desejo pro seu ovo, até engordar.
7)	MONOGLOSSIA	Complexo oracional sem recurso heteroglóssico	<i>She grins.</i>	Ela sorriu.
8)	EXPANDIR: CONSIDERAR	Always/ Sempre (modal de frequência)	<i>I always laugh at that bit.</i>	Sempre rio desse pedaço.

9)	EXPANDIR: ATRIBUIR	Aspas (TF) Travessão (TT)	<i>"I thought, Jack's on his way. First thing in the morning, you slid out onto the rug with your eyes wide open."</i>	– Eu pensei: O Jack está chegando. Logo de manhã cedo, você saiu escorregando para o tapete, com os olhos arregalados.
10)	MONOGLOSSIA	Afirmativa simples	<i>There's the stain I spilled by mistake getting born.</i>	Estava lá a mancha que eu tinha derramado por engano na hora de nascer.
11)	EXPANDIR: ATRIBUIR	Tell (TF) Travessão (TT)	<i>"You cutted the cord and I was free," I tell Ma. "Then I turned into a boy."</i>	– Você cortou o cordão e eu fiquei livre. Aí eu virei um menino.
12)	EXPANDIR: CONSIDERAR	I don't think / Acho Always/ Sempre	I don't think he came last night after nine, the air's always different if he came.	Acho que ontem de noite ele não veio, depois das nove. O ar sempre fica diferente quando ele vem.
13)	CONTRAIR: NEGAR	Don't/ Não Doesn't/ Não	I don't ask because she doesn't like saying about him.	Não perguntei, porque ela não gosta de falar dele.

Fonte: Dos autores (2021).

Nota: Usa-se o negrito para os recursos de COMPROMETIMENTO.

Conforme os leitores podem notar no Quadro 15, a maioria das estratégias de COMPROMETIMENTO em coarticulação com os valores de ATITUDE identificados é do tipo EXPANDIR: ATRIBUIR, seguida de MONOGLOSSIA. As ocorrências do tipo EXPANDIR: ATRIBUIR se referem às falas dos personagens, tanto aquelas que estão explicitamente indicadas com o uso de processos verbais (Exemplos 4 e 11) quanto aquelas indicadas pelas aspas (no inglês) ou pelo travessão (no português). As ocorrências do tipo EXPANDIR: CONSIDERAR (Exemplos 8 e 12) são formas explícitas (*always, I don't think*) de realização dos modais de probabilidade. Além dessas estratégias, houve também ocorrências do tipo CONTRAIR: NEGAR (Exemplo 13) com o uso do “not”.

A partir do desdobramento das avaliações na narrativa, consideramos relevante apresentar as configurações avaliativas de forma global. Assim, adiante, apresentamos no Quadro 16 as configurações completas das avaliações, integrando os três sistemas – COMPROMETIMENTO, ATITUDE e GRADAÇÃO. Uma vez que as configurações dos dois excertos foram similares, decidimos apresentar somente um quadro, identificando a única variação semântica entre os excertos com o uso das siglas TF e TT entre parênteses. Identificamos as configurações com os números correspondentes aos exemplos da classificação para o sistema da ATITUDE. Os recursos coloridos de azul são relativos ao excerto extraído do TF, e aqueles coloridos de vermelho são recursos do excerto extraído do TT. Optamos também pelo uso do preenchimento cinza em algumas linhas do Quadro 16 para intercalar as configurações visualmente.

Quadro 16 – Configurações avaliativas identificadas nos excertos do TF e do TT

Nº	COMPROMETIMENTO	Avaliador	ATITUDE	Avaliado	GRADAÇÃO
1a	EXPANDIR: ATRIBUIR	A mãe de Jack	AFETO: (-)fel.	Não existência de Jack	Força (+)
	Aspas, travessão	Jack (p)	Sad, triste		All, toda
1b	EXPANDIR: ATRIBUIR	A mãe de Jack Jack (p)	AFETO: t (+)fel.	Existência de Jack	-
	Aspas, travessão		Till I happened in your tummy, até eu acontecer na sua barriga		
2	MONOGLOSSIA	Jack (n)	JULGAMENTO: t (+)cap.	Abajur	Força (+)
	Afirmativa categórica (TF e TT)		Makes everything light up, whoosh, faz tudo clarear, zás		Everything, tudo
3	MONOGLOSSIA	Jack (n)	JULGAMENTO: t (+)cap.	Jack	-
	Afirmativa categórica (TF e TT)		shut (...) just in time, fechei bem na hora		
4	EXPANDIR: ATRIBUIR	A mãe de Jack	AFETO: (+)fel.	Nascimento de Jack	Força (+)
	Tells, contou		Cried, chorava		Till I didn't have any tears left, até não ter mais lágrimas

5	EXPANDIR: ATRIBUIR	A mãe de Jack	AFETO: t (+)fel.	Nascimento de Jack	-
	<i>Aspas, travessão</i>		<i>Counting the seconds, contando os segundos</i>		
6	EXPANDIR: ATRIBUIR	A mãe de Jack	AFETO: (+)inc.	Gravidez	Força (+)
	<i>Aspas, travessão</i>	Jack (p)	<i>Wished and wished, torceu e fez um desejo</i>		<i>Repetição, sinonímia</i>
7	MONOGLOSSIA	A mãe de Jack	AFETO: (+)fel.	Jack	Força (+) (TF)
	Afirmativa categórica (TF e TT)	Jack (n)	<i>Grins, sorriu</i>		<i>Grins</i>
8	EXPANDIR: CONSIDERAR	Jack (n)	AFETO: (+)fel.	Parte da estória	Força (+)
	<i>Always, sempre</i>		<i>Laugh, riu</i>		<i>Always, sempre</i>
9	EXPANDIR: ATRIBUIR	A mãe de Jack	JULGAMENTO: t (+) cap. (TF)	Jack (TF) Nascimento (TT)	Força (+)
	<i>Aspas, travessão</i>		AFETO: t (-)seg. (TT)		<i>With your eyes wide open, com os olhos arregalados</i>
10	MONOGLOSSIA	Jack (n)	JULGAMENTO: t (+) prop.	Jack	-
	Afirmativa categórica (TF e TT)		<i>Mistake, engano</i>		
11a	EXPANDIR: ATRIBUIR	Jack (p)	JULGAMENTO: t (+)ten.	A mãe	-
	<i>Tell, travessão</i>		<i>Cutted the cord, cortou o cordão</i>		
11b	EXPANDIR: ATRIBUIR	Jack (p)	JULGAMENTO(+))prop.	Jack	-
	<i>Tell, travessão</i>		<i>Free, livre</i>		
12	EXPANDIR: CONSIDERAR	Jack (n)	JULGAMENTO: t (-) prop.	Certo homem da estória	Força (+)
	<i>Always, sempre</i>		<i>The air's always different if he came, o ar sempre fica diferente quando ele vem</i>		<i>Always, sempre</i>
13	CONTRAIR: NEGAR	A mãe de Jack	AFETO: neg. (+)fel.	Certo homem da estória	-
	<i>Doesn't, não</i>	Jack (n)	<i>Like, gosta</i>		

Fonte: Dos autores (2021).

Nota: Usa-se a fonte azul para os recursos do TF e a fonte vermelha para os do TT

O texto-fonte (TF) e o texto traduzido (TT) apresentaram configurações semelhantes das avaliações no que tange aos excertos analisados. Devido à convergência na maioria dos casos, as classificações apresentadas se aplicam tanto ao excerto extraído do TF quanto ao excerto extraído do TT, com um único caso de variação no Exemplo 9, que é indicado e apresentado separadamente.

No que diz respeito ao desenrolar das avaliações nesses excertos analisados, o original em inglês e o equivalente traduzido para o português, podemos sublinhar dois traços. O primeiro se refere à configuração “tipo de avaliação + avaliado” e o segundo à carga valorativa. Da avaliação 1 à avaliação 7, é possível notar que há uma predominância de avaliações do tipo AFETO que têm a mãe de Jack como a fonte das emoções. Além disso, os tipos de COMPROMETIMENTO são de MONOGLOSSIA e de HETEROGLOSSIA do tipo EXPANDIR: ATRIBUIR. Já a partir da avaliação 8, as configurações apresentam outros padrões; a predominância das avaliações é do tipo JULGAMENTO e Jack passa a ser o principal avaliado. Além disso, há ocorrência de outros tipos de HETEROGLOSSIA, tais como EXPANDIR: CONSIDERAR e CONTRAIR: NEGAR.

Em relação à carga valorativa identificada nos excertos analisados, pode-se constatar a ocorrência de uma primeira avaliação negativa, seguida de uma série ininterrupta de avaliações positivas (exemplos 1b a 11b no excerto extraído do TF) e finalizada por duas avaliações negativas (uma delas com a incidência da negação). A referida série de avaliações positivas parece construir, no desenrolar da narrativa, uma saturação que amplifica o impacto e o valor negativo do avaliado na configuração da avaliação 12. Essa saturação, no entanto, foi atenuada no excerto extraído do TT pela variação ocorrida na avaliação 9.

4 A VALORAÇÃO e a focalização nos excertos analisados

Em linhas gerais, o desenrolar das configurações avaliativas nos excertos analisados constrói significados e valores que têm potencial de alinhar o leitor ao posicionamento discursivo da narrativa. Especificamente no que concerne à correlação entre as configurações avaliativas e as categorias da focalização (RIMMON-KENAN, [1983] 2002; TOOLAN, 2001), os exemplos analisados nos mostram que as “facetras” psicológica e ideológica, definidas no capítulo sobre a focalização deste livro, são capturadas na VALORAÇÃO pelos sistemas do AFETO e do JULGAMENTO, respectivamente. Além disso, o sistema do COMPROMETIMENTO permite a análise do posicionamento do narrador em relação à avaliação feita pelos personagens.

Fundamentados na análise semântico-discursiva do arcabouço da VALORAÇÃO, identificamos que a categoria “avaliador” corresponde à categoria “focalizador” da mesma forma que “avaliado” corresponde ao “focalizado”. Em outras palavras, as categorias da análise semântico-discursiva nos permitem investigar as fontes, tipos e alvos das focalizações, as quais estão no escopo da Narratologia. Além disso, identificamos uma consistência entre a configuração avaliativa “avaliador avalia seu próprio estado emocional” e a configuração da focalização “focalizador interno focaliza focalizado interno”. É importante sublinhar que, nos excertos analisados, o avaliador é majoritariamente o narrador-personagem, ou seja, ele é a principal fonte da focalização.

Nos exemplos 10, 11 e 12, em que há ocorrências de JULGAMENTO de propriedade, a configuração avaliativa “avaliador avalia seu próprio comportamento e de outros no domínio da sanção social” conflui com a configuração “focalização ideológica por focalizador interno”. Segundo Rimmon-Kenan ([1983] 2002, p. 84), determinados valores ideológicos

podem ser construídos pela justaposição das focalizações ⁶. Esse é o caso nos referidos exemplos, nos quais as focalizações de Jack nos dois níveis narrativos são congruentes, corroborando sua classificação como narrador-personagem.

Por meio da análise realizada, pudemos identificar uma variação de focalização no excerto extraído do TT. No Exemplo 9, apresentado novamente no Quadro 17 a seguir, a configuração da avaliação no TF converge com a focalização psicológica emotiva interna (RIMMON-KENAN, [1983] 2002, p. 82). A sequência de avaliações positivas em relação ao estado emocional da mãe de Jack cria uma prosódia que se estende e age sobre a configuração da avaliação no Exemplo 9:

Quadro 17 – Exemplo 9 de avaliação no TF e no TT

TF	<i>"I thought, Jack's on his way. First thing in the morning, you slid out onto the rug with your eyes wide open."</i>			
Nº	Avaliador	ATITUDE	Avaliado	GRADAÇÃO
9	A mãe de Jack	JULGAMENTO: t (+) cap. (TF)	Jack	Intensificado
TT	– Eu pensei: O Jack está chegando. Logo de manhã cedo, você saiu escorregando para o tapete, com os olhos arregalados.			
No.	Avaliador	ATITUDE	Avaliado	GRADAÇÃO
9	A mãe de Jack	AFETO: t (-)seg. (TT)	Jack	Intensificado

Fonte: Dos autores (2021).

Nota: Usa-se o negrito para os itens avaliativos.

Considerando a interpretação apresentada sobre a diferença de avaliação entre o excerto extraído do TF e o excerto extraído do TT, podemos afirmar que há, no excerto do TT, uma variação de focalização, que se configura como psicológica objetiva (não envolvida). No excerto

⁶ A justaposição ocorre quando há uma congruência entre as focalizações nos dois níveis narrativos (RIMMON-KENAN, [1983] 2002, p. 84).

do TF, a focalização psicológica é subjetiva, conforme já argumentamos. Isso indica que o arcabouço da VALORAÇÃO permite a identificação de variações na focalização de textos traduzidos quando estes têm suas configurações avaliativas comparadas com aquelas identificadas no TF. Além disso, o sistema da VALORAÇÃO propicia, de forma geral, a investigação de como os personagens e o narrador percebem/focalizam pessoas, coisas e fenômenos.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. de. *Miss Dollar: Stories by Machado de Assis*. Bilingual edition. Translated by Greicy Pinto Bellin and Ana Lessa-Schmidt. USA: New London Librarium, 2016.

BAL, M. Focalization. In: BAL, M. *Narratology: Introduction to the theory of narrative*. Toronto; Buffalo; London: University of Toronto Press, 2009. p. 145-180.

BLAUTH, T. P. *A paisagem indizível em duas traduções brasileiras de Heart of darkness: uma análise de estilo com base em corpus*. Orientadora: Célia Maria Magalhães. 2015. 138 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

BOSSEAUX, C. Point of view in translation: a corpus-based study of French translations of Virginia Woolf's *To the Lighthouse*. *Across Languages and Cultures*, v. 5, n. 1, p. 107-122, 2004.

BROWNE, A. *Tudo muda*. Tradução de Clarice Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2016.

CONRAD, J. *O Coração da Treva*. Tradução de Hamilton Trevisan. São Paulo: Global, 1984.

CORTÁZAR, J. Continuidade dos parques. In: CORTÁZAR, J. *Final do jogo*. Tradução de Remy Gorja Filho. Rio de Janeiro: Ecl. Expressão e Cultura, 1971. [s. p.].

- DONOGHUE, E. *Room*. London: Picador, 2010.
- DONOGHUE, E. *Quarto*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Verus Editora, 2011.
- DOSTOIÉVSKI, F. M. *O idiota*. 1. ed. São Paulo: Martin Claret, 2020.
- FAIRCLOUGH, N. Discourse representation in media discourse. *Sociolinguistics*, n. 17, p. 125-139, 1988.
- FAULKNER, W. *Collected Stories of William Faulkner*. New York: Random House, 1950.
- FAULKNER, W. *Uma rosa para Emily*. 2013. Disponível em: <https://conselheiroacacio.wordpress.com/2013/02/19/rosa-para-emily-faulkner/>. Acesso em: 23 fev. 2021.
- FLAUBERT, G. *Madame Bovary*. Tradução de Fernanda Ferreira Graça. Sintra: Publicações Europa-América Ltda., 1994.
- GENETTE, G. *Narrative Discourse: An Essay on Method*. Translated by Jane E. Lewin. Ithaca: Cornell University Press, 1980.
- HALLIDAY, M. A. K. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 1994.
- JAHN, M. Focalization. In: HERMAN, D. (Ed) *The Cambridge companion to narrative*. Cambridge University Press, 2007. p. 94-108.
- JAMES, H. *The Turn of the Screw and Other Stories*. Harmondsworth: Penguin, 1973.
- JOYCE, J. *Dublinenses*. Tradução de Hamilton Trevisan. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1964.
- LAHIRI, J. *Intérprete de Males*. Tradução de Paulo Henriques Britto. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- LEECH, G.; SHORT, M. *Style in Fiction: a linguistic introduction to English fictional prose*. 2 ed. Harlow, England: Pearson Education Limited, 2007.

LISPECTOR, C. *Onde estivestes de noite?* 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999.

MACKEN-HORARIK, M. Appraisal and the special instructiveness of narrative. *Text*, v. 23, n. 2, p. 285-312, 2003.

MACKEN-HORARIK, M.; ISAAC, A. Appraising appraisal. In: THOMPSON, G.; ALBA-JUEZ, L. (ed.). *Evaluation in context*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2014. p. 67-92.

MALMKJÆR, K. *The Routledge linguistics encyclopedia*. London; New York: Routledge, 2010.

MARTIN, J. R. *English text: system and structure*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 1992.

MARTIN, J. R. Genre, ideology and intertextuality: A systemic functional perspective. [Special issue]. *Linguistics and the Human Science*, v. 2, n. 2, p. 275-298, 2006.

MARTIN, J. R. Semantic variation: modelling system, text and affiliation in social semiosis. In: BEDNAREK, M.; MARTIN, J. R. (org.). *New Discourse on Language: Functional Perspectives on Multimodality, Identity, and Affiliation*. London/New York: Continuum, 2010, p. 1-34.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. [2003] *Working with discourse: meaning beyond the clause*. London; New York: Continuum, 2007.

MARTIN, J. R.; ROSE, D. *Genre relations: mapping culture*. London; Oakville: Equinox Publishing Co., 2008.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. *The language of evaluation: appraisal in English*. Hampshire: Palgrave Macmillan, 2005.

McEWAN, I. *Atonement*. London: Jonathan Cape, 2001.

McEWAN, I. *Reparação*. Tradução de Paulo Henriques Britto. Campinas: Cia das Letras, 2002.

McEWAN, I. *Enclausurado*. Tradução de Jorio Dauster. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MOSS, S. *The world's shortest stories*. Philadelphia; London: Running Press, 1998.

MUNDAY, J. *Style and Ideology in Translation: Latin American Writing in English*. New York: Routledge, 2008.

NIEDERHOFF, B. Focalization. In: HÜHN, P. et al. (ed.). *The Living Handbook of Narratology*. Hamburg: Hamburg University Press. Disponível em: <http://hup.sub.uni-hamburg.de/lhn/index.php?title=Focalization&oldid=1561>. Acesso em: 8 maio 2017.

NØRGAARD, N.; MONTORO, R.; BUSSE, B. *Key terms in Stylistics*. London; New York: Continuum, 2010.

O'CONNOR, F. *É difícil encontrar um homem bom*. Tradução de José Roberto O'Shea. São Paulo: ARX, 2003.

RIMMON-KENAN, S. Focalization. In: RIMMON-KENAN, S. [1983] *Narrative fiction: Contemporary poetics*. London; New York: Routledge, 2002. p. 73-88.

ROTHERY, J.; STENGLIN, M. Entertaining and instructing: exploring experience through story. In: CHRISTIE, F.; MARTIN, J. R. (ed.). *Genre and institutions: social processes in the workplace and school*. London/New York: Continuum, 1997. p. 231-263.

SOUZA, L. M. F. *Interlingual re-instantiation: a model for a new and more comprehensive systemic functional perspective on translation*. Orientadora: Maria Lúcia

B. de Vasconcellos. 2010. 339 f. Tese (Doutorado em Língua Inglesa) – Programa de Pós-Graduação em Letras/Inglês e Literatura Correspondente, Universidade de Sydney; Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SOUZA, L. M. F. A tradução de termos de recentes desenvolvimentos da Linguística Sistêmico-funcional para o português brasileiro. *Tradução & Comunicação* – Revista Brasileira de Tradutores, n. 22, p. 73-90, 2011.

TOOLAN, M. Focalization. In: TOOLAN, M. *Narrative: A critical linguistic introduction*. London; New York: Routledge, 2001. p. 59-62.

USPENSKY, B. *A poetics of composition*. Berkeley: University of California Press, 1973.

VIAN JR. *et al.* (org.). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmico-funcionais com base no sistema de avaliatividade*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

WHITE, P. R. R. *Guide to Appraisal*. 2001. Disponível em: <http://www.grammatics.com/appraisal/appraisalguide/appraisalguidewpfiles.html>. Acesso em: 31 ago. 2017.

APÊNDICE

Lista de termos bilíngue – sistema da VALORAÇÃO¹

ACKNOWLEDGE	RECONHECER
AFFORD	PROPICIAR
AMBIGUOUS	AMBÍGUO (A)
ATTRIBUTE	ATRIBUIR
APPRAISAL	VALORAÇÃO
CONCUR	CONCORDAR
CONTRACT	CONTRAIR
COUNTER	CONTRAPOR
DENY	NEGAR
DIALOGIC CONTRACTION	CONTRAÇÃO DIALÓGICA
DIALOGIC EXPANSION	EXPANSÃO DIALÓGICA
DISCLAIM	REFUTAR
DISTANCE	DISTANCIAR
DOWN-SCALE	DESCER (na escala)
EMOTER	EMOTIVO
ENGAGEMENT	COMPROMETIMENTO

¹ A maioria dos termos deste anexo são traduções de Vian Jr. *et al.* (2010) e Souza (2011). Alguns termos traduzidos nessas obras foram ressignificados; outros, ainda, nelas não listados, são de responsabilidade dos autores deste livro.

ENDORSE	ENDOSSAR
ENTERTAIN	CONSIDERAR
EXPAND	EXPANDIR
EXPOSITORY QUESTION	PERGUNTA EXPOSITIVA
FLAG	SINALIZAR
LEADING QUESTION	PERGUNTA SUGESTIVA DE RESPOSTA
LOADING	CARGA
LOWER	DIMINUIR
MODES OF ACTIVATION	MODOS DE ATIVAÇÃO
PROCLAIM	PROCLAMAR
PRONOUNCE	PRONUNCIAR
PROSODY: DOMINATING	PROSÓDIA DE DOMINAÇÃO
PROSODY: INTENSIFYING	PROSÓDIA DE INTENSIFICAÇÃO
PROSODY: SATURATING	PROSÓDIA DE SATURAÇÃO
PROVOKE	PROVOCAR
(PUTATIVE) READER	LEITOR PROSPECTIVO
RAISE	AUMENTAR
RHETORICAL QUESTION	PERGUNTA RETÓRICA
SHARPEN	FOCAR
SOFTEN	DESFOCAR
SYNDROME	SÍNDROME
(ATTITUDINAL) TOKEN	TOKEN ATITUDINAL
(IDEATIONAL) TOKEN	TOKEN IDEACIONAL
TRIGGER	GATILHO
UP-SCALE	SUBIR (na escala)
VALUATION	VALORIZAÇÃO

ANEXO

ROOM

Today I'm five. I was four last night going to sleep in Wardrobe, but when I wake up in Bed in the dark I'm changed to five, abracadabra. Before that I was three, then two, then one, then zero.

"Was I minus numbers?"

"Hmm?" Ma does a big stretch.

"Up in Heaven. Was I minus one, minus two, minus three—?"

"Nah, the numbers didn't start till you zoomed down."

"Through Skylight. You were all sad till I happened in your tummy."

"You said it." Ma leans out of Bed to switch on Lamp, he makes everything light up *whoosh*.

I shut my eyes just in time, then open one a crack, then both.

"I cried till I didn't have any tears left," she tells me. "I just lay here counting the seconds."

"How many seconds?" I ask her.

"Millions and millions of them."

“No, but how many exactly?”

“I lost count,” says Ma.

“Then you wished and wished on your egg till you got fat.”

She grins. “I could feel you kicking.”

“What was I kicking?”

“Me, of course.”

I always laugh at that bit.

“From the inside, *boom boom*.” Ma lifts her sleep T-shirt and makes her tummy jump. “I thought, *Jack’s on his way*. First thing in the morning, you slid out onto the rug with your eyes wide open.”

I look down at Rug with her red and brown and black all zigging around each other. There’s the stain I spilled by mistake getting born. “You cutted the cord and I was free,” I tell Ma. “Then I turned into a boy.”

“Actually, you were a boy already.” She gets out of Bed and goes to Thermostat to hot the air.

I don’t think he came last night after nine, the air’s always different if he came. I don’t ask because she doesn’t like saying about him.

QUARTO

Hoje eu tenho cinco anos. Tinha quatro ontem de noite, quando fui dormir no Guarda-Roupa, mas quando acordei na Cama, no escuro, tinha mudado pra cinco, abracadabra. Antes disso eu tinha três, depois dois, depois um, depois zero.

– Eu fui um número negativo?

– Hã? – disse a Mãe, dando uma espreguiçadona.

– Lá no Céu. Eu fiz menos um, menos dois, menos três...?

– Não, os números só começaram quando você desceu zunindo.

– Pela Claraboia. Você andava toda triste até eu acontecer na sua barriga.

– Falou e disse.

A Mãe se inclinou pra fora da cama para acender o Abajur, que faz tudo clarear, zás.

Fechei os olhos bem na hora, aî abri uma frestinha de um, depois os dois.

– Eu chorava até não ter mais lágrimas – ela me contou. – Só fazia ficar deitada aqui, contando os segundos.

– Quantos segundos? – perguntei.

– Milhões e milhões.

– Não, mas quantos, exatamente?

– Perdi a conta – disse a Mãe.

– Aî você torceu e fez um desejo pro seu ovo, até engordar. Ela sorriu.

– Eu sentia você chutar.

– O que eu chutava?

– A mim, é claro.

Sempre rio desse pedaço.

– Pelo lado de dentro, tum, tum – a Mãe levantou a camiseta de dormir e fez a barriga pular. – Eu pensei: O Jack está chegando. Logo de manhã cedo, você saiu escorregando para o tapete, com os olhos arregalados.

Olhei para o Tapete, com o vermelho, o marrom e o preto fazendo zigzagues um em volta do outro. Estava lá a mancha que eu tinha derramado por engano na hora de nascer.

– Você cortou o cordão e eu fiquei livre. Aí eu virei um menino.

– Na verdade, você já era um menino.

Ela se levantou da Cama e foi até o Termostato esquentar o ar.

Acho que ontem de noite ele não veio, depois das nove. O ar sempre fica diferente quando ele vem. Não perguntei, porque ela não gosta de falar dele.



FALE
FACULDADE
DE LETRAS

UFMG

